



GASTOS PÚBLICOS

TCE investiga 160 prefeituras por contratos de shows milionários

Órgão emitiu recomendação para que gestores evitem despesas exorbitantes com atrações. **Página 13**

Foto: Marcos Russo



Abandonados, prédios históricos ameaçam desabar

Tomados pelo mato, casarões antigos de João Pessoa são símbolos do apagamento da história e risco iminente de acidentes. **Página 5**



Foto: Evandro Pereira

Enquanto houver opressão, existirá resistência, diz Waldir Porfírio

Advogado fala sobre trajetória marcada por lutas, perseguições e resistência no centenário do PCdoB.

Página 4

Covid-19 já é relacionada ao surgimento de outras doenças

Foto: Marcus Antonius/Arquivo



Além de deixar sequelas, que podem acompanhar o paciente por mais de um ano, pesquisas revelam que doença também abre portas para outras enfermidades.

Página 3

■ “O ritmo da economia brasileira no decorrer do ano não será o mesmo de 2021. Com inflação persistente, é evidente que teremos impactos negativos sobre o resultado do PIB”.

Amadeu Fonseca

Página 17

■ “Quem na Paraíba sabe da existência da equipe do Igaracy? E o valoroso Sabugy? Pois saibam que esses times tiveram a honra de serem glorificados pelo maestro Carlos Santorelli”.

Fábio Mozart

Página 14



Foto: Edson Matos

Paixão pelo futebol além dos gramados

Na Paraíba, futebol de mesa tem federação, competições acirradas e jogadores apaixonados pelo esporte.

Página 21

Pesquisadores da UFPB tentam recuperar os corais do Seixas

Equipe da UFPB faz coleta de fragmentos para desenvolver métodos de regeneração dos recifes.

Página 20

Brasil é alvo do Google no combate à desinformação

Na busca por melhorias na hora de divulgar informação, empresa diz que Brasil é uma das prioridades.

Página 15

Subsídio mais alto para casa própria anima setor imobiliário

Expectativa é que a medida do Governo Federal estimule investimentos na construção civil.

Página 17

A morte misteriosa do fotógrafo de Lampião

Há 84 anos, morria o libanês Abraão Benjamim Calil Botto, o homem que registrou as imagens mais famosas do cangaceiro Lampião e de seu bando.

Página 25



Ilustração: Tônio

Startups podem propor soluções para educação e turismo na PB

Chamada “Desafios Tecnológicos e Inovação – Conectando Startups” abre inscrições ainda este mês.

Página 19

Editorial

Em pratos limpos

A experiência de uma plenária do Orçamento Democrático Estadual (ODE) é um desafio e tanto para o gestor público. Não há um roteiro a ser fielmente seguido pelos participantes, seja do lado dos representantes políticos, seja das lideranças da sociedade civil organizada. Ninguém controla as reivindicações apresentadas pela população, assim como, no calor da hora, o poder público pode fechar acordos inéditos com moradores da região.

Nas palavras do governador João Azevêdo (PSB), que cumpre uma extensa agenda de audiências públicas até o início de julho, as plenárias do ODE configuram um “aprendizado prático do que é democracia”. É preciso saber ouvir e falar, para que se alcance a harmonia possível em um coro formado por tantas e diferentes vozes. Por ser dialética, a construção do diálogo não é fácil, mas sem ele não existe democracia participativa.

Gestor que não se afoba, por exemplo, com uma barulhenta manifestação de jovens em prol da reforma de suas escolas está em sintonia com o ideal maior do Orçamento Democrático Estadual, que é ouvir, “olho no olho”, o que os moradores têm a dizer sobre as ações que consideram mais adequadas para melhorar a qualidade de vida na sua região. São as provas de fogo que exigem do agente político habilidades especiais.

Que atribuições seriam essas? Acima de tudo, a consciência de que o administrador público está ali para servir ao povo. Saber que os grupos em situação de vulnerabilidade, seja ela qual for, por sentirem na pele os efeitos das desigualdades sociais, exteriorizam suas queixas uns com mais, outros com menos veemência, portanto, ser capaz de manter a ordem com argumentos convincentes e imposição apenas do respeito mútuo.

Outro teste para o gestor público, nas plenárias do ODE, é a prestação de contas à população. Ou fez ou não fez, eis a questão. Não dá para tentar iludir a plateia com a surrada demagogia. Também neste quesito, o Governo da Paraíba está bem na fita. O equilíbrio fiscal é a ponte que une gestão e sociedade, vez que por ela passam as políticas públicas que estão garantindo melhores serviços em áreas essenciais ao bem-estar da população.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A gaita do tango

O bandoneón parece uma gaita botoneira, por ser equipado por teclados de botões nas duas mãos, como o fole brasileiro. Os instrumentos de fabricação brasileira tinham em geral de 71 a 76 botões. Eram produzidos por Danielson & Goettems, em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, até o início dos anos 80's. Quando a produção foi suspensa, a fábrica passou a se dedicar a concertos e afinação.

Seu nome vem do seu inventor, o alemão Heinrich Band (1821-1860). Portanto, é um instrumento recente: ainda não completou dois séculos. A não ser que se queira considerá-lo um descendente da sanfona: este instrumento chinês já completou cinco milênios. Sem forçar a lógica, o bandoneón bem que pode ser alinhado entre os instrumentos de origem chin. Até que se parece: faltam-lhe os olhos puxados, mas o resto lembra bem.

Na América do Sul, o bandoneón é praticado nas culturas platinas: Argentina, Uruguai, Paraguai, e no pampa brasileiro. Foi introduzido nesses países pelos imigrantes alemães. No país de Heinrich Band ele é executado não só como instrumento mundano, mas ainda nas celebrações religiosas. É a peça principal na formação nos grupos de tango. No Brasil, o bandoneón é praticado Rafael Kohler, Hermeto Pascoale Doly Costa, ambos de Porto Alegre, RS.

Entre nós, não será surpresa se um dia encontrarmos o bandoneonista Philippe Etchebest, pai da cantora e bailadora Evangelina Etchebest, radicada em Parahyba há uns bons dois anos. Ele é também mestre-cuca; a torcida espera ansiosa pela abertura de seu restaurante, regado a bons vinhos e tango. São inseparáveis. Espero que a casa me aceite, eu que sou abstêmio há mais de vinte anos.

Quem nasceu primeiro, o tango ou o bandolion?

O tango nasceu nos cabarés dos bairros negros de Buenos Aires, nos fins do século 19. Sua certidão de nascimento data de 1897, grafada numa partitura, “El entrerriano”, composição do crioulo Mendizabal, a expressão refere-se à localidade conhecida por Entre Rios, de onde era oriundo o boêmio Segovia, um jóquei frequentador

da noite de Buenos Aires.

Na esteira do tango Entre Rios, surgiram os tangos “Don Esteban” e “Z. Club”, este último também da lavra de Mendizabal. Eis a letra do primeiro tango: Entrerriano Y Argentino, de José Larralde:

“Hace rato ando faltando / de los pagos entrerrianos. / Y aunque me suebrantas ganas, / sólotengopasoñarlo. / Hace rato ando pensando / de arrimarme a sus cuchillas / y recostaoenun tala / llenarme de maravillas. / Darlepiolín al Arroyo / o cartucho al pajonal / y al silbo de una chamarra / poder sentirme bagual. / Entre Rios, pago macho, cómo quisiera volver / y enredao a una guitarra / sentir que vivo otra vez. / A una legua más o menos / haciael sur de Villaguay / hayun rancho color tiempo, / abájese que anda por ahí.

“Tal vez no encuentreal patrón / porque es hombre de camino, / amigo de larazón, / entrerriano y argentino. / Recuerde que alláhay abrigo / y agua fresca palased, / rancho de Pancho Velásquez, / si anda por ahí, bájese. / Entre Rios, pago macho, / cómo quisiera volver / y enredao a una guitarrasentir que vivo otra vez. / Yenredao a una guitarra, sentir que vivo otra vez.”

O tango é cosmopolita desde seu nascimento, pois teve origem nos cabarés. Seu principal intérprete foi o francês Carlos Gardel, que imigrou para Buenos Aires com a mãe, quando tinha dois anos. Por letrista, teve o brasileiro Alfredo Le Pera, que morreu juntamente com Gardel – foram parceiros na vida e na morte.

“

O tango nasceu nos cabarés dos bairros negros de Buenos Aires

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Efeitos da chuva

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Uma disputa muito acirrada

O grande debate que sucedeu ao anúncio de Burity como futuro governador da Paraíba, foi a decisão de Antônio Mariz em ir à disputa na convenção da ARENA, contrariando o que havia determinado o presidente Geisel. A questão era avaliada como arriscada, mas ele e seus apoiadores acreditavam nas chances de vitória.

Em 1973, portanto, a Paraíba viveu dias de grande efervescência política. As disputas eram entre Burity e Mariz para Governador, Clóvis Bezerra e Valdir dos Santos Lima para vice, Milton Cabral e Ernani Sátiro para Senador biônico. Uma das vagas para o senado seria preenchida por eleição direta que tinha Ivan Bichara como candidato da ARENA. Cada grupo em busca da conquista de votos dos convencionais. Os dois lados contabilizavam números que animavam as perspectivas de vitória. A população acompanhava essa movimentação assumindo suas preferências.

No dia 4 de junho, desde as 7h, a Praça João Pessoa começava a receber um grande público. Os partidários de Mariz eram visivelmente em maior quantidade e bem mais barulhentos. Antes de iniciados os discursos no plenário da Assembleia Legislativa, onde se realizaria a Convenção, vários oradores ocuparam o parlatório que fica na frente do prédio e ali improvisaram um comício. Parlamentares e lideranças municipais se revezavam nos pronunciamentos em defesa da chapa de contestação liderada por Mariz. Até o popular Mocidade fez uso da palavra, assim se expressando: “Mais uma vez assaltam a soberania da Paraíba. Esta praça é do povo, e eu estou acostumado a falar na praça do guardião da democracia que foi o presidente João Pessoa e o faço agora em defesa do nome de Mariz”.

Por volta das 10h, encerradas as manifestações na tribuna da praça, o público ocupou as galerias para ouvir os oradores daquela festa cívica. Em sendo maioria, os marizistas vaiavam os adversários e aplaudiam os correligionários. O único orador dentre os governistas ouvido em silêncio foi Tarcisio Burity, em razão do apelo feito por João Agripino no sentido

de que o escutassem com respeito.

Sendo o primeiro a discursar, João Agripino iniciou dizendo: “Eu não ensinei a Paraíba a ser rebelde. Porque esse comportamento, eu proclamo, foi João Pessoa quem ministrou. Compreendo as reações. Apenas eu lhes peço para provarmos que somos um povo bravo, mas educado politicamente. Somos da ARENA e queremos Mariz candidato a governador por nosso partido. Contamos com vocês”.

Exatamente às 14h começou o processo de votação, que durou até as 17h, quando então as duas urnas coletoras de votos foram lacradas e entregues à Comissão Apuradora para contagem das cédulas ali depositadas e conseqüente conhecimento do resultado da histórica convenção.

Ao ser encerrada a votação, João Agripino sugeriu ao presidente dos trabalhos que promovesse a evacuação das galerias, permitindo a presença apenas dos convencionais durante o processo de apuração, no que foi atendido. O público ficou ansiosamente esperando o resultado na Praça João Pessoa.

Predominava o nervosismo natural em qualquer momento que antecede a contagem de votos de uma eleição. Mas os partidários das duas chapas faziam contas que prenunciavam a vitória dos seus respectivos candidatos, embora na certeza de que o vencedor obteria uma pequena vantagem de votos sobre o adversário. A Comissão Apuradora, composta por Teotônio Neto, Álvaro Gaudêncio e Américo Maia, presidida pelo primeiro, iniciou a abertura das cédulas exatamente às 17h30, sob os olhares atentos dos que participavam da convenção.

Quarenta e cinco minutos depois foi proclamado o resultado, apontando a vitória dos governistas. Para governador e vice, Burity e Clóvis Bezerra tiveram 152 votos, enquanto Mariz e Valdir dos Santos Lima contaram com 124 sufrágios. Confirmou-se então a expectativa de que seria apertada a disputa. Para o Senado, Milton Cabral obteve 162 votos, contra 111 dados a Ernani Sátiro. Tarcisio Burity tornava-se oficialmente o candidato da Arena ao Governo do Estado a ser eleito numa votação indireta.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

ALÉM DAS SEQUELAS

Covid-19 abre portas para outras doenças

Doença é considerada sistêmica e pode afetar todo o corpo humano

Ana Flávia Nóbrega
 anaflavianobrega@gmail.com

Com o avanço vacinal, desobrigatoriedade do uso de máscaras, o retorno à vida em espaços coletivos tem sido uma realidade depois de dois anos convivendo com o medo, isolados ou afastados em função das fases mais graves da pandemia da Covid-19. A nova realidade pós-vacinação permite que a população esteja segura contra o desenvolvimento de mais casos da doença, além de evitar a proliferação mais rápida do vírus.

Dessa forma, o SARS-CoV-2 deixou de ser uma preocupação exacerbada para a grande parte da população que, por vezes, até podem esquecer da pandemia. Quem não esquece, porém, são as pessoas que lidam cotidianamente com as sequelas e outros problemas de saúde surgidos a partir da contaminação com o vírus.

Nos hospitais, clínicas e espaços de atendimento médico, a gravidade da doença segue sendo sentida. Isto porque, para além das sequelas que podem acompanhar o paciente por mais de um ano, que podem ser representadas desde queda de cabelo a dificuldades respiratórias, cientistas investigam diariamente o surgimento de doenças e a potencialização de patologias ocasionadas pela Covid-19, que é considerada uma doença sistêmica, que pode afetar todo o corpo,



O médico Fernando Chagas diz que o SARS-CoV-2 pode destruir qualquer órgão

como descreve o infectologista Fernando Chagas, médico e diretor do hospital Clementino Fraga.

“Infelizmente o SARS-CoV-2, o vírus que provoca a Covid-19, pode repercutir e ter sua ação destrutiva em qualquer órgão do corpo. Então vai desde lesões dentro do endotélio, no tecido dos vasos sanguíneos, até dentro de órgãos como o cérebro, os rins, o coração, o fígado... É uma doença de grande complexidade, que inclusive é trombótica. Ela pode causar trombos, formações de trombos, repercutindo em AVCs, infarto agudo do miocárdio, trombos nas pernas, nos braços, perda de membros, trombose pulmonar com morte súbita, e outros. Então é uma doença que pode se tornar crônica. De fato, é um dos piores vírus, uma das piores doenças que

a gente já conheceu”, afirmou o médico.

Hepatite misteriosa

O tema voltou ao debate público após as relações entre a hepatite de causas desconhecidas e a Covid-19, a partir dos primeiros estudos que buscam entender quais são as causas da doença que vem acometendo crianças em todo o mundo, com o desenvolvimento de quadros de insuficiência hepática considerada fulminante, que exigem o transplante do órgão.

“O que está se observando é que as pessoas acometidas com o adenovírus 41 que estão ou tiveram com Covid-19 recentemente, acabaram desenvolvendo uma resposta exacerbada da imunidade contra o fígado, resposta essa estimulada pela presença desses dois vírus. É como se fosse uma he-

patite autoimune, porque é a própria imunidade que está atacando, estimulada por dois gatilhos que precisam estar presentes juntos, que é o SARS-CoV-2 e o adenovírus 41”, relatou Fernando Chagas.

A hepatite de causas desconhecidas vem sendo investigada e, como disse o infectologista, a associação conjunta do adenovírus 41 e da Covid-19 é uma das linhas de pesquisas que mais ganha força. A associação indica que o Sars-CoV-2 cria um ambiente favorável para que as pessoas infectadas pelo adenovírus tenham uma resposta inflamatória exacerbada. Na Paraíba, há um caso em investigação. Uma criança de sete anos que testou negativo para hepatites já conhecidas, arboviroses e síndromes respiratórias sazonais, como Influenza, mas testou positivo para a Covid-19.

Fibrose pulmonar que pode se tornar crônica

Outro problema recorrente que pode aparecer desde o momento da infecção e se tornar crônico e até causar a morte do paciente é a fibrose pulmonar, que são cicatrizes que endurecem o pulmão e dificultam as trocas gasosas. Com menor capacidade, o sangue será menos rico em oxigênio e não será capaz de eliminar todo o dióxido de carbono, podendo cau-

sar várias outras complicações, como insuficiência respiratória e insuficiência cardíaca, nos casos mais graves.

O pneumologista Guilherme Figueiredo explica que a fibrose pode estar presente como sequela de reações inflamatórias diversas, dentre elas, a inflamação causada pela Covid-19. O aparecimento da sequela pode ocorrer durante o

período de infecção e, até, tornar-se presente até o fim da vida do paciente.

“A Covid-19 tem uma grande quantidade de marcadores inflamatórios. É uma doença que causa uma inflamação muito intensa, especialmente nas vias aéreas, tanto superiores quanto inferiores. Doenças que causam uma grande reação inflamatória são conhe-

cidas por poder causar um quadro de fibrose pulmonar. Se esse tecido ficar inflamado por muito tempo, ele vai depositar a fibra de colágeno, tecido de cicatrização e é esse tecido que vai provocar a fibrose pulmonar. Então é uma complicação do quadro inflamatório que o Covid apresenta durante a doença ativa”, declarou o pneumologista.

Miocardite: cardiopatas são os mais afetados

Outro órgão bastante afetado é o coração. Desde o início da pandemia, problemas cardíacos já eram apontados como um dos principais fatores para o agravamento do quadro da Covid-19. Na Paraíba, 4.030 pacientes que vieram a óbito em decorrência do agravamento da doença pos-

suíam algum registro de cardiopatia, entre os 10.220 casos totais. O órgão, afetado anteriormente ou não, torna-se, também, alvo da doença com a possibilidade de ação direta do vírus no músculo cardíaco, causando miocardite, uma condição que pode ser fatal.

A miocardite pode ser in-

fecciosa ou não infecciosa e pode ser causada por outras infecções. O cardiologista Augusto Clementino explica a patologia.

“Miocardite é a inflamação do músculo do coração, chamado de miocárdio. Esse músculo é responsável pela contração do coração e a in-

flamação prejudica a ação de bombeamento do sangue podendo provocar arritmias e insuficiência cardíaca (falha grave das funções do coração). A causa da miocardite pode ser infecciosa ou não, sendo a miocardite secundária por infecção viral a forma mais prevalente”, disse.

Cuidados de pacientes com a flexibilização

“Os pacientes já sabidamente portadores de doenças cardíacas devem, ao menos no momento atual, manter o uso de máscaras em lugares fechados, já que a pandemia ainda não acabou; o vírus SARS-CoV-2 ainda está circulando e, embora os casos atuais estejam ocorrendo de forma mais leve em sua maioria, nos pacientes cardiopatas pode haver evolução para complica-

ções. É fundamental fazer avaliações periódicas com o cardiologista assistente, algo que ficou muito prejudicado desde o início da pandemia (em razão do isolamento social) e, não à toa, aumentaram significativamente os casos de morte por doença cardiovascular (mesmo dissociados do Covid-19) desde então. O tratamento de sua condição subjacente (hipertensão arterial,

por exemplo) também deve ser mantido, observando-se ainda as restrições alimentares. Por fim, após a avaliação e posterior liberação do seu cardiologista, os pacientes devem ser encorajados a manter uma atividade física regular, o que é importantíssimo na prevenção do surgimento de eventos cardiovasculares e no controle da pressão arterial, do colesterol ruim e da glicose”, reco-

menda Augusto Clementino.

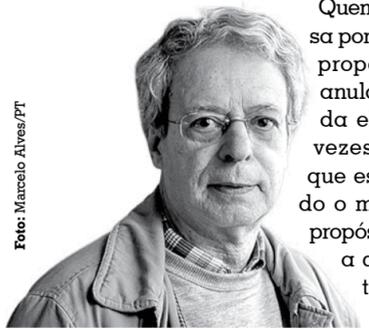
Para evitar os riscos

Mesmo em casos leves, os cidadãos devem manter atenção para se cuidarem e evitar a doença. “Não há um tratamento efetivo para se evitar ou tentar recuperar o que foi perdido, é voltar a fazer exercícios mentais e evitar pegar a doença, não tem outra”, indica o infectologista Fernando Chagas.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

“QUEM TEM ÓDIO DA POLÍTICA É GOVERNADO POR QUEM NÃO TEM”, AFIRMA FREI BETTO, EM ARTIGO



Quem não se interessa por política ou até, propositadamente, anula o voto no dia da eleição, muitas vezes não percebe que está beneficiando o mau político. A propósito desse tema, a coluna registra trecho de um oportuno artigo do escritor e jornalista católico Frei Betto (foto), sob o título ‘Aceita ser manipulado: tenha ódio de política!’. As colocações que ele faz merecem reflexão. Inicialmente, fala que “Há uma tradicional maneira de caçar ratos: basta colocar um pedaço de queijo dentro de uma armadilha”. E segue: “Quem tem ódio da política é governado por quem não tem. E tudo que os maus políticos querem é que tenhamos bastante nojo da política para, então, dar a eles carta branca para fazerem o que bem entenderem. O que mais temem é que participemos da política para impedir que seja manipulada por eles. Não existe neutralidade política. Existe a doce ilusão de que podemos ignorar a política, abdicar do voto e ficar recolhido ao nosso comodismo. Ao agir desta forma, nos tornamos o rato que come tranquilamente o saboroso queijo, sem ainda se dar conta de que perdeu a liberdade e, provavelmente, a vida”.

AO ESTILO DE BOLSONARISTAS

Anti-Bolsonaro, o Partido da Causa Operária (PCO) estaria adotando as mesmas práticas que apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) fazem nas redes sociais: pede a dissolução do STF e acusa ministros de atos ilícitos, sem provas. O ministro Alexandre de Moraes determinou o bloqueio de todas as contas do partido, nas plataformas Instagram, Twitter, Facebook, Telegram, Tik Tok e YouTube.

“DECLARAÇÕES CRIMINOSAS”

Para o ministro Alexandre de Moraes, o PCO tem feito ataques deliberados às instituições democráticas. “[Há] fortes indícios de que a infraestrutura partidária do PCO, partido que recebe dinheiro público, tem sido indevida e reiteradamente utilizada com o objetivo de viabilizar e impulsionar a propagação das declarações criminosas, por meio dos perfis oficiais do próprio partido”, argumentou.

DIVERGÊNCIAS SERÃO RESPEITADAS

O Republicanos irá respeitar potenciais divergências dentro do partido relacionadas ao apoio a pré-candidatos a senador, confirma o deputado federal Wilson Santiago – é que há uma parcela que apoia o deputado federal Efraim Filho e outra que seguirá a orientação do governador João Azevêdo (PSB), para quem o nome preferido é o do também deputado federal Aginaldo Ribeiro (PP).

NOVO CAPÍTULO NO TRE-PB

Vêm aí novo capítulo no âmbito do processo de cassação dos mandatos dos deputados estaduais Dr. Érico (MDB), Bosco Carneiro (Republicanos) e Chió (Rede). Eles entraram com embargos de declaração no TRE-PB para modificar a decisão proferida no dia 26 de maio. Todos alegam que não tinham conhecimento da suposta fraude cometida na cota de gênero pela Coligação ‘A Força do Trabalho V’, da qual faziam parte.

DESCONHECIAM SUPOSTA FRAUDE

No recurso apresentado à Justiça, a defesa de Chió ressalta que ele desconhecia a suposta fraude. “O acórdão aplica sanções idênticas aos candidatos que contribuíram e aos que sequer tinham consciência do suposto ilícito eleitoral”. É o mesmo argumento de que se valem Bosco Carneiro e Dr. Érico. No recurso, destaca-se que houve uma injustiça, pelo fato de que “os candidatos não anuíram ou colaboraram com a suposta fraude”.

REPUBLICANOS TERIAM TRÊS NOMES PARA INDICAR COMO VICE DA CHAPA

Enquanto não é anunciado o nome que ocupará a vaga de senador na chapa majoritária do governador João Azevêdo (PSB), o Republicanos já trata, internamente, sobre nomes que poderão indicar como opção para o cargo de vice. Três são cogitados: do deputado Wilson Filho, que é líder do governo na ALPB; da ex-deputada Francisca Moita, e do deputado Adriano Galvão, que vem a ser o mais cotado.

Waldir Porfírio,

Historiador

“Aos 100 anos, o PCdoB continua firme na luta pela reconstrução nacional”



Partido nasceu da classe operária, mas, ao longo dos anos, incorporou os interesses de outros movimentos

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Em 2022, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) completa 100 anos de existência. Desde a sua fundação em 25 de março de 1922, ele participa de diversos momentos importantes para a história brasileira, tais como a Era Vargas, ditadura militar, redemocratização, dentre outros fatos. Atualmente, defende um plano emergencial de reconstrução nacional e a retomada de diversas políticas públicas para os trabalhadores. “A CLT foi desfigurada, pois as privatizações levaram a isso. O Brasil tem muitas riquezas e esse governo ultraliberal não está vendo essa questão. Houve uma quebra de muitas conquistas obtidas no último século. Portanto, as desumanidades não podem crescer e precisam ser combatidas”, diz o escritor, historiador e integrante do PCdoB paraibano Waldir Porfírio. Nascido em Guarabira, ele é psicólogo, advogado e foi líder estudantil na URNe/UEPB. É autor do livro “Bandeiras Vermelhas – A Presença Dos Comunistas Na Paraíba – (1900-1960)”, lançado em 2003, e que desde então é referência em dissertações de mestrado, teses de doutorado e outros trabalhos acadêmicos, que tem a luta dos comunistas como temática.

A história do partido é marcada por prisões, resistências e perseguições. Com isso, a luta é por um Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento para o país, entendendo que o capitalismo é sinônimo de crise, exploração e violência.

Trata-se do partido mais antigo do Brasil em atividade, mesmo quando atuava na clandestinidade durante mais de 60 anos. Suas propostas são baseadas na teoria marxista-leninista, construída por Marx e Engels e desenvolvida por Lênin que, desde o século 19, faz parte da história de diversos movimentos sociais em todo o mundo.

Na realidade brasileira, o PCdoB é regido pelo Programa Socialista para o Brasil, programa político que estabelece como objetivo a derrubada do capitalismo e a conquista de um socialismo renovado e preparado para os desafios do século 21.

O partido nasceu da classe operária, mas ao longo dos anos incorporou os interesses de outros movimentos: sindical, mulheres, juventude, negros, comunitário, cultural, esportivo, comunicação, LGBTs, meio ambiente, paz mundial e outros.

A entrevista

■ O PCdoB completa 100 anos em 2022. Em que contexto histórico o partido surgiu?

Antes do surgimento do PCdoB, aconteceram várias tentativas para fundar um movimento, desde o século 19, principalmente com os imigrantes italianos, alemães e espanhóis. No Brasil, chegavam as indústrias, e precisavam de mão de obra especializada para tratar com as máquinas. Mas, os escravos eram mais do campo e, assim, chegaram os navios de operários da Europa, para as indústrias que estavam nascendo. E no século 19 aconteceram as primeiras greves. No início do século 20, elas se acentuaram. Em 1917 aconteceu uma grande greve em todo o Brasil e, na Paraíba, 26 categorias paralisaram as atividades.

Foram várias tentativas: o Partido Operário Socialista, o Partido Operário Anarquista. Mas não conseguiram fixar um partido nacional. Porém, em 1917, com esse acúmulo de experiências das greves, os operários adquiriram uma nova consciência. E a partir da Revolução Soviética, o partido comunista surge dos sonhos, esperança e acúmulo de forças, principalmente dos operários. O partido foi iniciado não apenas pelos operários, mas também por outras lideranças. José Lins do Rêgo, por exemplo, estudava na Faculdade de Direito do Recife e foi para as ruas apoiar a greve dos trabalhadores, defendendo a Revolução Soviética. Já José Américo de Almeida fez um discurso no Lyceu Paraibano em 1922.

■ Como pode ser caracterizada a economia capitalista daquela época?

O trabalhador não tinha jornada de trabalho, os direitos trabalhistas não existiam, os salários eram baixos e as condições de trabalho, precárias. Na Paraíba, houve uma greve das operárias de João Pessoa exigindo um banheiro para elas, porque era o mesmo dos homens. Já existiam alguns centros operários em João Pessoa, Santa Rita (na indústria têxtil), Rio Tinto e Campina Grande.

■ Como foi o processo de implementação do partido?

O partido nasce em Niterói, quando nove delegados representando 73 filiados de vários partidos se reuniram para fundar o Partido Comunista do Brasil. A partir daí, houve todo um processo de assimilação da teoria. Em 1928, foi lançado o Bloco Operário Camponês (BOC), pois o partido ficou dois ou três meses na legalidade e depois ficou ilegal. O Estado capitalista não aceitava que um partido viesse a desejar a superação desse sistema. Em 1928, agimos por essa organização e elegemos dois vereadores no Rio de Janeiro: o intelectual Octávio Brandão e Minervino de Oliveira, que era um operário negro.

■ A Revolução de 1930 foi o primeiro movimento importante que o Partido Comunista atuou após a sua fundação?

Na Revolução de 1930, o Partido Comunista cometeu o erro de interpretar a Revolução de 30 como a disputa de duas elites. E, na ver-

dade, era a disputa de uma elite do campo, a oligarquia rural, que com a República continuou mandando no Estado, e a nascente burguesia urbana. Em 1924 foi criada a Coluna Prestes e, na Revolução de 1930, os tenentes se destacaram. E Juarez Távora comandava a revolução no Norte/Nordeste. Mas, os comunistas não se posicionaram nesse movimento. Isso foi um equívoco. O partido veio mudar essas suas posições em 1934, quando Prestes entra no partido e a Internacional Comunista muda a direção. O mundo estava enfrentando o fascismo e o nazismo e precisava de uma frente ampla para derrotar essa situação.

■ Como foi a atuação diante das manifestações nazistas e fascistas no Brasil?

No Brasil, existia o fascismo dos Integralistas, “galinhas verdes”, como chamavam, e existiam os nazistas, também. Então, foi criada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), composta por diversas organizações antifascistas, incluindo comunistas, tenentes, operários e intelectuais. O Partido Comunista apoiou essa organização. Antes da Segunda Guerra Mundial, já era contra o nazismo e o fascismo. Na Paraíba, o presidente era o advogado João Santa Cruz e o vice-presidente era o promotor público Ademar Vidal. Mas, também havia médicos em Campina Grande e outros profissionais de João Pessoa.

O partido fez a sua primeira tentativa de tomar o poder em novembro de 1935, em um movimento conhecido como Insurreição Comunista ou Intentona Comunista (nome dado pelas Forças Armadas). Os comunistas tomaram Natal por três dias, os ônibus ficaram de graça e foi distribuída comida para as pessoas. Na Paraíba, a estratégia era tomar o 15º Batalhão, em Cruz das Armas, e fazer greve em Rio Tinto, João Pessoa e com os trabalhadores rurais em Gramame, além de tomar as fazendas. Mas, a tentativa falhou, todos foram presos e alguns torturados.

■ O PCdoB participou da criação de alguns direitos sociais existentes até hoje no Brasil. Quais seriam?

Desde 1948 o partido organizava greves pelo abono de Natal (hoje 13º salário). E em 1962 o governo João Goulart legalizou o 13º salário entre os trabalhadores da iniciativa privada. Outro fato foi a luta pelo “Petróleo é nosso!”, no início da década de 1950. A campanha se inicia pela União Nacional dos Estudantes, mas depois todos os intelectuais e alguns militares entraram nessa batalha, que deu origem à Petrobras. A legenda também foi a primeira a defender a reforma agrária, a criação dos direitos sociais e trabalhistas, como jornada de trabalho de oito horas por dia, férias, aposentadoria, saúde, educação, previdência e outros. Os comunistas atuaram ainda nas ligas camponesas, considerada a maior luta histórica do Brasil.

■ Como os comunistas se organizaram durante a ditadura militar?

Com a morte de Stalin em 1953 e a ascensão de Krushev, houve uma divisão do mundo. No Brasil, Prestes funda o Partido Comunista Brasileiro (PCB), formado por uma ala que era do PCdoB, que adota a corrente da União Soviética. A partir dessa reorganização, em 1962, foi adotada a sigla PCdoB, que utilizamos até hoje. Após o golpe militar de 1964, organizamos a Guerrilha do Araguaia, que foi a maior resistência armada contra a ditadura militar de 1972 a 1974. Foi um período de grande perseguição aos comunistas e ao PCdoB, especificamente, assim como fomos perseguidos durante o Estado Novo (1937-1945). Na ditadura militar (1964-1985), atuamos em defesa da democracia e da anistia. Em 1982, participamos de eleições pelo PMDB com o candidato Simão Almeida e do movimento contra a carestia, que em João Pessoa levou muita gente para o meio da rua, em manifestações contra o aumento de preços dos ônibus, por exemplo.

A luta pela estadualização da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foi pensada por líderes estudantis e professores do partido. Antes da UEPB, existia a Universidade Regional do Nordeste (URNe) e os alunos pagavam mensalidade. E os comunistas começavam a batalhar para estadualizar a instituição e pelo ensino público gratuito naquele espaço. Eu era o presidente do DCE e convoquei várias assembleias. Foram meses de batalhas em Campina Grande, até que a gratuidade foi conquistada.

■ Considerando toda a sua história, quais os principais valores defendidos pelo PCdoB?

Os comunistas continuam defendendo os interesses do povo brasileiro a partir dos valores éticos-morais dos seus militantes. São virtudes como: ser exemplo para as demais pessoas, estar à frente da luta, sendo reconhecido por essa liderança.

■ Como você pode descrever a sua atuação no partido?

Eu ingressei no PCdoB em uma época chamada de recrutamento, na época da clandestinidade, em 1983. Por isso, nas reuniões do partido a gente utilizava outros nomes. Em 1984, veio a luta das Diretas Já e eu fui para o Rio de Janeiro para uma reunião da União Nacional dos Estudantes, e na Paraíba participei de toda a campanha. Depois, veio a luta pelo candidato único das oposições no colégio eleitoral para derrubar a ditadura. Depois veio a legalidade em 1985, garantida no Governo Sarney, como um compromisso de Tancredo Neves antes de sua morte. Posso destacar um momento importante naquela época, que foi a Assembleia Constituinte para a Constituição Cidadã. Ela contou com a participação de negros, mulheres, presos e ex-presos políticos,

familiares de mortos e desaparecidos, juristas e vários segmentos da sociedade.

Já no partido e no movimento estudantil, me elegi presidente do DCE e atuei na comissão de estadualização da URNe representando os alunos, até a criação da UEPB em 1987. Eu participei de todo esse processo. Após terminar o curso de Psicologia, fui assessor parlamentar do então deputado Simão Almeida e secretário da Mesa da Assembleia Legislativa da Paraíba, além de assessor do governador do Estado. Também tive a oportunidade de assessorar, em seguida, o deputado Zenóbio Toscano e ajudar, em seu mandato, nos processos dos familiares dos mortos e desaparecidos políticos da ditadura militar, em 1995. No ano 2000, veio a lei que indenizava os perseguidos políticos. Depois disso, participei da Comissão da Verdade durante quatro anos. Fui presidente do Conselho Estadual da Transparência e Combate à Corrupção durante quatro anos. Hoje sou membro da Comissão Estadual da Verdade da Paraíba e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Escrevi oito livros e tenho participação em nove, não apenas sobre o partido comunista, mas biografias, artigos e outros textos.

■ Quais são as perspectivas do PCdoB para as próximas eleições?

Estamos com a esperança de ganhar as eleições com o nosso candidato: Luiz Inácio Lula da Silva, na Presidência da República e João Azevêdo na Paraíba. Seguimos nessa corrente de mudança contra o obscurantismo, o fascismo e o bolsonarismo. Ao derrotar esse atual governo, vamos reconstruir o país em todos os sentidos: do ponto de vista das riquezas, direitos e também ser reconhecido como nação. Queremos que o país seja reconstruído em relação à moral com um presidente que nos orgulhe e em níveis nacional e internacional. A expectativa é combater os excessos desumanos que ocorrem em vários lugares e a intolerância. É isso que defendemos e espero que as eleições sejam vitoriosas para que possamos reconstruir o país com base em um programa emergencial.

■ A resistência continuará sendo a principal característica da legenda para o futuro?

Enquanto houver exploração e opressão, vai existir resistência. E a resistência precisa de um partido que esteja acima do senso comum, pois existem as lutas espontâneas como as greves por melhores salários, por exemplo.

Entretanto, sempre vai existir exploração e só tem uma forma de vencer isso: apropriar-se dos meios de produção. E quando o Estado se apropria dos meios de produção, todo o valor do trabalho seria dividido para todos, não só para a categoria, mas todos que estão fora dela também.

PRÉDIOS ANTIGOS

Risco da história desabar na capital

Patrimônio histórico abandonado oferece perigo aos pessoenses; maioria das construções está no Centro

Nalim Tavares
Especial para A União

■ Pessoas que trabalham ou moram na região central da capital temem a ocorrência de alguma tragédia

Basta uma caminhada pelas ruas históricas de João Pessoa para encontrar prédios sofrendo com a ação do tempo. Descritos mais de uma vez como “um perigo enorme” e “uma floresta no meio da cidade” pelos comerciantes e moradores locais, esses prédios antigos, alguns deles tombados pelos órgãos do patrimônio histórico, correm risco de desabamento.

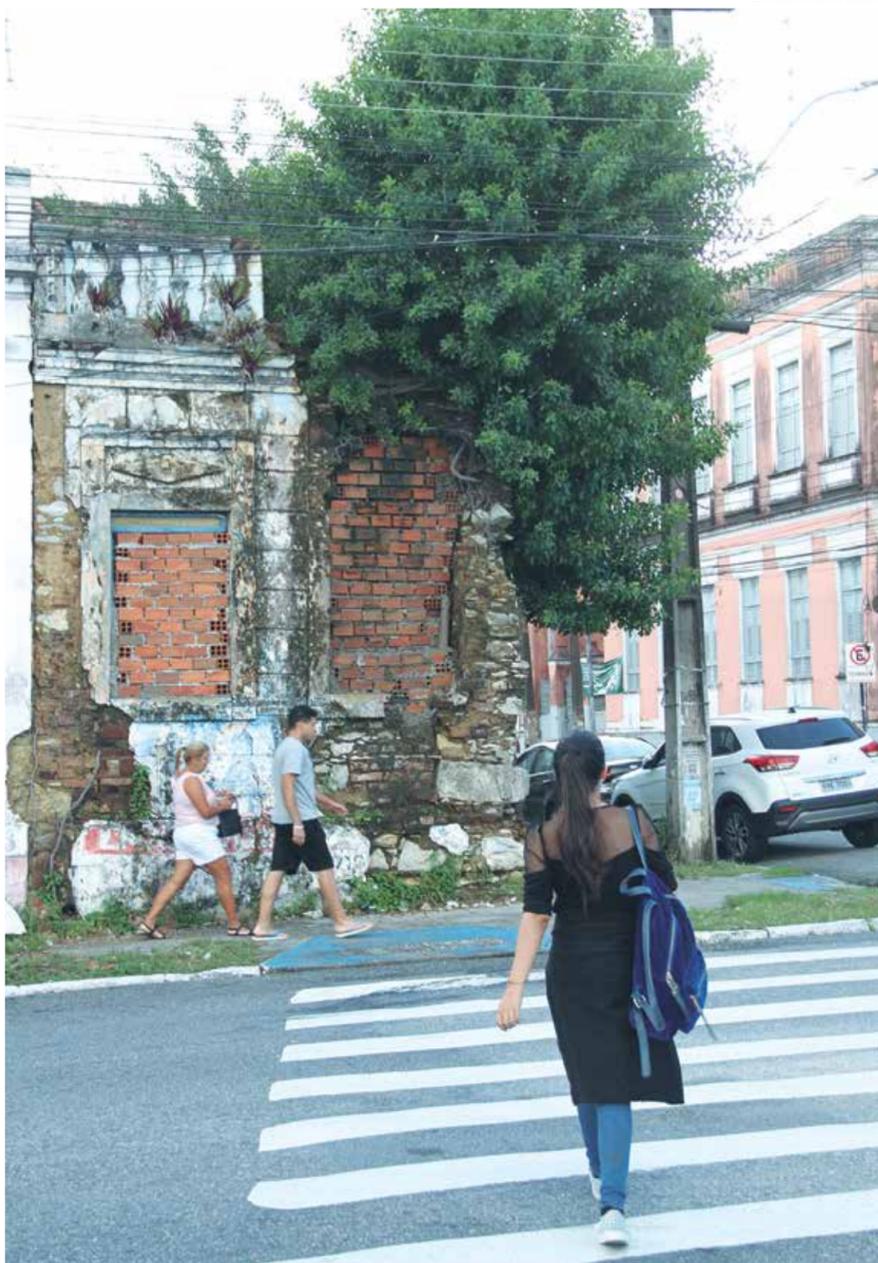
Uma das áreas de maior risco, segundo alerta do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), com informações da Defesa Civil, está localizada no Ponto dos Cem Réis. Em maio de 2018, após o incêndio e desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida, em São Paulo, o CAU emitiu um aviso a respeito do perigo de edificações abandonadas em João Pessoa. Na época, o levantamento apontou o antigo prédio do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) como aquele com o maior risco de desmoronamento. Foram constatados problemas como fiação elétrica comprometida, infiltrações e fissuras, além de más condições estru-

turais. Atualmente, este mesmo prédio, ocupado por comerciantes, ainda não passou por nenhuma intervenção.

Segundo Edvaldo de Lima Pinto, um dos comerciantes locais, “esse prédio está fechado há anos, sem cuidados e sem ninguém. As janelas estão todas soltas, quando passa um vento forte ou quando chove demais, os cacos caem aqui embaixo, onde nós, comerciantes, ficamos.” Ele relata que “isso acontece constantemente. Nessa semana mesmo aconteceu, e graças a Deus ninguém se machucou, mas se tivesse se machucado, não seria a primeira vez. Tem também essas marquises, e dá para ver o ferro anti-go, enferrujado, e elas podem cair também. O que mais tem aqui no Centro é prédio precisando ser restaurado.”

Outro comerciante, Antônio Antero, conhecido como “Cabedelo”, concorda. Ele conta que, na loteria local, abrigada pelo antigo prédio do INSS, “todo dia as pessoas têm que dar graças a Deus por não serem atingidas, porque tudo desse prédio cai aqui embaixo. Ele precisa ser avaliado. Quase todos os dias a gente escuta um choque de alguma coisa caindo. E se você andar por aqui olhando pelo chão, consegue ver alguns cacos de vidro, mesmo que a gente faça a limpeza.” Antônio trabalha numa barraca de conserto de relógios, instalada ao lado da loteria, e conta: “O que eu tenho feito de reclamação não é brincadeira, tenho medo porque isso é um risco grande para a vida de todas essas pessoas, que trabalham e passam por aqui.”

Marcos dos Santos, cliente assíduo de estabelecimen-



Fotos: Marcos Russo

Várias construções foram “engolidas” pela vegetação e ameaçam desabar sobre as pessoas

tos no Centro de João Pessoa, fala da sua experiência caminhando pelas ruas do local: “Eu trabalho aqui perto, e aqui no Centro tem muitas cafeterias boas. Costumo andar por aqui na pausa do tra-

balho, procurando lugares novos, e sempre observo essas casas com fachadas lindas, todas destruídas. Se você caminhar pela Duque de Caxias, facilmente encontra imóveis antigos tomados por árvores,

que provavelmente não tem mais nada além de mato no interior.” Nas palavras dele, “é triste de ver, porque todos esses lugares podiam ser muito bonitos. A estrutura deles é muito bonita, mas tudo neles

agora é perigoso. Tem árvores saindo pelas janelas, subindo pelas fachadas, e eventualmente alguma delas vai cair, e do jeito que essa rua é movimentada, vai cair em um carro ou atingir alguém.”

“

Todo dia as pessoas têm que dar graças a Deus por não serem atingidas, porque tudo desse prédio cai aqui embaixo. Ele precisa ser avaliado. Quase todos os dias a gente escuta um choque de alguma coisa caindo. E se você andar por aqui, olhando pelo chão, consegue ver alguns cacos de vidro, mesmo que a gente faça a limpeza

Antônio Antero

“Logo serão as fachadas a cair, e isso não vai ser bonito”



Muitas edificações possuem apenas as fachadas, já que todo o seu interior desabou



Revitalização de prédios históricos exige o respeito a uma série de normas e leis

Para Marcos dos Santos, que tanto caminha pelas ruas do Centro, “é uma pena que nem todos tenham interesse em recuperar e restaurar seus imóveis. É só olhar para ver que esses prédios maravilhosos não estão recebendo nenhum cuidado, e que florestas estão crescendo por trás deles. Muitos interiores nem devem mais existir, e se continuar assim, logo serão as fachadas, que vão acabar caindo, e isso não vai ser bonito.”

De acordo com o coordenador da Defesa Civil, Kelson Chaves, a restauração desses imóveis pode ser feita pelo proprietário ou por instituições ou entidades patrocinadoras, desde que autorizada pelos órgãos competentes. Segundo ele, o risco iminente de acidentes pode determinar a interdição do imóvel ou de uma parte dele. Para que essa ação seja realizada, é necessário chamar a Defesa Civil até o local, para que técnicos colem informações, analisem os riscos e montem um Relatório de Vistoria Técnica (RVT), indicando os problemas e as intervenções que precisam ser realizadas no imóvel.

Conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), “não

é responsabilidade do Iphaep restaurar imóveis particulares, mesmo que estejam no polígono de tombamento ou que tenham tombamento individual. A função do Iphaep é fiscalizar, orientar e fazer a análise de projetos de imóveis tombados.” A coordenadora de Arquitetura e Ecologia do Instituto, Gabriela Pontes Monteiro, conta que “sim, nós temos um número grande de imóveis que correm risco de desmoronamentos, simplesmente pela falta de manutenção dos proprietários dos imóveis. A responsabilidade pela manutenção destes, ao contrário do que muitas pessoas pensam e do que é divulgado, não cabe ao Estado, cabe aos proprietários.”

A coordenadora explica que o Iphaep oferece diretrizes projetuais para os proprietários dos imóveis que precisam passar por uma reparação. “A gente oferece o passo a passo de como fazer. O proprietário de um imóvel que precisa ser restaurado deve dar entrada em uma solicitação no Iphaep, com fotos do imóvel, pedindo orientações técnicas. Essas orientações serão dadas em cima da tipologia que está sendo apresentada.” Segundo Gabriela, os prédios devem, de fato, ser recu-

perados, e o projeto de restauração desses imóveis precisa passar pela aprovação do Iphaep, a fim de garantir a preservação de todas as características que são peculiares do imóvel e do período em que este foi construído.

“O proprietário deve vir até o Iphaep para dar entrada em um processo. A partir daí, vamos analisar se o imóvel em questão precisa de uma conservação, de renovação etc. Nesse processo, há um documento chamado grau de classificação, e nele constam todas as orientações técnicas quanto ao restauro do imóvel”, explica Gabriela. “A partir daí, o proprietário providencia um projeto de arquitetura em cima do que foi instruído, dá entrada nesse projeto de arquitetura no Iphaep, para que ele possa ser avaliado e, após aprovação, o proprietário pode começar a execução da obra de restauro ou da intervenção”.

Conforme explica Kelson Chaves, da Defesa Civil, em caso de desabamento, a responsabilidade recai sobre aquele que tiver a posse do imóvel, seja este uma pessoa ou um órgão público, municipal ou estadual. Assim, é dever do proprietário ressarcir os danos causados pelo ocorrido.

BOCAS LIVRES

Retorno triunfal do batom no visual

Com a flexibilização do uso de máscara, esse item do estojo de maquiagem voltou a ser valorizado

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Foto: Pixabay

O fim da obrigatoriedade do uso de máscara de proteção trouxe, além da sensação de liberdade para os paraibanos, a retomada do investimento na produção do visual. Os batons são os itens mais procurados, voltando a ocupar lugar de destaque nas bolsas femininas. Mas as sombras, blushes, bases, que para muitas mulheres ficaram meio esquecidos nesses dois anos de maior contágio da pandemia de Covid-19, também registram boas vendas.

“O batom é um item que expressa a personalidade, tanto daquela mulher mais delicada, quanto daquela mais forte, mais atemporal, e não vínhamos usando por conta das máscaras. Após a liberação, o batom tornou-se produto essencial dentro da bolsa. É o item de maquiagem mais vendido”, declarou a gerente de loja Magdha Soares, que trabalha em um shopping de João Pessoa, no bairro de Mangabeira.

O decreto estadual que instituiu o uso opcional de uso das máscaras nos municípios onde a doença estava em menor patamar foi publicado em abril. Mas, Magdha afirmou que a maior procura por produtos que realçam a beleza feminina vem sendo registrada desde o início do ano. “E logo depois da liberação das máscaras a demanda aumentou ainda mais, sendo intensificada no Dia das Mães”.

A expectativa, segundo ela, é que no próximo dia 12, Dia dos Namorados, os produtos para a make-up aumentem ainda mais as vendas. “Porque mulher gosta muito de maquiagem, e esse item está voltando a ocupar as bolsas da mulherada. Posso dizer que a procura está bem expressiva”, frisou a gerente de loja, sem mencionar números.

Entre os motivos que justificam essa demanda está o retorno à rotina, que está praticamente normal. A realização de shows, festas, baladas, com o rosto livre do acessório, é um convite a mais para incrementar o visual. “Isso traz maior leveza de volta para a vida. E a maquiagem expressa muito do que se passa no nosso interior. Então, a cor de um batom expressa como está o seu humor naquele dia; uma sombra consegue demonstrar o que você espera da sua semana”, acredita Magdha.

A consultora de imagem, estilo e marca pessoal Mariana Dantas, conhecida como Mari, destacou que durante a pandemia foi perceptível a queda no mercado de cosméticos, porque uma parte da população estava trabalhando em home office, sem a obrigação de “estar arrumada”. Ela conta que as pessoas que continuaram se maquiando tinham de se deparar com as manchas nas máscaras. Também se observou uma economia na quantidade dos produtos, uma vez que praticamente meia face ficava oculta nas máscaras.



Lojas oferecem diversidade de marcas e tonalidades de batons; expectativa é que as vendas cresçam com a proximidade do Dia dos Namorados

Uma forma de melhorar a autoestima da pessoa

“

Com a obrigatoriedade da máscara, muitas pessoas consideravam o investimento em maquiagem como perdido, e decidiam maquiarse por conta própria. Diante da flexibilização, que fez com que víssemos novamente os rostos após quase dois anos, aumentou o desejo de se estar ainda mais bonita

Mariana Dantas

A estudante de Jornalismo Rebeca Pontes, 23 anos, não dispensa uma maquiagem. Para ela, estar produzida a faz sentir-se mais bonita e melhora a autoestima. “Me sinto muito bem, mais bonita, mais arrumada. Justamente porque a make possibilita disfarçar o que eu quero disfarçar, e valorizar o que quero valorizar. Seja diminuir as olheiras, a sensação de cansaço e, por meio da maquiagem, eu comunico o que quero mostrar para as pessoas, assim como a roupa e outros elementos”.

No dia a dia, ela prefere uma make-up mais básica. “Gosto de fazer uma pele bem feita, com base, corretivo, pó, iluminador e máscara de cílios. Esse seria meu básico”. Para os passeios do fim de semana, a estudante capricha nas sombras e nos delineados.

Depois de mais de um ano de restrições por conta da pandemia e o pouco uso dos cosméticos, Rebeca percebeu que muitos produtos que tinha guardado perderam a validade. Então, já em novembro do ano passado, ela resolveu fazer um investimento nessa área, renovando

alguns itens. Apesar de enfatizar que a pandemia não acabou e que ainda precisamos nos cuidar, a estudante mencionou que estava muito ansiosa para mostrar o rosto e se produzir, até porque ela trabalha na área de eventos, que requer mais capricho com o visual.

Depois de assistir a muitas dicas de como se maquiar pela internet, a jovem não só valoriza a própria beleza como ajuda a produzir as amigas. “Sou a fuga de algumas amigas, quando elas precisam de uma maquiagem quando vão a uma formatura, casamento ou para outra festa”, contou.

Mercado tem alta de 10%

A consultora de imagem, estilo e marca pessoal Mariana Dantas afirmou que, diante da liberação da realização de eventos e do uso de máscaras, houve o reaquecimento no faturamento dos empreendedores. “Isso promoveu o aumento das vendas no setor de cosméticos e maquiagem”. Segundo ela, dados mostram que esse mercado teve alta superior a 10% esse ano,

comparado ao início de 2021.

O número de pessoas oferecendo serviço de maquiagem para eventos também cresceu, registrando alta de 20%. “Com a obrigatoriedade da máscara, muitas pessoas consideravam o investimento em maquiagem como perdido, e decidiam maquiarse por conta própria. Diante da flexibilização, que fez com que víssemos novamente os rostos após quase dois anos, aumentou o desejo de se estar ainda mais bonita”, salientou Mariana.

Como a área da boca ficou escondida durante o uso da máscara, a consultora afirmou que os batons de todos os tipos estão em destaque. Os blushes e contornos que tiveram o uso limitado também voltaram a ser bastante requisitados. “É claro que alguns fatores interferem nessa maior busca, como a estação e as tendências de moda. Mas os olhos, a única parte do rosto que era possível ser evidenciada na pandemia, não perderam sua importância. Delineadores e sombras coloridas continuam sendo bastante procurados”.

Opções para todas as bocas

Confira algumas tendências para o outono/inverno em batons:

O batom líquido cremoso Makes Me Happy de Intense possui uma fragrância que traz felicidade e bem-estar comprovado por neurociência! Além disso, possui fórmula super pigmentada, textura cremosa inovadora que hidrata os lábios por 24 horas e dura o dia todo. Com 5 cores icônicas, é fácil de aplicar e desliza facilmente. É o batom dos sonhos!

1) Batons Líquidos Cremosos:

Vermelho Sensual Intense Makes Me Happy – 5,5 ml
Lilás Apaixonante Intense Makes Me Happy 5,5ml
Marrom Confiante Intense Makes Me Happy 5,5ml
Laranja Original Intense Makes Me Happy 5,5ml
Rosa Romântico Intense Makes Me Happy 5,5ml.



2) Batom Cremoso Nude Up Make B. 3,6 g

O Make B. Batom Cremoso cobre os lábios com uma cor intensa na primeira aplicação. Oferece cobertura uniforme e de longa duração para desfrutar de uma linda maquiagem o dia todo.



3) Batom Stick Nude Chic FPS 15 Make B. Hyaluronic, 3,4 g

O Make B. Batom Stick Hyaluronic, 3,4 g promove refrescância e efeito sensorial. Possui Ácido Hialurônico, que é responsável pela atração de água, aumentando os lábios e garantindo super-hidratação.



REINVENTANDO-SE

Quando o desemprego bate à porta

Foram inúmeras as tentativas para retornar ao mercado de trabalho, todas sem sucesso. E agora, o que fazer?

Alexsandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

Foto: Arquivo Pessoal

A Paraíba conta com 240 mil pessoas desocupadas, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). E não é difícil encontrarmos exemplos desse público na família, no círculo de amizades, na conversa com um conhecido, ou mesmo na rua. Diferentemente dessa massa homogênea que aparece nas pesquisas em forma de números, essas pessoas são seres humanos com histórias de vida distintas, enfrentando seus obstáculos e frustrações diárias, alimentando, cada qual, os sonhos de um futuro melhor. Quando o retorno ao tão sonhado posto de trabalho demora a chegar, elas buscam alternativas, que podem ser temporárias, ou se consolidar como um próspero recomeço.

A paraibana Junierika Martins, 29 anos, conquistou seu primeiro emprego com carteira assinada em 2012, como operadora de caixa de uma loja do ramo de roupas pertencente a uma multinacional holandesa, a C&A. Trabalhou por mais de dois anos nessa função, mas foi demitida, e só encontrou outra colocação cerca de um ano depois, em 2015. A nova função não foi no comércio, mas numa faculdade de João Pessoa, como auxiliar financeira. Mas o desemprego bateu novamente à porta de Junierika em 2018. Dois meses após o desligamento, ela descobriu que estava grávida e tentou concretizar um antigo sonho, o de ser dona do seu próprio negócio.

“Sempre tive esse sonho, mas como na primeira demissão não tinha ideia do que ia fazer, busquei outra vaga no mercado. Na segunda demissão, decidi investir na área de estética, porque eu já havia feito curso. Minha mãe é cabeleireira e



Sem renda e com uma filha recém-nascida, Junierika resolveu fazer doces sob encomenda, sem experiência; hoje, tem o próprio negócio

“Quando a minha filha nasceu, fiquei impossibilitada de usar alguns materiais de estética porque são fortes demais. Então, tive de vender os equipamentos, cremes, enfim, o que pude

Junierika Martins

Prosseguir

Diferentemente dessa massa homogênea das pesquisas em forma de número, são pessoas com histórias de vida enfrentando seus obstáculos e frustrações diárias, alimentando os sonhos de um futuro melhor

aí pensei em trabalharmos juntas”, contou.

Durante a gestação, Junierika investiu em equipamentos na área de estética e beleza como aparelho de peeling ultrassônico e máscara de led. Chegou a atender algumas clientes, mas a iniciativa não deu certo. “Quando a minha filha nasceu, fiquei impossibilitada de usar alguns materiais de estética porque são fortes demais. Então, tive de vender os equipamentos, cremes, enfim, o que pude”.

Voltando a ficar sem renda, ela resolveu fazer doces sob encomenda, sem ter a menor experiência no ramo. A atividade permitia que a paraibana trabalhasse em casa e ficasse perto da filha recém-nascida. A primeira encomenda, ela ainda lem-

bra: “Me pediram 10 pirulitos personalizados e seis porta-retratos de chocolate. Tinha dois dias para entregar. Pesquisei na internet como fazia, comprei o material, as forminhas, fui fazendo, errando e refazendo, até acertar”.

Segundo ela, a cliente gostou do resultado, divulgou e a ideia foi se consolidando. A jovem se capacitou, investiu no negócio, e atualmente tem um ponto comercial no bairro de Cruz das Armas - Ateliê Junierika Martins, onde faz toda produção de bolos e doces. Os planos agora são de expandir o pequeno empreendimento. “Meu marido trabalha na área de informática, e como a empresa está dando certo, já cogitou a possibilidade de largar o emprego

e ficar trabalhando comigo. Tem mês que tenho de recusar encomendas porque não dou conta. Também dou cursos na área de doces e preciso de uma pessoa com experiência em informática para me ajudar”.

Além dos itens personalizados para festas, Junierika faz bolos em formatos de objetos com aparência real. “Eu já fiz, por exemplo, um bolo em um formato de celular e postei um vídeo com ele, como se estivesse ao telefone e depois comi o aparelho, que na verdade era o bolo. Isso faz muito sucesso nas redes sociais”, comentou a empreendedora.

A ideia deu tão certo que a paraibana foi parar num concurso de TV de alcance nacional, em um programa (Programa Eliana/SBT) que

apresenta um quadro chamado Famosos da Internet. “Eles me acharam, fui para lá, levei alguns bolos para demonstrar meu trabalho e ganhei o troféu de primeiro lugar”, declarou.

Quando olha para o passado, no período em que distribuiu inúmeros currículos no comércio em busca de um emprego e não encontrava, ela relembra qual era a sensação. “Era um sentimento de impotência, de frustração, porque não depende só da gente”. E a atividade com doces e personalizados, que parecia uma forma improvisada e temporária de ganhar dinheiro, acabou se transformando num negócio próspero, que ela afirma fazer com prazer. “Acho que a confeitaria foi quem me escolheu”, destacou Junierika.

De gerente de loja a dono do próprio negócio, e agora, camelô



Foto: Marcos Russo

Ao longo da vida profissional, Wellington Batista de Souza, 47 anos, atuou como auxiliar de serviços gerais, encarregado, metalúrgico, supervisor de loja até chegar à atividade de gerente, que foram suas últimas funções. Mas, ao ser demitido em 2018, ele não conseguiu mais uma vaga nessa área. Decidiu então investir no próprio negócio e montou uma loja de conveniências em João Pessoa, vendendo bebidas e alguns petiscos. Com a pandemia, o empreendimento faliu e desde o ano passado ele

■ Hoje, Wellington Batista, 47 anos, vende acessórios para celular, TV e carro, meias e outros produtos importados

A feira, ele consegue como vendedor ambulante

sobrevive como vendedor ambulante no Parque Solon de Lucena - Lagoa.

“Vendo acessórios para celular, para TV, meias, suportes para carro e outros importados”, afirmou. Dos 21 anos de carteira assinada, seis foram como gerente de loja, mas diante da dificuldade em encontrar uma colocação, ele declarou que hoje em dia está aceitando qualquer oferta de emprego. Um dos motivos é que o apurado do mês, como camelô, dificilmente paga as contas fixas de casa. “Estou procurando qualquer coisa, até de auxiliar de serviços gerais eu aceito para trabalhar à noite. Se eu arrumar outro emprego, eu pago a luz, a água, a casa e o telefone. A feira eu consigo como vendedor ambulante”.

Wellington Batista, que mora com a esposa, dois filhos, a nora e um neto, disse que do jeito que está é “uma dor de cabeça”, porque ele atrasa as contas mensais. O comerciante contou que o filho, que é casado, não consegue ajudar nas contas domésticas porque tam-

bém ganha pouco. “Ele paga uma coisa aqui e outra ali, mas não é nada certo”.

No ano passado, o vendedor ambulante chegou a ser chamado para uma vaga de gerente, em Campina Grande. Mas, em menos de um mês, foi dispensado ainda na fase de treinamento. “Eles tinham um gerente, que era eu, e dois subgerentes. Então, promoveram um subgerente e me dispensaram”, lamentou.

Depois de enviar inúmeros currículos, ele reclamou da grande concorrência do mercado de trabalho. Outro agravante é que uma vaga de gerência não aparece com frequência. “Não se troca de gerente todo dia, porque quando ocorre a mudança na liderança você altera muita coisa”.

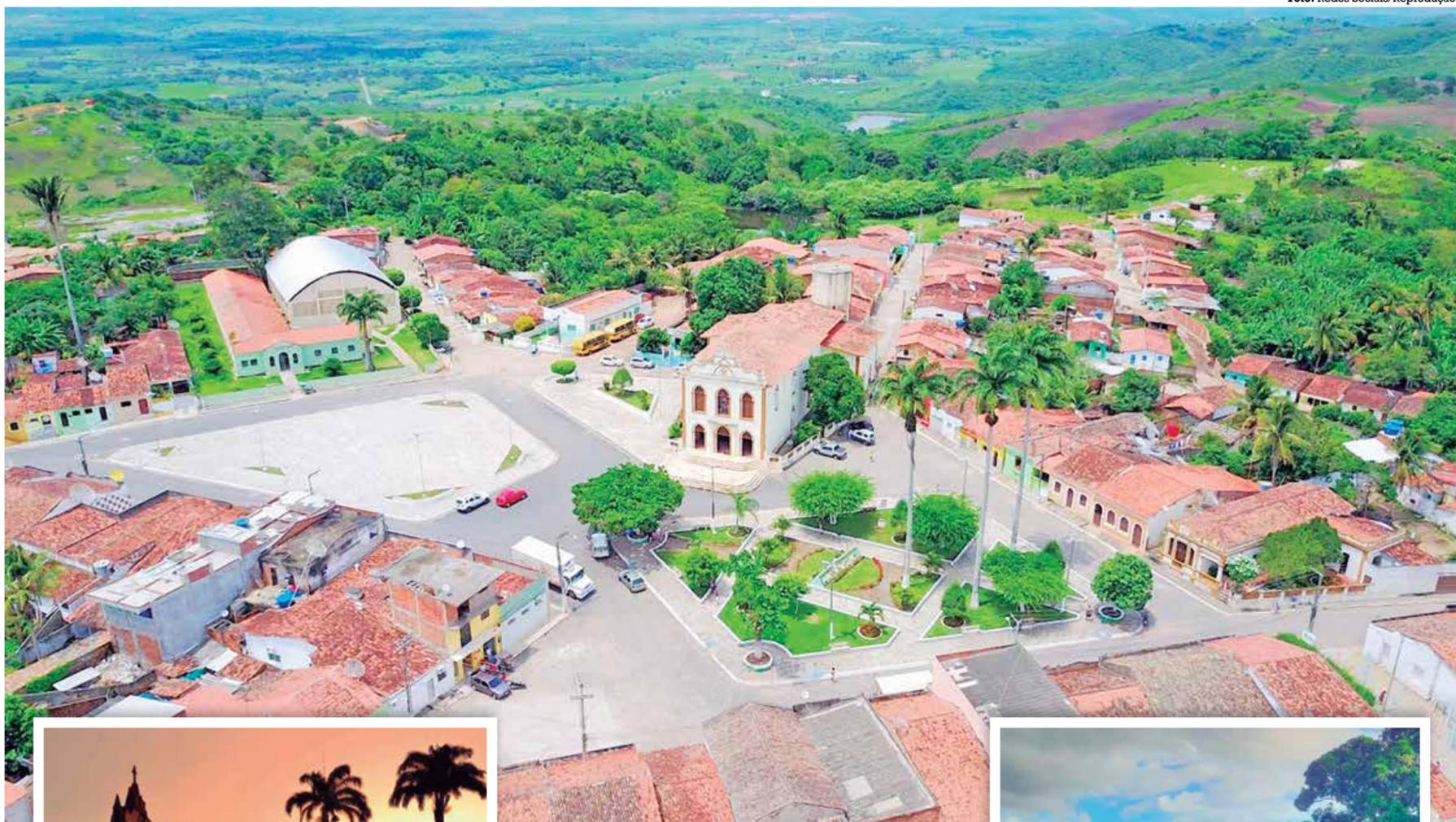
No momento, ele disse que gostaria de encontrar uma atividade que pudesse conciliar com a vida de vendedor ambulante. “Quereria alguma coisa que eu pudesse conciliar com o trabalho de ambulante, porque posso crescer nessa atividade futuramente”.

Ex-empresária aluga guarda-sol na Praia do Bessa

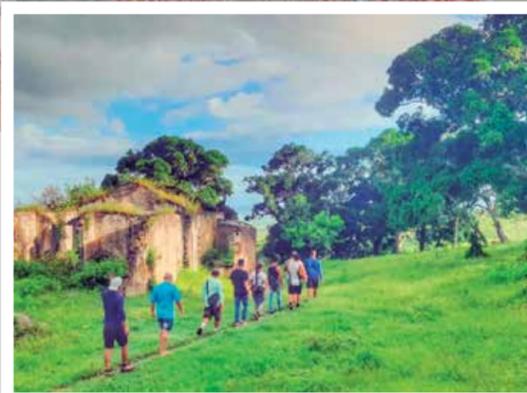
Formada em Administração de Empresas, Lisianias Ramos, 39 anos, já foi proprietária de duas lojas de roupas, uma masculina e a outra feminina. Mas atualmente trabalha com o marido Rogério alugando guarda-sol e vendendo alimentos na Praia do Bessa, em João Pessoa. Paulista, ela abriu o primeiro empreendimento em 2017, a Lisbella Modas. Cerca de um ano depois veio a segunda loja, a Roger Modas.

“Meu esposo quis vir morar na Paraíba em 2020. Meu sogro é paraibano e ele quis ficar mais próximo do pai. No começo, não queria vir para esse Estado, consegui visualizar alguns desafios que iríamos enfrentar”, declarou.

Em fevereiro de 2020, o casal chegou em João Pessoa com a esperança de dar continuidade aos empreendimentos que mantinham no Sudeste. Mas no mês de março veio a pandemia, depois o lockdown, as restrições econômicas e não foi possível concretizar os planos.



Localizada na microrregião do Agreste paraibano, está distante 138km de João Pessoa, a capital do Estado; apesar da criação recente, é uma das povoações mais antigas da PB



SERRA DA RAIZ

Nome herdado pelos colonizadores

Município tem belos casarios remanescentes dos períodos áureos dos engenhos produtores de açúcar e aguardente

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Foi ainda na época da colonização, quando os portugueses passaram a extrair algumas raízes, utilizadas na medicina indígena. Teria sido esse o mote para o nome do simpático e acolhedor município de Serra da Raiz, localizado no Brejo paraibano. Antes, parte de Caiçara, foi em 1959 que Serra da Raiz foi elevada à categoria de município, tendo o dia 21 de janeiro como uma das principais datas, quando os serra-raizenses comemoram a emancipação política do lugar.

Mas a cidade, com pouco mais de três mil habitantes e distante 138 quilômetros de João Pessoa, conta ainda outras histórias interessantes. A formação rochosa conhecida como “Loca da Negra”, por exemplo, teria sido, por muitos anos, a moradia de uma escrava fugida de um dos engenhos de cana-de-açúcar que havia na região. Segundo a lenda, mesmo após a abolição da escravidão, com a assinatura da

Lei Áurea, no final do século 19, a mulher teria permanecido no lugar até a morte. A loca guarda também desenhos rupestres, outra riqueza de Serra da Raiz, dito por alguns historiadores locais como sendo um dos primeiros sítios arqueológicos do país.

Além dos escritos, o município guarda utensílios seculares, utilizados pelos povos indígenas que habitaram a região antes mesmo da chegada dos europeus. Não é difícil encontrar objetos cortantes utilizados na caça ou no preparo de alimentos. A construção da quadra da escola do município precisou ser interrompida justamente por causa das descobertas que foram feitas durante a escavação do terreno. Objetos que contam a história não só de Serra da Raiz, mas do Brasil e de seus primeiros habitantes. As peças foram reunidas no Museu do Homem Serrano.

Serra da Raiz tem outros pontos de visitação bastante conhecidos. O Cruzeiro possui vista panorâmica, sendo possível, do local, avistar a igreja e a lagoa, outro ponto turístico e de lazer frequentado por turistas e locais. O nascer do sol do Lajedo do Alto é um show à parte e costuma ser admirado por quem quer começar bem o dia. Para quem aprecia a natureza, mais uma opção: a “Trilha das Fontes”, com nascedouros de águas transparentes cercadas de muito verde e ar puro. O “Memorial dos Engenhos” é outra opção de passeio, e

para quem ama a natureza a visita à nascente do Rio Camaratuba, um dos principais da Paraíba, é uma ótima pedida.

No centro da cidade, a Paróquia Nosso Senhor do Bonfim, que começou como uma pequena capela, tendo sido construída em alvenaria no início do século passado, reúne simplicidade e beleza. A principal praça da cidade, a Iniguaçu, é um convite à conversa com os amigos, ao passeio em família ou ainda ao romance entre os casais apaixonados. É lá que no período natalino as luzes acendem, embelezando ainda mais o espaço que possui palmeiras imperiais e letreiro estampando o nome da praça.

Serra da Raiz possui

também belos casarios, remanescentes dos períodos áureos dos engenhos produtores de açúcar e aguardente. A cidade foi a segunda maior produtora de cana-de-açúcar do estado. Mas houve outras culturas de destaque: café e pimenta do reino também foram produzidas a

em grande escala na região, que continua tendo a agricultura como base da economia, atualmente com foco no cultivo da macaxeira, feijão verde, batata, inhame e fava. Entre as iguarias que podem ser apreciadas, destaque para os licores caseiros. Frutas como pitomba, jenipapo, cajá e maracujá se transformam em deliciosos produtos, feitos artesanalmente e sem qualquer tipo de conservante, opção para degustar e presentear.

moradores que fazem do folgado um belo e rico espetáculo. Na cidade todos conhecem o Boi de Reis Mestre Ivanildo, o grande responsável por manter acesa a chama de uma das mais importantes tradições populares do Nordeste. Outra manifestação cultural preservada no lugar é o Pastoril, que em Serra da Raiz recebe o nome de Mestre Adauto. A música também tem espaço com a banda Joaquim Menezes, orgulho da cidade.

Vizinha dos municípios de Duas Estradas, Sertãozinho e Dona Inês, Serra da Raiz está inserida no “Araraíá do Interior”, com festa em praça pública nos dias 24, 25 e 26 de junho com nomes como Brasas do Forró e Raniery Gomes.

Visitação

Cruzeiro, Lajedo do Alto, Trilha das Fontes e Memorial dos Engenhos: opções de passeio para quem ama a natureza

Uma cidade cultural

Não é difícil encontrar em festejos realizados na cidade o colorido das fitas do folclórico Boi de Reis. A tradição, que chegou ao Brasil com os portugueses, segue sendo mantida através dos

Construção de um complexo educacional

Além da manutenção do ginásio coberto e da escola Padre Emídio Fernandes, que somaram quase R\$ 600 mil, o Governo do Estado está trabalhando na construção do novo complexo educacional Maria José Miranda Burity, um sonho que os moradores de Serra da Raiz só agora estão vendo realizar. O secretário de Turismo, José Luís Pessoa, falou sobre a importância da obra, orçada em mais de R\$ 5 milhões, que deve atender alunos não só de Serra da Raiz, mas de outros municípios vizinhos.

“Sabemos que o investimento em educação é pro

resto da vida. É um dos grandes investimentos históricos de nossa cidade. Um dos grandes orgulhos que a gente está tendo de ver é que o governador João Azevêdo teve o olhar voltado para o nosso pequeno município. Estamos nos sentindo muito felizes com a atuação do governador para conosco”, enfatizou.

Histórico

“Aqui nasceu a Paraíba”. É a partir dessa afirmação que Serra da Raiz costuma contar sua história, ligada à colonização portuguesa no Brasil

e à conquista da Paraíba. Eram os potiguaras, os habitantes do Litoral da Paraíba e Rio Grande do Norte no século 16, e tinham na Serra da Cupaóba, hoje Serra da Raiz, como o centro desse domínio. Conta-se ainda que em 1574 chegou à região um aventureiro em busca de riquezas que teria se apaixonado por Iratambé, uma jovem índia filha do líder da aldeia.

O casamento aconteceu e o visitante, que havia prometido ficar morando com os índios, fugiu para Olinda levando Iratambé. Iniguaçu, pai da me-

nina, mandou dois dos filhos buscarem a irmã. Na viagem de volta, pararam para descansar no Engenho Tracunhaém do rico português Diogo Dias, que seduzido pela beleza de Iratambé, a fez prisioneira.

Iniguaçu, revoltado, atacou o engenho, matando todos que se encontravam no local. O episódio, conhecido como “O Massacre de Tracunhaém”, teria dado início a uma guerra de meio século que, para os portugueses, foi a campanha pela conquista da Paraíba e, para os nativos potiguaras, a luta em defesa da liberdade.

■ Loca da Negra foi a moradia de uma escrava fugida de um dos engenhos de cana-de-açúcar da região

LANÇAMENTO

Obra “desnuda” Gilberto Freyre

Em ‘A história íntima de Gilberto Freyre’, o famoso escritor pernambucano confidencia relatos ocultos de sua biografia

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A ideia de íntimo como algo sigiloso e que é protegido do escrutínio público se aplica à obra que revela detalhes de *A história íntima de Gilberto Freyre* (Cepe Editora, 492 páginas, R\$ 90), mas não se limita a ela. No livro que será lançado no dia 21 deste mês pelo historiador e antropólogo Mario Helio Gomes, o autor amplia o sentido do termo “história íntima” a partir do conceito que Gilberto Freyre (1900-1987) trabalhou a vida inteira e com o qual ele escreveu *Casa-Grande & Senzala* (1933), sua primeira e maior obra-prima. Seguindo o estilo conhecido também como “romance verdadeiro”, o escritor pernambucano confidencia relatos ocultos de sua biografia traduzidos como parte da história do Brasil. E é essa característica que faz das camadas mais profundas da personalidade de um dos mais importantes sociólogos do século 20 um objeto fundamental para se interpretar o país.

“Quando alguém tentar criar um abismo entre a literatura e a história, não pode compreender bem Gilberto Freyre nem a literatura ou a própria história”, afirma o Mario Helio Gomes. Para se desvelar os aspectos secretos e privados da vida do escritor para quem tudo é pessoal, o autor percorre muitos caminhos, mas tendo por mapa principal a produção intelectual do escritor. “As fontes dessa história íntima são todos os escritos dele. No mais simples artigo, a entrevista ou ao mais rigoroso estudo antropológico, o ‘eu’ dele sempre está presente. Não é uma história que pretende em momento algum ser subjetiva”, explica o especialista em Gilberto Freyre.

Outro suporte às pesquisas de Mario Helio foi um diário pessoal que Freyre manteve durante a juventude nos anos 1915 a 1930 e que estão transcritos em longos trechos no livro. Os textos já haviam sido publicados em 1975 com o título *Tempo morto e outros tempos* e que são mais que uma confissão espontânea. Eles são uma obra literária. “Ele foi o primeiro autor científico a tratar sobre a sexualidade de modo desassombrado, inclusive se colocando como personagem dessa história. O diário era mais como um livro de memórias. Apenas a forma literária seguia a estrutura de um diário”, explica o autor sobre as referências do escritor que ele estuda desde sua dissertação de mestrado em História na Univer-

sidade Federal de Pernambuco, defendida em 1994.

Entre os episódios reveladores presentes em ‘A história íntima de Gilberto Freyre’ está a narrativa da primeira experiência sexual do escritor com uma mulata, como se costumava chamar as mulheres com pais de etnias diferentes. É curiosa a des-

Brasil. Ele se reflete no Brasil em suas qualidades, nos defeitos e nos preconceitos, inclusive nessa visão sexualizada da mulata. A diferença é que ele assumia os seus ‘pecados’ da formação do país e que está escancarado em sua obra”, compara.

Tendo casado com Madalena Guedes Pereira Freyre, mãe de seus

presente ainda em seminovelas do escritor e essas reconstruções literárias tinham relação com a vida íntima do escritor. “Não tenho dúvidas que isso reflete não uma ideia abstrata do assunto, mas um conhecimento prático do tema”.

Em relato pessoal bastante controverso, Gilberto Freyre conta so-

derado muito feio pelo pernambucano. “Nessa passagem, o Gilberto Freyre eugenista, querendo agradar os ingleses, aparece de forma muito clara. Ele chega a transcrever as possíveis expressões em inglês que ele pensava em usar caso precisasse se desculpar pelo amigo mulato e feio”, cita Mario Helio, a quem o fato demonstra a coragem de admitir as fraquezas e o peso do colonialismo que poucos brasileiros assumem em si próprios.

Por causa dessas histórias e de seu perfil vaidoso e muitas vezes egocêntrico, Gilberto Freyre foi admirado incondicionalmente e atacado com igual energia. “Essa não é uma boa forma de abordar um autor tão rico. Ele tem, como poucos intelectuais brasileiros, muita coragem pessoal. É um autor que quase se punha nu e que escamoteia pouca coisa”. Oriundo de uma classe média canavieira fundada no racismo e que se envergonhava da miscigenação de seu povo, os preconceitos ideológicos contemporâneos a Freyre apostavam na necessidade de ‘branqueamento’ da nação como solução socioeconômica do país. Essa ideia foi desde sempre atacada pelo escritor pernambucano. “Ele faz uma exaltação escancarada do negro e defendia que a civilização afro-brasileira era a grande civilização em obra publicada em 1933, que é o mesmo ano em que Adolf Hitler torna-se chanceler na Alemanha”, contextualiza o Mario Helio, que percebe as críticas que hoje Freyre recebe devido ao ponto de vista que ele adota, contando a história apenas do ponto de vista da *Casa-Grande*.

Gilberto Freyre fazia, contudo, uma romantização da escravidão, caracterizando-a em certos casos como benigna ou “escravização doce”. “Esse é um problema importante, e as pessoas podem acusá-lo de ter suavizado os conflitos que haviam e amenizado uma situação que não tem nada de amena. Mas não vejo preconceito racial ou discriminação. Vejo *Casa-Grande & Senzala* como uma obra pioneira em pautas que são novidades no início do século 21”, afirma Mario Helio sobre o escritor nascido no último ano do século 19 e que continua a interessar às novas gerações. “Freyre continua muito maior do que os seus intérpretes, é já um clássico moderno, não apenas no sentido passivo, mas ativo. Não apenas maneja como poucos de ego, mas espelhou, com suas máscaras, o próprio país, e foi um dos principais inventores do que ainda hoje se entende por Brasil”.

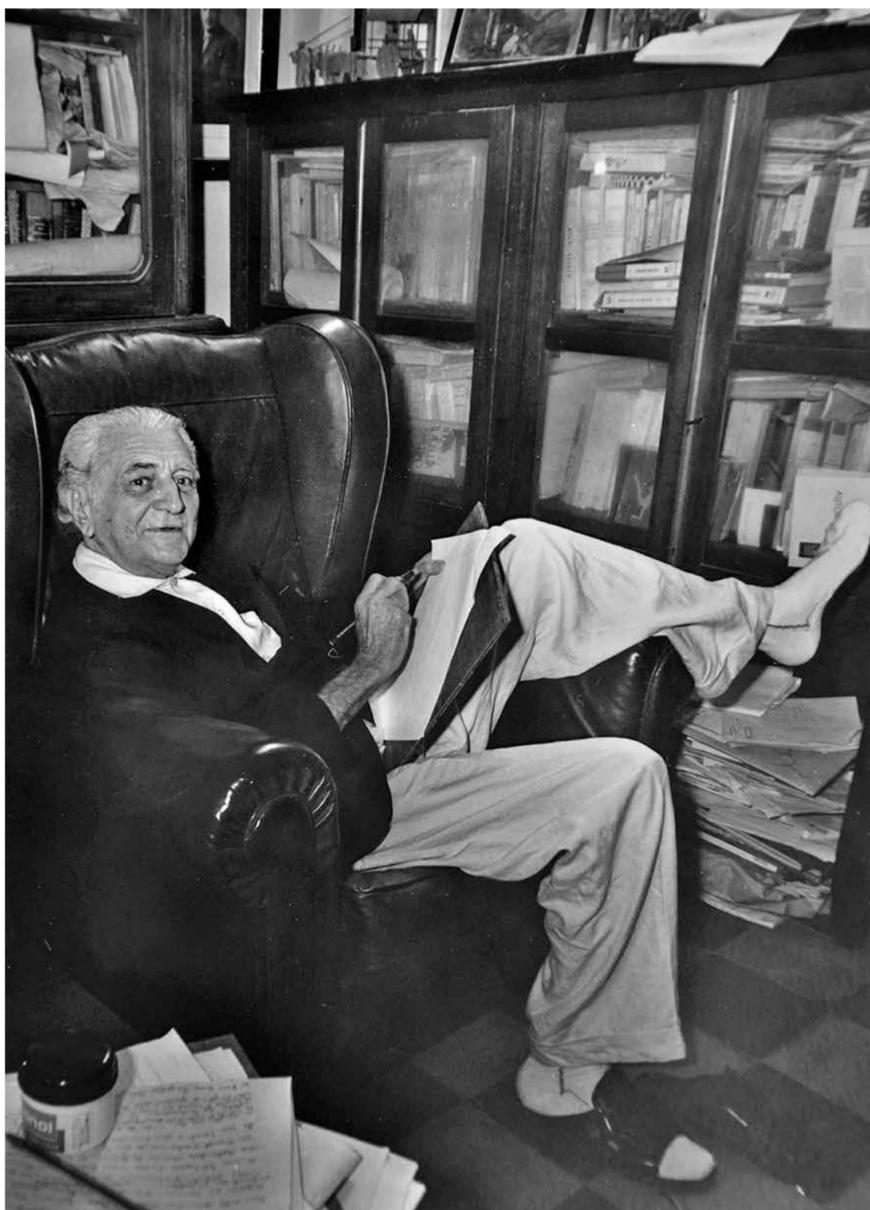


Foto: Acervo Fundação Gilberto Freyre

Um dos suportes das pesquisas foi um diário pessoal que Freyre manteve durante a juventude nos anos 1915 a 1930 e que estão transcritos em longos trechos no livro

crição quase cinematográfica de uma cama de lona onde ele se deitara com a mulher e o rangido que a cama fazia. Essa é a mesma cama que o leitor vai encontrar em *Casa-Grande & Senzala* e que o autor usa para falar sobre a história de sua infância a fim de expor a história do Brasil. “O que ele pretendia fazer era autobiografar o

dois filhos, Sônia e Fernando, Gilberto Freyre também revela ao menos um romance homoafetivo com um inglês. Em uma passagem do livro, Mario Helio menciona a curiosidade que Freyre tinha sobre o tema desde a juventude e que se concretizaria na vida adulta. O tema do amor erótico entre dois homens está

bre quando estava na Inglaterra e o diplomata e intelectual brasileiro Antônio Torres informou que tinha planos de lhe fazer uma visita quando chegasse à Europa. Freyre confessa sua covardia ao tentar dissuadir o amigo da ideia porque tinha vergonha de apresentá-lo aos ingleses, sendo ele negro e consi-

“

O que ele pretendia fazer era autobiografar o Brasil. Ele se reflete no Brasil em suas qualidades, nos defeitos e nos preconceitos, inclusive nessa visão sexualizada da mulata. A diferença é que ele assumia os seus ‘pecados’ da formação do país e que está escancarado em sua obra

Mario Helio Gomes



Imagem: Cepe/Divulgação



Foto: Malu Didier/Ascom-Fundaj

Para desvelar os aspectos secretos e privados da vida de Gilberto Freyre, para quem tudo é pessoal, Mario Helio Gomes (acima) fez vários caminhos, mas tendo por mapa principal a produção intelectual do autor do clássico ‘Casa-Grande & Senzala’

BIENAL DE SP

Evento terá forte presença de escritores lusófonos

Programação inclui 300 brasileiros e 30 estrangeiros para um público variado

Da Redação
com Agência Estado

Depois de quatro anos de espera (sendo mais dois de pandemia), a Bienal Internacional do Livro de São Paulo volta a ser presencial, mas em um novo lugar: o Expo Center Norte. A 26ª edição acontecerá entre os dias 2 e 10 de julho, reunindo 182 expositores, que serão divididos em três pavilhões.

Realizado pela Câmara Brasileira do Livro, o investimento do evento é de R\$ 38,5 milhões. Os ingressos já estão à venda. O tema deste ano é "Todo Mundo Sai Melhor do Que Entrou" e a Bienal do Livro 2022 vai promover 1.500 horas de programação cultural em seus nove espaços ofi-



Entre os convidados lusófonos está o angolano Valter Hugo Mãe

ciais. As editoras também organizam uma programação própria, com encontros com autores, lançamentos de livros e sessões de autógrafa.

São esperados, ao todo, 600 mil visitantes nos nove dias de feira. A lista de convidados é

extensa e inclui 300 autores brasileiros e 30 estrangeiros que dialogam com um público variado. Entre os convidados de fora, estão Jenna Evans Welch (*Amor & Gelato*, que em breve na Netflix), Nathan Harris (*A Doçura da Água*), Ali Ha-

zelwood (*A Hipótese do Amor*) e Elena Armas (*Uma farsa de amor na Espanha*).

Nos 200 anos da Independência, Portugal é o país homenageado e vai trazer uma comitiva de 23 convidados, com importantes autores lusófonos. A programação conta com curadoria da jornalista e escritora Isabel Lucas. Entre os autores, participam Afonso Cruz, Dulce Maria Cardoso, Gonçalo M. Tavares, Joana Bértholo, José Luís Peixoto, Kalaf Epalanga, Lídia Jorge, Matilde Campilho, Paulina Chiziane, Pedro Eiras, Ricardo Araújo Pereira, Rui Tavares, Teolinda Gersão e Valter Hugo Mãe.

Mais de dois milhões de livros estarão à disposição, de 500 selos editoriais.

Estética e Existência

Poesia e ciência

Diante dos novos desafios para construir um método que venha criar uma harmonia entre as áreas do conhecimento e nos relacionamentos humanos, também entre os países, o sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (1921) afirma que "É preciso reagrupar os saberes para buscar a compreensão do universo", de forma a reorganizar uma unidade nas diversidades. Nesse contexto, deve-se aplicar esses novos conhecimentos na convivência humana e sensibilizar-se com a harmonia do Universo, porque o Cosmos foi criado a partir de suas próprias leis – e a natureza humana está contida nelas – que são descobertas pelas ciências exatas e humanas. Para entender isso, uma das obras de Morin é a constituída por seis volumes, conhecida por *O Método*. Foi escrita durante três décadas e meia, que inicia os primeiros escritos em 1973, com a publicação do livro *O Paradigma Perdido: a Natureza Humana*. Esse livro fundamenta a necessidade de uma transformação epistemológica por questionar o engessamento ideológico e paradigmático das ciências. O conceito de paradigma significa um modelo, que corresponde a um exemplo a ser seguido em determinada situação estabelecida por limites, que determina o agir de um indivíduo quando está inserido neles, por considerar que o ser humano é um ser social; econômico; político; psicológico; também, é constituído de sabedoria e loucura.

Sabe-se que as teorias se limitaram aos estudos por área, e as questões da natureza humana tem sido pouco compreendida. Na opinião de Morin, os pesquisadores deveriam inserir um "conhecimento especializado" em um contexto natural e, também, na globalidade. Ele sugere a necessidade de uma reorganização do saber a partir do pensamento filosófico deste século. Por isso, ele afirma: "Devemos contextualizar cada acontecimento, pois as coisas não acontecem separadamente. E os átomos surgidos nos primeiros segundos do Universo têm relação com cada um de nós". Com a finalidade de exemplificar a ineficiência do "pensamento especializado" na compreensão do todo, Morin criticou as ciências econômicas. Por exemplo, alguns economistas procuram solucionar questões fundamentando-se na matemática e na lógica. Diante disso, ele afirma: "Eles se isolaram



Sociólogo e filósofo francês Edgar Morin

do resto das ciências humanas e se esqueceram da influência dos sentimentos, dos medos e dos desejos no processo econômico". Nessa crítica, percebe-se a necessidade de um novo método científico, que unifique as diversas áreas da Ciência. Isso é possível encontrar – nos dias atuais – na Cosmologia, que une a astrofísica com a microfísica e com reflexões filosóficas. Esse exemplo apresenta a necessidade de analisar as relações humanas e o mundo, e o Cosmos com uma sensibilidade poética.

Edgar Morin apresentou o conceito de "pensamento complexo", que se refere à capacidade de unir diferentes dimensões da realidade multidimensionais, interativas e com componentes aleatórias, com a finalidade de desenvolver uma estratégia de pensamento reflexivo. Esse conceito analisa as partes que são constituintes de um todo, que são conhecidas por sistêmica, cibernética e as teorias da informação. Uma de suas teses diz que diante dos problemas complexos que as sociedades contemporâneas enfrentam, apenas estudos interdisciplinares poderiam resultar em análises satisfatórias de tais complexidades. Para uma melhor compreensão, ele diz: "Finalmente, de que serviriam todos os saberes parciais senão para formar uma configuração que responda a nossas expectativas, nossos desejos, nossas interrogações cognitivas?" Essa tese também é encontrada no seu livro *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, que

apresenta o que ele chama de inspirações para o educador ou os saberes necessários a uma prática educacional. Essa Teoria da Complexidade é usada na epistemologia, e aplicada também na filosofia, na pedagogia, matemática, física, economia, informática, psicologia, arquitetura e em outras áreas. A Teoria do Pensamento Complexo baseia-se em três princípios: a "dialogia", admite-se que a coerência do sistema aparece com seu absurdo/contradição; a "recursividade", que é a capacidade da retroação de modificar o sistema; a "hologramia", que é utilizar a parte pelo todo e o todo pela parte. O operador dialógico envolve a razão e emoção; o sensível e inteligível; o real e o imaginário; a razão e os mitos; a ciência e a arte. E trata-se da não existência de uma síntese, porque tudo isto consiste no "dialogizar". O operador recursivo trata do fato de que sempre aprendemos que uma causa A produz um efeito B. Nessa recursividade a causa produz um efeito, que por sua vez produz uma causa. O operador hologramático trata de situações em que o indivíduo não consiga separar a parte do todo. Porque a parte está no todo, assim como o todo está na parte. Nesse contexto, o "pensamento complexo" afirma que somos produtores de cultura. E todas as obras de arte apresentam conhecimentos sobre a vida. Por isso que se deve unir as artes com o pensamento científico. Morin escreveu: "Muitas pessoas garantem a subsistência com determinado tipo de trabalho, sem deixar de investir em outras áreas que lhes dão mais prazer".

As contribuições de Morin justificam a importância do contexto histórico na formação dos cidadãos e na compreensão de uma comunidade, e sugere um método que priorize uma interpretação contextualizada. Para isso, tem-se a autoco-organização, que é uma nova maneira de ver a indissociabilidade entre sujeito e mundo; e o sujeito cognoscente, é quem realiza um ato de conhecimento através do pensamento. Tudo isso a partir de uma unicidade entre poesia e ciência.

Sinta-se convidado à audição do 372º Domingo Sinfônico, deste dia 5, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei apresentar as contribuições do pianista chinês Lang Lang (1982) para construção da unidade na diversidade.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Bruna e
Yolanda

Numa postagem da atriz e escritora Bruna Lombardi, ao lado de sua tia, Yolanda, de 93 anos, que falecera naquele dia, ou antes, não sei, chamou a atenção pela delicadeza da imagem. Lembrei de um Cireneu. Não exatamente Simão Cireneu, que ajudou Cristo a carregar a cruz.

Poderia ser apenas um álbum de família, mas a cena me transportou para coisas que não existem mais. Meu pai, por exemplo, tinha muito amor pelos seus irmãos. Lembro quando minha mãe brigava com uma de suas irmãs, ele ficava para não viver. Tia Sinhá ousava e ficava passando na outra calçada, só para vê-lo de longe. Ele corria para abraçá-la. O vento estremecia.

Bruna Lombardi cita em sua postagem, o escritor Agualusa, autor de *O vendedor de passados*, uma história da natureza, da verdade e o poder transformador da criatividade, cujo personagem é uma lagartixa. Aí pensei no poema do Bandeira.

O escritor angolano José Eduardo Agualusa, nos mostra a morte de uma forma bonita, como um arco-íris que se dissolve no céu. Uma pessoa que vive até 93 anos ou mais, já pode saber, deve saber, o que viveu e que desaparecerá solene. Assim foi a passagem do ex-senador Ivandro Cunha Lima.

Na postagem carrossel de Bruna Lombardi, um vídeo dela com a tia Yolanda, as duas olhando para o mar, quando Yolanda começa a falar: "A coisa mais bonita e importante da vida, é o silêncio. Amor, a verdade está no silêncio. E no sentir a profundidade na parte do universo, que vem até nós como beijos do sol, claros e felizes de nos encontrar" Eu achei tão bonito!

Fiz uma pausa. E veio o silêncio.

Isso de escrever sobre Yolanda para um mundo velho, admirável novo, nessa irrealdade que tece histórias de outras vidas intercaladas, não teria sentido ficar em silêncio.

Quando só pudermos ler o mundo com a ajuda de outros sons, talvez tudo nos volte a parecer estranho e comovido. Talvez.

Bruna Lombardi com a tia olhando o mar, uma cena de primeiro plano, a história de quem contempla as ondas, pelo silêncio da cena, mas o silêncio precisa de uma voz.

Sabemos que o mar não dorme, igual as cidades, em seus vários andamentos, pela manhã, à tarde e à noite. Pensei em Vinicius de Moraes e li em voz alta: "De manhã escureço / De dia tardo / De tarde anoiteço / De noite ardo".

Bruna Lombardi traz a descoberta de Yolanda para minha cabeça, quando a vida pode ser mais, pode extrair a beleza da banalidade de um dia em que uma pessoa muito querida morre.

Eu me entusiasmo e me emociono com as histórias dos outros, portando-me como o velho repórter que sou ou um antropólogo a entrevistar quem quer que seja. A vida tem esse fio do tempo.

Muitas vezes, o cenário do outro, do qual tento fazer parte que não existo sozinho, escuto uma canção que também é silêncio. Uma tia chamada Yolanda, que é nome de uma canção, já é motivo para uma crônica.

Nesses últimos dias fiquei em total silêncio. Não é uma proeza, mesmo que o final me prenda para algo feliz, bem feliz. Nada é mais harmonioso que o tempo.

Eu vou por aí a buscar o amor do gato malhado e da andorinha, do livro que Jorge Amado escreveu em 1948, um amor impossível, já que os gatos adoram devorar os passarinhos. Tudo são narrativas.

Kapetadas

1 - O outro lado da moeda não muda o valor da mesma. Medite sobre isso meu amigo.

2 - Primavera, verão, ou to no, inverno?

3 - Som na caixa: "Esta canção não é mais que mais uma canção Quem dera fosse uma declaração de amor", Chico Buarque e Pablo Milanes.



Atriz Bruna Lombardi (E), ao lado de sua tia, Yolanda (D)

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O renascer cinematográfico de um poeta paraibano

Recentemente, fui solicitado a fazer aditamento ao meu texto publicado em *Paraíba na Literatura III*, sobre *Américo – Falcão Peregrino*, focando no seu projeto temático e de realização, visando atualizá-lo sobre uma possível repercussão à trajetória de vida do poeta de Lucena. Isso, a partir da exibição e premiação do audiovisual em 2015. De pronto, busquei contactar alguns dos nossos historiadores.

Consultando-os sobre um possível alcance cultural positivo das nossas pesquisas e, consequentemente, da realização de *Américo – Falcão Peregrino*, eles foram unânimes em afirmar que, “O filme vem tendo forte influência a um novo renascer do vate praieiro de Lucena. Sobretudo, às novas gerações, inclusive universitárias”. Conclusão essa que, de fato, nos gratificou muito, sobretudo, pelo enorme trabalho que nossa produção teve na restauração da cenografia da cidade, revivendo uma época entre 1928/1933, período de uma Parahyba do Norte em que se dá a morte do presidente João Pessoa.

Nomes reconhecidamente dignos, que fazem a História da Paraíba, como o do amigo e prof. José Octávio de Arruda Mello, da historiadora Marta Falcão, parceira dos tempos ginásianos, em Santa Rita – terra do poeta de Lucena –, também, do ainda atuante parceiro forense Jorge de Luna Freire, filho de João Leles de Luna Freire, ocupante da cadeira 21 do IHGP, dentre ou-



Encontro da comissão de criação do memorial Américo Falcão e Alex Santos (D)

tros que fiz questão de manter contato, são unânimes em afirmar da seriedade também do vate de Lucena para a cultura poética da Paraíba.

Há algum tempo, com a exibição pública de *Américo – Falcão Peregrino* na cidade que o viu nascer, por solicitação de uma instituição que leva seu nome, despertou em algumas das pessoas ligadas ao ensino e à vida cultural de Lucena, o interesse pela criação de um Memorial para o poeta Américo Falcão. Então, recentemente fui procurado pelo amigo casal Paulo Ró e Maria Ernestina Cornélio, filha do professor José Cornélio da Silva (de saudosa memória), parceiro meu de alguns trabalhos em cinema e audiovisual, para que me integrasse ao projeto do novo centro cultural daquela cidade praieira.

Após alguns entendimentos com a família de Américo Falcão, já no

mês de abril último, visando uma acolhida ao projeto, a professora Ernestina fez novamente contato comigo, para dizer que, atualmente, estão em busca de um imóvel na cidade de Lucena, que sirva para a instalação do Memorial, e que a minha ajuda será muito bem-vinda, ao que agradei.

Fiquei muito feliz com a notícia, porquanto tratar-se de uma iniciativa de importância e significado para o lugar, e que as instituições municipais e a cultura de Lucena devem ver e apoiar. Esperamos que o início de tudo seja, apenas, uma questão de tempo, e que o nome de Américo Augusto de Sousa Falcão, influenciado também pelo nosso audiovisual, seja cada vez mais bem lembrado e reverenciado, como realmente merece. – Mais “Coisas de Cinema”, em: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Lirismo e geografia

Quero crer que não existe expressão poética sem o selo de uma geografia. Interior e subjetiva ou exterior e palpável, o solo singular dessa geografia dá sustentabilidade ao movimento das palavras.

Imaginem um Augusto dos Anjos sem a espessura verde e noturna da várzea do Paraíba, com seus roteiros visionários detidos pelo evangelho da podridão que lateja e brilha nos seus doidos e doídos decassílabos. Imaginem um Drummond de Andrade sem as batidas de ferro no seu coração itabirano. Imaginem um João Cabral de Melo Neto sem as pedras do Nordeste e de Espanha cimentando seus versos agudos e minerais. Imaginem um Manuel Bandeira sem as vastas abóbodas do beco e sem a mitografia onírica de Pasárgada. Haveria, sim, uma grande falta na constituição de suas respectivas poéticas individuais.

Trago esta breve e livre reflexão para dizer algumas palavras sobre o poeta Gilmar Leite Ferreira, a partir da leitura de *Águas do Pajeú* (Recife: Editora Coqueiro, 2022), sua coletânea de poemas mais recente. Sua origem está lá nos vales sagrados do Rio Pajeú, na urbe sertaneja de São José do Egito, seu “reino encantado”, berço privilegiado de poetas e cantadores; terra feita de sol, poeira e cinza; habitáculo da distância e dos azuis, sempre marcada pela voz do destino, quando o destino pode se converter na safra da melhor poesia.

É de suas entranhas geodésicas, de sua composição climática, de sua vária e complexa territorialidade, com sua fauna e flora características, suas criaturas, hábitos, bichos, mitos e credências, que Gilmar Leite Ferreira, poeta à maneira dos bardos medievais, tece a cambraia multicolor de sua poesia sertaneja, fundindo lirismo e geografia.

Indiferente aos vocativos experimentais das vertentes de vanguarda e aos decretos, tantas vezes autoritários, das escolas literárias de índole construtivista, seu ritmo e seu temário cedem mais aos imperativos da expressão imediata, que narra e descreve, à música interior dos sentimentos e das emoções face à oferta plural de bens e valores que a natureza concede, gratuita e espontaneamente, para gozijo do homem.

Seu verso atende sempre à cartilha da métrica tradicional, ao gosto das formas fixas e ao fluxo progressivo que dinamiza o jogo institucional das configurações retóricas. Se, por um lado, releva a herança erudita de românticos e parnasianos, por outro, não esconde as raízes orais e telúricas do cancionário popular, com suas quadras, décimas e sextilhas típicas dos legítimos repentistas.

A infância, o rio, a cidade, as cavalgadas, os brinquedos, os poetas, as árvores, o perfume, as águas, enfim, tudo o que perfaz a mitografia da paisagem e a bússola do tempo, sobretudo do tempo que já se foi, comparece como motivação essencial desta poesia graciosa, simples, fluida, natural e vívida como a luz do sol banhando as margens do Pajeú das Flores. Seu propósito expressivo se resume na doce ingenuidade de um texto como *Voo de passarinho*, sobretudo na pauta destes versos: “Bato as asas da poesia / No campo dos sentimentos, / Sentindo a todo momento / Um mundo de fantasia. (...) Sinto na alma as calmarias / Dos ventos no campo vago, / Que beija sereno o lago / Com a água dos poemas, / Onde lindas seriemas / Tomam banhos de afago”.

Gilmar Leite Ferreira, na *Nota do Autor*, fala de seus mestres de letra e cadência, orgulhoso dessa família a que pertencem, entre outros, nomes, como Rogaciano Leite, Lourival Batista, Jó Patriota, Pinto do Monteiro e Zé Marcolino. Mestres com quem aprendeu, segundo revela, “os encantos, os mistérios, os segredos, as nuances simbólicas, a arquitetura linguística e o sensível que pautam o sentido de uma boa poesia, comprometida com a cultura local e com a força da terra sertaneja, com suas ambiguidades, aporias e paradoxos”.

Gilmar Leite Ferreira não quer nem ousa mais que isto. E isto não é pouco, se penso nos dias de brutalidade, narcisismo, nihilismo, cinismo e bandalidade do mal a corroer os valores humanos e a eliminar as utopias da civilização.

É preciso, pois, saber compreender a significação memorável desta dicção lírica, que, parece, cristalizou-se no tempo, mas quer, dentro de suas fronteiras formais e ao largo das metamorfoses estéticas do mundo contemporâneo, reter o veio original das fontes naturais, o lendário glorioso de uma região seca e sagrada, distante das luzes artificiais das grandes metrópoles e dos engenhosos laboratórios linguísticos e tecnológicos.

É verdade. Tudo passa. Mas de tudo fica um pouco, já disse o poeta de Minas, num de seus poemas de *A rosa do povo*. A poesia é exatamente este pouco que fica, imperecível e preservado; este pouco que arde e perdura enquanto o coração não para. *Águas do Pajeú*, do poeta Gilmar Leite Ferreira pode testemunhar esta verdade.

Colunista colaborador



APC: membro sugere ações objetivas

O acadêmico Manoel Jaime Xavier, em recente encontro com parceiros da Academia Paraibana de Cinema, sugeriu ações objetivas à instituição. Uma delas seria promover, ainda este ano, maior aproximação com os alunos do Curso de Cinema da UFPB. Para isso, criando um programa de exposições periódicas, com filmes que trouxessem um pouco do nosso “tão esquecido pioneirismo cinematográfico”. Sugeriu que, na futura Fábrica do Audiovisual Paraibano, a ser construída no Varadouro, em prédios da antiga Matarazzo, fosse criado o Memorial do Cinema Paraibano, como também a Cinemateca Paraibana, de conformação com o Nudoc da UFPB. Xavier ocupa a Cadeira 16 da APC, cujo patrono é Pedro Honorato, exibidor do antigo Cine São Pedro, em João Pessoa.

EM cartaz

ESTREIA

JURASSIC WORD: DOMÍNIO (EUA. Dir: Colin Trevorrow. Aventura. 12 anos). Quatro anos após a destruição da Ilha Nublar, os dinossauros agora vivem ao lado de humanos em todo o mundo. Contudo, nem todos répteis consegue viver em harmonia com a espécie humana, trazendo problemas graves. Esse frágil equilíbrio remodelará o futuro e determinará, de uma vez por todas, se os seres humanos continuarão sendo os principais predadores em um planeta que agora compartilham com as criaturas mais temíveis da história em uma nova era. Os ex-funcionários do parque dos dinossauros, Claire (Bryce Dallas Howard) e Owen (Chris Pratt) se envolvem nessa problemática e buscam uma solução, contando com a ajuda dos cientistas experientes em dinossauros. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h - 16h - 19h15 - 22h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 13h30 - 16h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 14h30 - 17h45 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 14h - 17h15 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 15h - 18h15 - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 15h30 (dub.) - 18h45 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 15h30 - 18h45 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 14h30 - 17h45 - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h30 - 16h45 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h25; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub., 3D): 17h40 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h20 - 17h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub., 3D): 17h40 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h20 - 17h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h25; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 19h; Cine RT (dub.): 15h - 20h40.

CONTINUAÇÃO

DOUTOR ESTRANHO NO MULTIVERSO DA LOUCURA (Doctor Strange in the Multiverse of Madness. EUA. Dir: Sam Raimi. Aventura. 14 anos). Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch) vai para uma jornada rumo ao desconhecido. Além de receber ajuda de novos aliados místicos e outros já conhecidos (como a Wanda, interpretada pela Elizabeth Olsen), o mago da Marvel atravessa as realidades alternativas perigosas dos diversos universos para enfrentar um misterioso adversário. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h45 (dub., sessões exceto seg., ter. e qua.) - 16h30 (dub.) - 19h20 (dub.) - 22h10 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h (exceto seg.) - 17h (exceto seg.) - 19h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h15 - 17h45 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h15 - 17h45 - 20h15.

O HOMEM DO NORTE (The Northman. EUA. Dir: Robert Eggers. Drama histórico. 18 anos). No ápice da Landnámssöld, no ano de 914, o príncipe Amleth (Alexander Skarsgård) está prestes atingir maioridade e ocupar o espaço de seu pai, o rei Horvendill (Ethan Hawke), que acaba sendo brutalmente assassinado. Amleth acaba descobrindo que seu tio é o culpado, mas sem sequestrar a mãe de Amleth primeiro. O menino então jura que um dia voltaria para vingar seu pai e matar seu tio. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 21h45.

LUTA PELA FÉ - A HISTÓRIA DO PADRE STU (Father Stu. EUA. Dir: Rosalind Ross. Drama. 12 anos). Baseado em uma história real, Father Stu é um boxeador que vira um padre. Quando uma lesão encerra sua carreira no boxe, Stuart Long (Mark Wahlberg) se muda para Los Angeles sonhando em virar um ator. Enquanto trabalha como

balconista de supermercado, ele conhece Carmen (Teresa Ruiz), uma professora católica. Determinado a conquistá-la, o agnóstico de longa data começa a ir à igreja para impressioná-la. Mas sobreviver a um terrível acidente de motocicleta o deixa imaginando se ele pode usar sua segunda chance para ajudar os outros a encontrar o caminho, levando à surpreendente percepção de que ele deveria ser um padre católico. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45 (exceto seg., ter. e qua.).

SONIC 2 (EUA. Dir: Jeff Fowler. Comédia. Livre). Após conseguir se estabelecer em Green Hills, Sonic está pronto para mais liberdade e quer provar que tem o necessário para ser um herói de verdade. CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h40 (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h40 (sáb. e dom.).

TOP GUN: MAVERICK (EUA. Dir: Joseph Kosinski. Aventura. 12 anos). Depois de mais de 30 anos servindo a marinha como um dos maiores pilotos de caça, Pete “Maverick” Mitchell (Tom Cruise) continua na ativa, se recusando a subir de patente e deixar de fazer o que mais gosta, que é voar. Enquanto ele treina um grupo de pilotos em formação para uma missão especial que nenhum “Top Gun” jamais participou. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h15 - 17h - 19h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h45 - 18h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h15 - 16h15 - 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h15 (exceto seg. e ter.) - 18h15 (exceto seg. e ter.) - 21h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h15 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h15 - 20h45; Cine RT (dub.): 18h.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

DRAMATURGIA

Musical aborda a vida de São Bento

Hoje, em João Pessoa, espetáculo 'Benedictus – Ora et labora' traça o caminho de santidade do personagem bíblico

Da Redação

“São Bento tem um papel muito importante na história e na espiritualidade da nossa Comunidade, por isso esse espetáculo foi escrito e está sendo montado com muita emoção e dedicação”, explicou João Maurício Gurgel, que, junto com Ana Paula Correia Lima, assina o roteiro e a direção do musical *Benedictus – Ora et labora*. O espetáculo, que é uma realização da Comunidade Católica Em Adoração, será apresentado hoje, a partir das 17h, no Teatro A Pedra do Reino, em João Pessoa.

Este ano em sua terceira versão, a montagem, ao trazer a obra e a vida de São Bento, busca retratar a história desse homem que trilhou o caminho de santidade que mudou o cristianismo do Ocidente ao ouvir a voz de Deus. A cada ano, o projeto conta a história de um santo católico ou personagem bíblico, a partir de criação de roteiros originais, com trilha sonora autoral, coreografias e arranjos originais. Os ingressos estão sendo vendidos através da plataforma Sympla (www.symppla.com.br).

O espetáculo possui o envolvimento de cerca de 300 pessoas, entre atores, músicos e equipes de produção. Todos os detalhes do musical são produzidos por

membros da Comunidade Católica Em Adoração, desde as composições musicais – que serão executadas ao vivo, com banda e coral – até as peças do figurino, maquiagem e os cenários.

Além de *Benedictus – Ora et labora*, que será apresentado hoje, em sua primeira edição, no ano de 2018, a história de São João Batista foi produzida através do musical *Benedictus – A voz que clama no deserto*, e, no ano seguinte, foi a vez de *Benedictus – A mulher da Samaria*, que promoveu a história bíblica da mulher samaritana.

A Comunidade Católica Em Adoração tem cerca de 600 membros, com casas de Missão em João Pessoa, Santa Rita, Manaus e Tefé (AM), tendo como seu fundador e moderador o Diácono Permanente Eduardo Henrique Valentim de Sousa.



Através do QR Code acima, acesse o site do Sympla para adquirir os ingressos

Fotos: Comunidade Católica Em Adoração/Divulgação



Ensaio da produção católica: estão envolvidos, na montagem, cerca de 300 pessoas, entre atores, músicos e produção

FORRÓ FIANDO

A música que embala o nordeste, na rádio que toca a Paraíba.



A FOGUEIRA
MAIS BRILHANTE...

O MILHO MAIS
DEBULHADO...



O SANFONEIRO
MAIS AFINADO...



A FESTA MAIS
AGUARDADA...

...E O FORROFIANDO!

CONTRATAÇÃO DE BANDAS COM SUPER CACHÊ

TCE investiga 160 municípios na PB

Tribunal quer transparência nos contratos, razoabilidade nos gastos e pede mais cautela aos prefeitos

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

A polêmica está formada. O cancelamento de um show do cantor sertanejo Gustavo Lima, na cidade mineira de Conceição de Mato Dentro, que aconteceria no dia 20 de junho, e o artista faturaria R\$ 1,2 milhão, deu origem a uma ebulição com o tema, que acabou envolvendo outros artistas e ganhou repercussão em todo o país. Aqui na Paraíba, com a proximidade dos festejos juninos, esses cantores e bandas estarão em vários municípios paraibanos e o Tribunal de Contas do Estado já avisou que está de olho nestes contratos e quanto os gestores estão dispostos a pagar. O órgão emitiu recomendação às prefeituras pedindo cautela na hora de contratar as 'grandes atrações' e que os prefeitos demonstrem que não haverá descumprimento com as obrigações básicas como pagamento de folha de pessoal e investimentos mínimos em educação, saúde e respeito às questões previdenciárias, em detrimento a pagamento destes super valores. Cento e sessenta municípios estão sob instigação do órgão.

"Na verdade, é o seguinte, em relação as contratações de artistas com cachês milionários, por parte das prefeituras para fazer shows, especialmente nos festejos juninos: deve haver cautela, principalmente quando esse município está em situação inadequada para se pagar um cachê pomposo. O Tribunal de Contas do Estado, através do conselheiro Fernando Catão fez um alerta, que as tradições sejam mantidas, mas que os valores



Foto: Instagram/Reprodução

Gustavo Lima receberia R\$ 1,2 milhão para show em pequeno município e gerou polêmica

das contratações não sejam exorbitantes", explicou o advogado Ricardo Sérvulo.

O jurista explicou ainda que um contrato feito por uma prefeitura de grande porte, como João Pessoa ou Campina Grande, não pode ser feito por outras cidades menores, em arrecadação, por exemplo. Seria o que ele classificou como sendo contrato de dois pesos e duas medidas.

"Ninguém pode precificar valores de artistas 'A' ou 'B'. Mas os prefeitos e prefeitas têm que ter o bom senso na hora de abrir o cofre e pagar cachês de R\$ 300 mil, R\$ 400 mil, R\$ 500 mil ou mais, para um único artista. Na maioria das vezes, esses mesmos gestores gastam sequer isso

Alerta

Prefeitos e prefeitas têm que ter o bom senso na hora de resolver abrir o cofre e pagar cachês milionários

em um ano com determinado serviço, em sua cidade", completou.

Em Pernambuco, por exemplo, na semana passada, o Tribunal de Contas

do Estado de lá, determinou suspensão dos shows que custem mais de R\$ 1 milhão para uma pequena cidade.

Lá, a Prefeitura de Bom Conselho, no Agreste do estado, anunciou os festejos juninos do município com atrações nacionais como César Menotti e Fabiano, João Gomes e Priscilla Senna, mas terá que cancelar, provavelmente.

De acordo com o TCE-PE, a prefeitura teve cinco dias para enviar uma resposta. O órgão considerou "a ausência de demonstração da compatibilidade da previsão de recursos orçamentários com o compromisso a ser assumido, caracterizando desobediência à exigência constante".

Gastos em cachês



Municípios da Paraíba

• São Mamede R\$ 575.000,00	• São Francisco R\$ 140.000,00
• Ouro Velho R\$ 547.500,00	• Sumé R\$ 140.000,00
• Araruna R\$ 448.000,00	• Cajazeirinhas R\$ 100.000,00
• João Pessoa R\$ 431.350,00	• Desterro R\$ 85.000,00
• Malta R\$ 411.000,00	• Dona Inês R\$ 30.000,00
• Taperoá R\$ 340.000,00	• Algodão de Jandaíra R\$ 25.000,00
• Boa Ventura R\$ 280.000,00	• Bonito de Santa Fé R\$ 20.000,00
• Conceição R\$ 280.000,00	• Gurjão R\$ 9.000,00
• Tavares R\$ 235.000,00	• Serra Redonda R\$ 3.000,00
• Itapororoca R\$ 160.000,00	

TOTAL R\$ 4.259.850,00

Fonte: TCE-PB

Tribunal emite alerta, e gastos com festas já passam dos R\$ 4 milhões

O Tribunal de Contas da Paraíba confirmou que os gastos das prefeituras paraibanas já ultrapassam os R\$ 4 milhões só para as festas juninas deste ano. Segundo o órgão orientador e fiscalizador, existe um descompasso enorme entre o que se arrecada e o que pretendem gastar os gestores.

De acordo com o conselheiro Fernando Catão, o TCE-PB está formatando

parceria com a Polícia Federal para, juntos, estabelecerem um controle e uma orientação nestes gastos.

"Recebemos a visita do novo superintendente da PE, Marcelo Ivo de Carvalho. Discutimos esse assunto e possivelmente vamos trabalhar conjuntamente com o Ministério Público dentro do Observatório de Políticas Públicas", disse Catão.

A cidade de Ouro Velho



Foto: Rafael Passos/Secom-JP

TCE quer cachês dos artistas dentro de um padrão justo

foi um dos alvos dos dois órgãos. Com pouco mais de dois mil habitantes, o município teve contratações canceladas pelo TCE paraibano. Os shows envolvem Xand Avião e Priscilla Sena, que ultrapassavam, juntos, cachê superior a R\$ 500 mil.

Ainda de acordo com o conselheiro, o TCE tem o poder discricionário, mas os gastos milionários de alguns gestores levam a um

olhar mais apurado do órgão.

"Não temos o poder discricionário para dizer ao gestor se gaste ou não gaste. Essa é uma questão da competência do governo. No entanto, um município que aplica por ano R\$ 500 mil em todas as verbas do município e no meio do ano gasta meio milhão, cabe um olhar mais acurado", questionou Catão.

Presidente da Famup sai em defesa dos prefeitos e de suas prerrogativas

O presidente da Federação dos Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, diante das ações do TCE-PB, saiu em defesa dos prefeitos e suas prerrogativas. Segundo ele, os gestores estão tendo a transparência pedida pelo órgão.

"Os prefeitos tem a prerrogativa dos gastos da Prefeitura. Eles tem o poder discricionário para poder ver o que é melhor para sua cidade

e o seu orçamento e veem o que podem ser gastar. Se eles estão tendo a transparência nos contratos isto é importante. Se a condição é favorável para ele fazer uma festa com uma grande atração ou não quem sabe é o prefeito", disse George.

Segundo o presidente, os gestores tem o orçamento na mão e respeitam os órgãos controladores. "Eles, tem os contratos e sabem os valores

“

Os prefeitos têm a prerrogativa dos gastos da Prefeitura. Eles têm o poder discricionário para poder ver o que é melhor para sua cidade e o seu orçamento e veem o que podem ser gastar

George Coelho

e respeitam os órgãos controladores. Até por que todos os contratos e despesas são comunicadas ao Tribunal de Contas", explicou o presidente.

Em relação aos nomes dos artistas contratados e seus respectivos cachês, o presidente da Famup confirmou que tudo, é informado ao TCE da Paraíba. Nomes, cachês e todos os detalhes de pagamentos são enviados à

Corte de Contas. "Os municípios estão há dois anos sem festa. Os prefeitos não querem fazer festa e deixar de cumprir com suas responsabilidades de gestor. Nós estamos ai há dois anos sem festa por conta da pandemia. Algo tradicional na nossa região. Nenhum quer fazer festa e deixar responsabilidades sem ser cumpridas. Até por que esta é uma das orientações ds Famup", disse George.

MORTE EM ABORDAGEM DA PRF

Senadores acompanharão caso Genivaldo em Sergipe

Diligência externa em Aracaju e Umbaúba será nos dias 13 e 14 de junho

Agência Senado

Um grupo de senadores da Comissão de Direitos Humanos (CDH) viajará para Sergipe para acompanhar as medidas adotadas pelas autoridades sobre a morte por asfixia de Genivaldo de Jesus Santos, em abordagem realizada por agentes da Polícia Rodoviária Federal em Umbaúba. A diligência externa em Aracaju e Umbaúba será nos dias 13 e 14 de junho.

O requerimento, aprovada na quarta-feira (1º), é de autoria do presidente da comissão, o senador Humberto Costa (PT-PE). Na justificativa do pedido, o parlamentar lembra que Genivaldo morreu “após ter sido colocado no porta-malas de uma viatura daquela instituição, com gás lacrimogêneo e spray de pimenta; uma ação extremamente violenta, totalmente desumana e desproporcional”.

Para o presidente da CDH, o flagrante mostrou um aten-

tado contra o direito à vida e desleixo com os princípios básicos da abordagem policial: legalidade, necessidade, proporcionalidade, moderação e conveniência.

“As imagens da crueldade cometida por aqueles agentes nos mostram que as ações por eles adotadas em nada correspondem com os dispositivos legais que regulam o uso da força pelos agentes de segurança pública; aquelas imagens absurdas nos mostram uma abordagem carregada de crueldade, que nos leva a um passado sombrio”, afirma Humberto Costa.

De acordo com o senador, a CDH vai acompanhar as investigações do caso e fiscalizar as providências adotadas pelas autoridades em relação “a esse trágico episódio”.

Pensão

Durante a reunião, Humberto Costa (PT-PE) defendeu a aprovação pelo Senado de projeto de lei de sua autoria e do senador Rogério Carva-

lho (PT-SE) que prevê indenização no valor de R\$ 1 milhão para Maria Fabiana dos Santos, viúva de Genivaldo, pela violência cometida por agentes de estado. O PL 1.388/2022 propõe ainda o pagamento de pensão especial vitalícia a familiares de Genivaldo.

“Isso certamente não vai trazer de volta a vida de Genivaldo, mas vai minimizar o sofrimento desta família”, apontou Humberto.

Violência política e policial

A CDH aprovou outros dois requerimentos de diligências. O colegiado fará uma série de diligências para acompanhar casos de violência política no Brasil. Estudo publicado pelas ONGs Justiça Global e Terra de Direito aponta que, entre janeiro de 2016 e setembro de 2020, o Brasil registrou, em média, um ato de violência política a cada quatro dias, tendo como principais alvos a população negra, as mulheres e a comunidade LGBTQIA+.

Autor do requerimento, Humberto Costa ressaltou casos como o da ex-deputada federal Manuela D’Ávila (PCdoB), que desistiu de disputar uma vaga ao Senado pelo Rio Grande do Sul após ameaças.

O colegiado também fará um ciclo de diligências para acompanhar os casos de violência policial. O pedido foi apresentado por Humberto.

Apuração

A CDH vai acompanhar as investigações do caso e fiscalizar as providências adotadas pelas autoridades em relação “a esse trágico episódio”

Foto: Geraldo Magela/Agência Senado



O presidente da CDH, o senador Humberto Costa, vai acompanhar o grupo que viajará para Sergipe

Humberto Costa defendeu a aprovação, pelo Senado, de projeto de lei de sua autoria e do senador Rogério Carvalho que prevê indenização de R\$ 1 milhão para Maria Fabiana dos Santos, viúva de Genivaldo

SEM REFORMA TRIBUTÁRIA

Senado vai focar em mudança do IR e Refis

Daniel Weterman e Adriana Fernandes
Agência Estado

Com a proposta de uma reforma tributária ampla sem chances de emplacar neste ano, o Senado avançou na estratégia de enxugar o projeto de mudança do Imposto de Renda defendido pela equipe econômica em troca da aprovação de um novo programa de refinanciamento de dívidas (Refis) para pessoas físicas e grandes empresas na Câmara.

A alternativa é defendida pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que não conseguiu apoio suficiente para aprovar uma mudança ampla no sistema tributário do país em ano eleitoral. Pacheco propôs ontem mudanças no projeto do IR em uma reunião com o relator da proposta, Angelo Coronel (PSD-BA).

A votação da reforma tributária ampla, contida na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 110, foi adiada esta semana pela quarta vez na

Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado. Os senadores agiram para derubar a reunião, não registrando presença no colegiado. Nem mesmo o presidente da comissão, Davi Alcolumbre (DEM-AP), marcou participação.

Informado sobre o clima logo pela manhã, Pacheco resolveu não insistir na votação e admitiu a derrota. A avaliação do comando do Senado é de que a tentativa mostrou que não há chance de votação da PEC em período pré-eleitoral.

Defensores da proposta, no entanto, acusam o presidente da CCJ de ter feito uma manobra para não ter quórum na sessão. O relator da PEC, senador Roberto Rocha (PTB-MA), criticou a decisão que mandou não computar como presença o registro feito de maneira remota na sala virtual da CCJ.

Versão enxuta

Sem a votação na CCJ, o presidente do Senado quer aprovar a reforma do IR, que

passou na Câmara no ano passado, mas com uma versão mais enxuta, após receber uma sugestão do Ministério da Economia para destravar o projeto - que enfrenta resistência de senadores e governadores.

A proposta ficaria apenas com o aumento da isenção do imposto para pessoas físicas, de R\$ 1 mil para R\$ 2,5 mil; a redução da carga para pessoas jurídicas, de 34% para 30% (e não mais para 26%); e a tributação de dividendos com uma alíquota de 15% (em vez do percentual de 10% previsto no texto da Câmara).

Na semana passada, Angelo Coronel chegou a dizer que, “enquanto eu estiver vivo”, o projeto ficaria na gaveta. Após o apelo de Pacheco, o senador admitiu que pode rever a posição. “Estamos estudando a melhor maneira que atenda o mercado e os entes federativos”, disse Coronel ao Estadão.

Com a reforma do IR, o Senado espera destravar o projeto que prevê um Refis amplo para médias e grandes em-

presas que está na Câmara. Enquanto o IR tem resistência no Senado, o Refis enfrenta críticas de deputados. Dessa forma, um acordo poderia destravar as duas medidas no Congresso. O presidente da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL), só aceita tocar o Refis se o projeto do IR for aprovado.

■ A alternativa é defendida pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que não conseguiu apoio para aprovar uma mudança ampla no sistema tributário do país

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

O maestro da terceira divisão

O submundo do futebol tem seu compositor. Chama-se Carlos Santorelli, autor de hinos de 142 clubes do país, todos da segunda, terceira ou quarta prateleira, como se diz no jargão do jogo. Alguns tão desconhecidos que até a chamada crônica esportiva ignora. Por exemplo, quem na Paraíba sabe da existência da equipe do Igaracy? E o valoroso Sabugy? Pois saibam que esses times tiveram a honra de serem glorificados pelo maestro Carlos Santorelli. Além desses, Carlos fez homenagens musicais para o Treze, Campinense, Botafogo da Paraíba, Nacional de Patos, Desportiva Guarabira, Auto Esporte de João Pessoa, Santa Cruz de Santa Rita, o Dinossauro de Sousa, Esporte de Patos, Serrano, Trovão, Atalaia, Vila Branca de Solânea, Perilima, Santos de Tererê, Cuité, Confiança de Sapé, Femar, Desportiva Picuiense, Spartax de João Pessoa, Ouro Velho, União de João Pessoa e o extinto Vila Nova de Itabaiana, terra natal do maestro Carlos Santorelli. Sim, porque a imprensa nacional deu espaço na semana passada ao músico paraibano, onde se informava que ele nasceu em São Paulo, lugar de sua moradia atualmente, mas Carlos é meu conterrâneo. Consta no meu livro “Artistas de Itabaiana”, lançado em 1998. O caso do compositor que tem mania de agraciar equipes de futebol das divisões inferiores, e até sem nenhuma divisão, mereceu destaque até na Rede Globo, no Esporte Espetacular. “Clube grande quase sempre já tem hino tradicional, portanto, gosto de compor preferencialmente para times de menor potencial econômico e sem grande expressão, e o faço para ajudá-los a aparecer no cenário nacional”, conta Carlos.

O time de Ouro Velho, na Paraíba, já contava com seu hino oficial. A canção que Carlos Santorelli compôs para o clube virou objeto de ostentação da torcida. Adotaram a composição como hino, desbancando o cântico oficial. A Globo parou de tocar o hino dos clubes na cobertura dos gols nos jogos do Campeonato Brasileiro. No lugar, uma música padrão passou a ser reproduzida. Uma pena, porque a torcida do Ouro Velho Futebol Clube não escutará o belo hino alternativo do clube em escala nacional, quando aquela aguerrida esquadra chegar à primeira divisão.

Aqui pra nós, confesso que não costumo derreter o coração ouvindo hinos, seja de quem for, antes de partida de futebol. Para mim, alude a um certo nacionalismo, intensificação dos valores ditos nacionais que o mais das vezes descamba para o fascismo puro e simples. O nacionalismo tem culpabilidade direta e indireta pelas grandes atrocidades dos últimos séculos. Em países e tempos distintos, o entusiasmo nacionalista levou a uma situação de desordem coletiva que incorreu em grandes desventuras para o povo. Opção para abertura dos jogos e comemoração das vitórias: canções dos músicos locais. Nada de brado retumbante enjoativo. O hino do Brasil tem 255 palavras, um dos mais longos, maçantes e confusos do mundo. Você não acha um tanto esquizofrênico ver um povo cantando um hino que não entende? Seria como o padre dizendo a missa em latim e os fiéis fingindo captar a mensagem. Os hinos do maestro Carlos Santorelli utilizam palavras simples com ritmo que empurra o time em campo, mesmo que o esquadrão seja tão ruim, mas tão péssimo que nem a criatividade musical de um gênio consegue comover as arquibancadas. Vale zoar o rival, sem exaltar a macheza da torcida. Isso é machismo besta e incitação à violência.

Meu amigo Carlos Santorelli é cantor, compositor, maestro arranjador e regente, além de advogado, mestre em filosofia e professor universitário atuante em São Paulo. Fez música para vários artistas de renome, como Agnaldo Rayol, Waldick Soriano, Wanderley Cardoso e Perla. Gravou três long plays, um compacto simples, 93 Cd’s, tendo fixado na “bolacha preta”, como intérprete, mais de mil canções. Já compôs mais de duas mil canções em vários gêneros, um recorde de composições na música brasileira. Santorelli teve a gentileza de musicar um poema meu. Nas horas vagas ele me escuta no meu podcast “Rádio Barata no Ar”, programa que corre o risco de ter seu hino qualquer dia desses. Para o presumível hino da barata, já adianto as primeiras estrofes: “Barata, barata, barata / não és Detefon, mas tu me mata / barata, barata, barata / inseto orgânico / por isso é chata”. Opcional: gravar versão para surdo mudo a fim de evitar embaraços posteriores.

Colunista colaborador

COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Brasil é uma prioridade do Google

CEO da companhia destaca as propostas legislativa contra as “fake news” em tramitação país e prevê investimentos

Bruno Romani
Agência Estado

Enquanto avança em seus sistemas de inteligência artificial (IA), o Google tem um grande desafio pela frente: colocar a tecnologia na dianteira do combate à desinformação em suas plataformas, principalmente no YouTube. A tarefa se torna ainda mais complexa quando isso ocorre em países que não falam inglês, já que sistemas do tipo são desenvolvidos primariamente no idioma. Na busca da empresa por melhorias, o Brasil está no foco - ao menos nas palavras de Sundar Pichai, CEO da companhia.

“O Brasil é uma de nossas prioridades (no combate à desinformação)”, disse ele ao jornal O Estado de São Paulo em uma videoconferência com 11 jornalistas de diferentes países - o Estadão foi o único veículo da América Latina a participar. “Sei que tem muitas conversas e propostas legislativas sobre desinformação ocorrendo por aí neste momento. Então, vamos investir muito no Brasil”, disse Pichai.

Uma das propostas de regulação sobre o tema no país é o PL das Fake News, cujo requerimento de urgência foi rejeitado pela Câmara no começo de abril - o Google, assim como Facebook e Twitter, se opôs à proposta e argumentou que o texto não garante o combate às notícias falsas. É um aspecto que surgiu na resposta de Pichai. “Muitos dos problemas (no combate à desinformação) estão no fato de que as sociedades não conseguem chegar a um consenso sobre o tema”, disse ele.

O executivo afirmou que a companhia já fez “grandes avanços” no combate à desinformação e que sistemas

de IA têm papel importante na tarefa. Ele, porém, admitiu que as plataformas precisam “fazer mais”. “Você nos verá fazendo muito mais coisas além do inglês”, afirmou - antes, ele havia citado os esforços da empresa no leste europeu por conta da Guerra na Ucrânia.

A evolução da tecnologia e das ações da gigante é necessária. Em janeiro, uma carta assinada por 80 agências de checagem de 40 países acusou o YouTube de não combater a desinformação, principalmente na América Latina, na Ásia e na África - o documento cita ataques a minorias no Brasil.

Paralelamente, o Google vem focando recursos para avançar diferentes sistemas de inteligência artificial. Parte disso foi visto durante o Google I/O, conferência anual de desenvolvedores da companhia - porém, nenhuma aplicação específica no combate à desinformação foi demonstrada.



Foto: Link Estádio

Sundar Pichai participou de videoconferência com jornalistas de diferentes países do mundo

■ Em janeiro, uma carta assinada por 80 agências de checagem de 40 países acusou o YouTube de não combater a desinformação, principalmente na América Latina, na Ásia e na África

Consenso

Para Sundar Pichai, muitos dos problemas no combate à desinformação estão no fato de que as sociedades não conseguem chegar a um consenso sobre o tema

Atualização da Inteligência Artificial

Durante o I/O, a companhia anunciou a adoção, ainda em caráter experimental, de uma nova escala de tons de pele que melhora a maneira como sistemas de IA identificam pessoas pretas. No passado, os algoritmos da companhia tiveram resultados desastrosos, como a identificação de pessoas pretas como gorilas.

Chamada de escala de Monk, por se basear no trabalho de Ellis Monk, sociólogo da Universidade Harvard, o sistema será testado no Brasil. Na chamada, Pichai comentou a importân-

cia do Brasil em projetos que envolvem tecnologia e diversidade.

“Há muito tempo o Brasil é importante para a gente, pois temos um grande número de usuários do país usando alguns de nossos principais produtos. Dada sua diversidade, o Brasil se torna ainda mais importante para testar e dar feedback em iniciativas como a escala de Monk”, disse ele.

Segundo o executivo, a escala de Monk poderá ser incorporada a diferentes produtos como buscas e reconhecimento de ima-

gem. Indo além, especialistas acreditam que o sistema poderá ser incorporado aos algoritmos do YouTube, aos telefones Pixel e até aos carros autônomos da Waymo, empresa do segmento “irmã” do Google. A escala de Monk adota 10 tons de pele diferentes, o que torna a detecção de imagem mais precisa - a escala padrão da indústria inclui apenas seis tons.

A iniciativa também é uma tentativa de reaproximar o Google de pesquisadores focados nos aspectos éticos de IA. No final de

2020, a gigante mandou embora a pesquisadora Timnit Gebru, uma das principais especialistas do mundo na área.

Na época, Gebru afirmou que foi demitida por criticar a falta de diversidade na companhia e por lutar contra chefes que se opuseram à publicação de um artigo crítico que apontava problemas nos sistemas de IA de diferentes empresas, incluindo o próprio Google. O episódio afastou da empresa (parte da comunidade acadêmica e de representantes de minorias).



Imagem: Jornal GGN

A regulação proposta no país é o PL das Fake News, que tramita na Câmara Federal, em Brasília

Mudança em acordo com a LGPD

Guilherme Guerra
Agência Estado

Fugindo das letras miúdas de contratos de termos de uso, o Facebook e o Instagram lançam novas centrais de privacidade, trazendo visual mais amigável para leitura. A mudança vem em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), no Brasil, e outras legislações similares no mundo.

A ideia é esclarecer de forma didática como esses aplicativos usam informações pessoais de usuários. Entre as novidades, está o resumo do tema em pequenas listas (bullet points), uso de títulos maiores e utilização de vídeos com casos reais para facilitar a compreensão.

Os leitores também receberão notificações sobre as mudanças como incentivo que leiam e entendam como o tratamento de dados é feito nos aplicativos. Por outro lado, não será exigido que concordem com a atualização para que continuem usando as plataformas.

A Meta, grupo que controla o Facebook, Instagram e WhatsApp, afirma que a novidade, em trabalho na companhia desde julho de 2020 e consultada por especialistas, trata apenas de uma repaginação de visual e reescrita do conteúdo. Ou seja, não há mudanças na forma como a empresa coleta e manuseia as informações de usuários.

“Reescrevemos nossa Política de Privacidade para facilitar a compreensão e refletir os produtos mais recentes que lançamos”, escreve Michael Protti, chefe de privacidade da Meta, em post no blog da companhia. “Embora o texto esteja diferente em algumas partes, a Meta não coleta, usa ou compartilha seus dados de novas maneiras com base nesta atualização da política e não vende suas informações.”

No entanto, o WhatsApp, que pertence ao Facebook, ficou de fora das novidades.

Segundo a Meta, o mensageiro tem sua própria política de privacidade, e por isso não foi incluída dentro

desta atualização.

No ano passado, o WhatsApp envolveu-se em polêmica com sua nova política de privacidade, que formalizava o compartilhamento de informações com o Facebook e Instagram.

Além disso, exigia-se que os usuários concordassem com os novos termos do mensageiro para continuarem usando o aplicativo - do contrário, teriam a conta congelada. Após debate com reguladores de todo o mundo, a plataforma cedeu e permitiu que usuários utilizassem o app sem exigências.



Foto: WradioBrasil.com

■ No ano passado, o WhatsApp se envolveu em polêmica ao formalizar a troca de informações com o Facebook e o Instagram

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



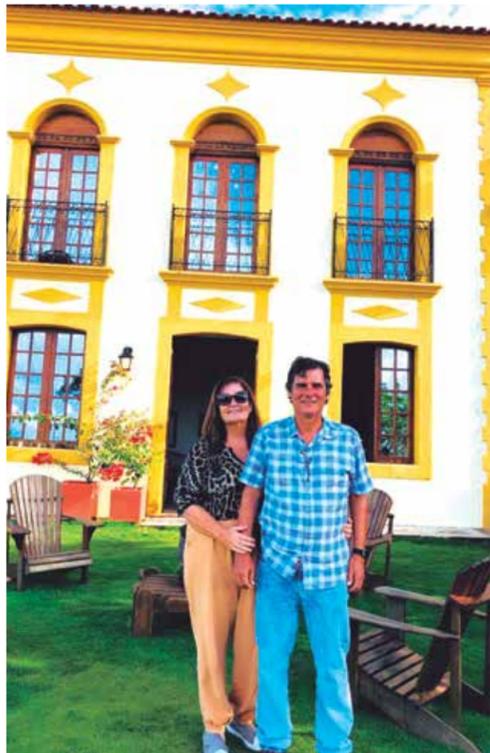
Alice Fernandes, Nice Guedes, Wilson Figueiredo, Manuela Gonçalves, Luzenira Sobreira, Ricardo Servulo Fonseca, Eliane Sobral, Robson Jampa, Rilávia Cardoso, Maísa Cartaxo e Leandro Carvalho são os aniversariantes da semana



A rotariana Alice Fernandes (foto) foi eleita governadora do Distrito 4500 para o biênio 2024/2025. Claro que o Rotary Clube João Pessoa festeja a ascensão da querida e competente colega.



Com as festas voltando, graças a Deus, a normalidade, a nossa amiga Nancy Alves Pereira, na foto com a querida Irene Ribeiro, festejou seu aniversário cercada pelo carinho de grandes amigas.



A Maison Aparecida Farias, loja de roupas liderada pela querida Cida Farias, recebeu um grupo de amigas para lançar a nova e bela coleção de inverno. A querida Mércia Mota, com look encantador, prestigiou o evento.

Durante Fampress realizado em Bananeiras, município localizado no Brejo paraibano, visitamos o Engenho Angicos, paradisíaco espaço dirigido pelo casal Orlando e Sandra Padilha (foto).



A presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Naná Garcez (na foto entre a presidente do Programa de Artesanato Paraibano, Marielza Rodriguez e do arquiteto Guga Vaz), participou do evento de lançamento da 34ª edição do Salão de Artesanato Paraibano, no Museu de Arte Contemporânea, em Campina Grande, evento que vai acontecer, presencialmente, de 8 de junho a 3 de julho deste ano.



O Holanda Gold Hotel, empreendimento localizado na orla de Tambaú, e que é a mais nova opção do ramo de hotelaria de João Pessoa, já está com mais de 70% das unidades comercializadas.



O Caminhos do Frio, em sua 15ª edição, foi lançado na última quarta-feira (1), durante evento na encantadora cidade de Bananeiras. No evento, que contou com a presença dos nove prefeitos envolvidos, registrei as presenças das amigas Maria Júlia Baracho (Engenho Triunfo), Ana Paula Borges (Sítio Flor de Mel), Ruth Avelino (Pbtur) e Regina Medeiros (Sebrae/PB).



A edição do Prêmio Mulheres de Sucesso, idealizado e promovido pelo publicitário Iago França, entre os amigos e parceiros, Bethânia Luna, Jessica Virna, Plena e Júlio César, foi sucesso total. Em breve, Iago me informa, outras edições já estão sendo formatadas.



A corretora e diretora do Creci/PB, Carla Bezerra Cavalcanti, vai participar do Encontro Brasileiro de Corretores de Imóveis que vai acontecer em Foz do Iguaçu, no Paraná, no mês de agosto.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423
98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic Fixado em 4 de maio de 2022 12,75%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial -0,02% R\$ 4,779	Euro € Comercial -0,47% R\$ 5,124	Libra £ Esterlina -0,86% R\$ 5,971
--	---	--	--	---

Inflação IPCA do IBGE (em %)	
Abril	1,06
Março	1,62
Fevereiro/2022	1,01
Janeiro/2022	0,54
Dezembro/2021	0,73



CASA VERDE E AMARELA

Alta em subsídio empolga setor imobiliário no estado

Expectativa é que a medida estimule os investimentos na habitação popular

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

A ampliação do subsídio federal para o financiamento de imóveis pelo programa Casa Verde Amarela (CVA) animou o setor da construção civil na Paraíba. Voltado às famílias de baixa renda, o benefício passará por acréscimos percentuais que variam de 12,5% a 21,4%, segundo o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR).

“Uma família que mora em João Pessoa com renda mensal média bruta de R\$ 1,8 mil, por exemplo, terá um subsídio aproximado de R\$ 34 mil (antes do reajuste era de R\$ 29,9 mil) alcançando assim avanço de quase 15% em relação ao valor antigo”, informou o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon), Wagner Breckenfeld, que considera o aumento considerável na capital paraibana.

O valor a ser aplicado varia de acordo com a região, renda familiar e população do município. Conforme o Ministério do Desenvolvimento Regional, a medida, que entrou em vigor no início de junho, vale até 31 de dezembro de 2022.

Para o presidente do Sinduscon, a expectativa do setor com essa iniciativa é alta, pois é provável que haja mais



Foto: Divulgação/Governo Federal

Aumento no benefício pode aproximar muitas famílias paraibanas da tão sonhada casa própria

investimentos no segmento de habitação popular. Com isso, é possível que o aumento no subsídio do programa aproxime muitas famílias da tão sonhada moradia. “Boa parte dos imóveis que construímos visa justamente atingir esse público que existe na nossa cidade. Essa medida pode gerar, além das novas moradias, mais emprego e renda para a população”, comemora.

Juros mais baixos

Conforme o ministério, o Casa Verde e Amarela oferece subsídios para famílias de

baixa renda e taxas de juros mais baixas para o financiamento. Em nota, a pasta defendeu que a ampliação do subsídio tem como objetivo facilitar a aquisição da casa própria e ampliar a quantidade de moradias entregues.

Segundo a pasta, nos primeiros quatro meses do ano, o Casa Verde Amarela possibilitou a contratação de 100 mil unidades habitacionais, e com o aumento do subsídio, a expectativa do Governo Federal é que ocorra a contratação de mais 400 mil unidades ao longo desse ano. Apontou

ainda que, em 2021, aproximadamente 350 mil famílias se beneficiaram da iniciativa, por meio de financiamento com recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

A alteração no subsídio deve ser imediatamente implementada pelo principal agente financeiro, a Caixa Econômica Federal. Também ressaltou que a medida não implicará em mudanças no orçamento de descontos aprovado pelo Conselho Curador do FGTS, correspondente a R\$ 8,5 bilhões em 2022.

foram registradas algumas reclamações dos construtores por vários motivos. Um deles é o subsídio, com queixas de que ele já estaria ultrapassado”, relatou.

Conforme o presidente do Creci-PB, a maior parte das reclamações vem dos pequenos construtores que trabalham com esse programa, especialmente com relação à falta de demanda financeira, a alguns processos que travam por razões desconhecidas e à intensa fiscalização para aprovação de um crédito.

Por essa razão, destaca que esse subsídio é positivo para o mercado imobiliário e toda a construção civil.

Incentivos

O dirigente lembrou que no mercado imobiliário e da construção civil tudo ocorre em cadeia e vários índices podem ser aplicados, a exemplo do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), para as pessoas que já têm imóvel e podem financiar outro em qualquer canto do Brasil, dependendo da renda. Outro incentivo é a carta de crédito FGTS cujo critério é morar no estado ou cidade onde vai comprar.

“E existe a carta de crédito Verde Amarela, que você não pode ter imóvel nenhum em seu nome e deve comprar no município onde mora ou trabalha. O cidadão vai ter todas as prerrogativas como subsídios e juros mais baixos. São exemplos de casos com consequências positivas para o mercado”, destaca Ubirajara Marques.

Perda de vendas

Uma pesquisa da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), divulgada em maio, revelou que o Casa Verde Amarela perdeu em vendas para os imóveis de alto padrão. Ou seja, a participação do CVA teve uma queda no mercado imobiliário e, de acordo com o levantamento, os lançamentos do programa habitacional responderam por 42% dos totais de imóveis no Brasil no primeiro trimestre de 2022. Esse percentual foi de 56% no mesmo período de 2021.

O resultado foi influenciado por três fatores: aumento dos preços e dos custos dos materiais de construção; queda do poder aquisitivo das famílias e falta de confiança dos empresários para novos lançamentos.

Construtores projetam novos negócios

“

Esse subsídio vem para acelerar as vendas e dar uma visão diferente. Vai ser uma ajuda a mais na parte financeira voltada às pessoas que não têm o dinheiro suficiente para dar o sinal do seu imóvel

Ubirajara Marques

De acordo com o presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Ubirajara Marques, tudo o que vem para impulsionar o setor imobiliário é vantajoso para o mercado. Para ele, essa ampliação no subsídio pelo Governo Federal vai melhorar a situação dos compradores, vendedores, além dos construtores que trabalham única e exclusivamente com o Casa Verde Amarela.

“Esse subsídio vem para acelerar as vendas e dar uma visão diferente. Vai ser uma ajuda a mais na parte financeira voltada às pessoas que não têm o dinheiro suficiente para dar o sinal do seu imóvel”, opinou.

Ele lembra que esse incentivo é algo que os representantes do setor imobiliário queriam há bastante tempo e, por isso, acredita que seja algo que estimule o nicho de mercado (o público) atendido pelo programa, principalmente diante da redução do número de residências adquiridas por meio dessa modalidade, além de reclamações dos trabalhadores da área.

“Depois da mudança do Minha Casa Minha Vida para a Casa Verde Amarela

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

Análise do PIB: 1º trimestre 2022

Olá, caros leitores, essa semana saiu o desfecho do Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao primeiro trimestre de 2022. Se tratando de um tema relevante e de interesse geral, gostaria de trazer algumas impressões e detalhes sobre o assunto. Em primeiro lugar, o PIB faz uma avaliação do esforço produtivo da economia num determinado período de tempo. Para contabilidade do PIB o que importa é a produção final de cada indicador (agropecuária, indústria, serviço, formação bruta de capital fixo, consumo das famílias e consumo do governo). O baixo crescimento do PIB pode significar um empobrecimento da população. Se um país não produzir nada em um ano, o seu PIB será nulo. Contudo, não pode ser considerado como o total de riqueza existente.

No primeiro trimestre de 2022 o PIB brasileiro avançou 1%, um pouco abaixo do esperado, que era 1,2%. Comparado ao primeiro trimestre do ano passado, o PIB cresceu 1,7%. Frente ao trimestre anterior houve queda em apenas dois indicadores: Formação Bruta de Capital Fixo (-3,5%) que representa a aquisição de bens que auxiliam na produção de outros bens, ou seja, máquinas, equipamentos e material de construção; e agropecuária (-0,9%) revelando baixo desempenho de algumas lavouras como soja, arroz e fumo.

O grande destaque no resultado positivo do PIB foi o setor de serviços, que cresceu 1%, em virtude da retomada das atividades presenciais. Um importante indicador, o PMI do setor de serviços, calculado pelo S&P Global reforça a nossa tese sobre a forte retomada do setor, revelando o maior crescimento em 15 anos. Com o aumento da demanda, o efeito sobre o saldo de postos de trabalho colocou o setor em 2º lugar em taxa de crescimento (2,26%) no acumulado do ano, perdendo apenas para construção (4,35%), segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Entretanto, a alta de preço dos insumos continua pressionando todos os setores em larga escala.

Dentre as atividades industriais (0,1%), houve avanço nas atividades de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (6,6%), indústrias de transformação (1,4%) e Construção (0,8%). O PMI do setor industrial apontou melhorias em maio, destacando a recuperação da produção e emprego. O único desempenho negativo ocorreu na indústria extrativa (-3,4%). Por último, o desempenho do consumo das famílias registrou crescimento de 0,7% explicado pela recuperação do setor de serviços. O consumo do Governo (0,1%) apresentou estabilidade.

Para o final do ano, o último panorama macroeconômico do Governo Federal projetou o PIB em 1,5%. Por outro lado, as expectativas de mercado preveem alta do PIB abaixo de 1%. Dados mais recentes dos indicadores de confiança da FGV apontam desempenho sólido e estável de vários setores, exceto comércio, que indicou desaceleração. Em síntese, o ritmo da economia brasileira no decorrer do ano não será o mesmo de 2021, resta acompanhar os próximos resultados para ter certeza. Com inflação persistente, e a taxa de juros nas alturas é evidente que teremos impactos negativos sobre o resultado PIB. Até a próxima!

GRUPO HOLANDA

Legado na construção civil do estado

Prestes a completar 47 anos de atuação no mercado imobiliário paraibano, empresa permanece atuante e inovadora

Fotos: Divulgação/Assessoria



Com quase cinco décadas de atuação na construção de imóveis, a empresa vem acompanhando as tendências da arquitetura e da engenharia, em sintonia com as transformações sociais



Thaden Rodrigues
thaden.rodrigues@gmail.com

Um grupo empresarial com quase 47 anos de história, pautado pelos valores de honestidade, ideais e competência. Além de ter construído diversos empreendimentos, neste período, o Grupo Holanda edificou um legado na indústria da construção civil paraibana, permanecendo

no mercado em um contexto que inclui diferentes governos, mudança de planos econômicos, o surgimento de tecnologias e a chegada de várias empresas ao mercado local, além do boom da construção civil, há duas décadas.

A trajetória do grupo integra uma série de reportagens que o Jornal A União inicia hoje sobre empresas longevas que ainda est

tão em atividade na Paraíba nos mais diversos segmentos econômicos. Com quase cinco décadas de atividades e muitas mudanças registradas, a história da empresa acompanha a evolução do mercado imobiliário no estado.

Inaugurada em setembro de 1975, em João Pessoa, a primeira empresa do Grupo Holanda, a Holanda Imobiliária e Construtora, foi fundada pelos sócios

Antônio Aldenor Holanda, Adelaide Holanda e Aldair Holanda. A primeira sede da empresa foi instalada na Rua Duque de Caxias, no Centro da capital, no entorno de onde girava o motor da economia do estado.

Ao longo dos anos, este cenário mudou, assim como a sede do grupo empresarial, transferida para o bairro de Cabo Branco, mais próxima dos seus em

preendimentos.

Atualmente, o Grupo Holanda concentra sua atuação nos setores de construção civil, engenharia e incorporação e é também formado pelas empresas Holanda Hotéis e Turismo e 2AH. Aos 77 anos, o empresário e engenheiro Aldenor Holanda lembra bem do início da jornada no mercado da construção civil paraibana.

Pioneirismo e determinação marcam história da empresa

Aldenor Holanda é cearense e chegou à Paraíba em 1970 para ser professor do curso de Engenharia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Após a mudança, ele decidiu que montaria uma construtora. “A ideia era passar dois anos em João Pessoa e depois ir para o Sul, mas fui gostando da cidade, fazendo amizades e fiquei porque a terra é boa e o paraibano é muito cortês”, comenta.

Em 1973, começou a comprar e vender alguns imóveis na cidade. Ao criar a empresa, em 1975, a principal atividade era imobiliária. No ano seguinte, iniciou a construção de casas. A primeira residência está localizada na Avenida Helena Meira Lima, em Tambaú, onde morou, mas vendeu.

A construção do primeiro edifício começou em 1980, no entanto, até chegar lá, foi preciso superar alguns obstáculos. “Na década de 1970, não havia muitas construtoras em João Pessoa. Quando resolvi fundar a empresa, muita gente era contra, porque muitas construtoras daqui tinham falido”, lembra Aldenor Holanda. Boa parte trabalhava com obras públicas.

Realização de um sonho

O empresário lembra que, em 1978, foi criado o projeto do que seria seu primeiro edifício, o Solar da Praia, na Avenida Navegantes, em Tambaú. O empreendimento teria 14 andares e um subsolo, o primeiro da cidade com essa estrutura. “Sempre fui sonhador e este projeto era uma inovação. Quando cheguei com o projeto em casa, minha ex-esposa falou que iria sair da empresa porque ela achava que não teríamos condições de executar”, comenta. Inicialmente, aquela foi uma realidade e o projeto ficou guardado por quase 10 anos.

Em seguida, ele resolveu desenvolver outro empreendimento, o Solar dos Navegantes, também com subsolo e com duas vagas de garagem para cada um dos 48 apartamentos de três ou quatro quartos. A construção começou em janeiro de 1980 e terminou em março de 1982. “Nem a Caixa Econômica acreditava que havia mercado em João Pessoa. No fechamento do contrato, exigiu que eu vendesse 50% antecipado para poder liberar o financiamento. Eu vendi rápido, mas, não tive grande lucro. Não tínhamos no-

“

Já passei da fase de comprar o carro do ano. Ainda lembro quando comprei meu primeiro Opala, mas não tenho mais essa vaidade. Sou muito feliz com o que eu tenho e com o que eu fiz. Estar no mercado durante todo este tempo, passando por altos e baixos, é uma grande vitória

Aldenor Holanda

ção de custo, por conta da inflação”.

Durante o desenvolvimento do edifício, Aldenor Holanda decidiu deixar a UFPB. “Eu achava que para a construção eu era mais importante do que na universidade. Lá, alguém me substituiria. Mas, na construção, precisa ter fé, coragem e ousadia. É algo que nem todo mundo tem”.

Concorrência

Sobre a concorrência, o sócio-fundador do Grupo Holanda acredita que há espaço para todos. O engenheiro defende que cada empresário lança produtos diferentes em locais diversos e para públicos distintos, o que concorre para o fortalecimento da atividade econômica.

E, para se manter em atividade por tanto tempo, ele diz que honestidade e proposta clara são essenciais. “Meu pai dizia: meu filho,

se você um dia botar um negócio e se der mal, venda tudo para pagar o que deve e ficar com o crédito perante seus fornecedores e clientes. É assim que tenho feito e nossos consumidores sabem. Faça uma vez, faça bem feito”, enfatiza.

A vanguarda também é uma importante característica citada pelo empresário. Aldenor Holanda comenta que utiliza nas construções o concreto protendido, composto por placas de 20 a 22 centímetros, com menos pilares e quase sem vigas. A tecnologia está sendo utilizada pela empresa há pouco tempo e proporciona ganho de área, sobretudo, em estacionamentos.

Não só o material utilizado precisa ser inovado, mas até mesmo os tipos de empreendimentos. Há alguns anos, o grupo resolveu investir em modelos híbridos de negócios. Primeiro veio o Holanda's Prime, um espaço que reúne o residencial com a prestação de serviços, incluindo estabelecimentos de alimentação e lojas.

Em abril, foi lançado o Holanda Gold Hotel, em um formato de “condo hotel”, segundo o construtor. Ele explica que o empreendimento é composto por 107 unidades para hospedagem, mobiliadas e equipadas, além de estabelecimentos comerciais e de serviços. “Quem comprar as unidades, poderá morar nelas ou investir

em locação, como se fosse um hotel, com toda a estrutura de serviços. Há um déficit de leitos em João Pessoa e vamos dar nossa contribuição”, explica. As obras serão iniciadas em breve.

Dificuldades

Para chegar no momento atual, foi preciso vencer muitos obstáculos. O contexto político e econômico da Paraíba e do Brasil produziram impactos no setor da construção civil. O primeiro momento de dificuldade lembrado por Aldenor Holanda foi o início da atividade, ainda na década de 1970, com a escassez de financiamento bancário para a realização das obras. Mas, os anos 1980 apresentaram vários desafios, como a inflação e as questões ambientais.

“Tínhamos projeto aprovado na Prefeitura para construção de um edifício, mas, de uma hora para outra, foi definido um limite de escalonamento para construções de edifícios à beira-mar e nosso projeto não se encaixava. Tinha 250 funcionários e tive que dispensá-los. Para pagar as dívidas trabalhistas, fiz obras públicas e vendi terrenos. Só pude executar o projeto cinco anos depois”, conta.

A década de 1980 assombrou os empresários com a inflação. Aldenor Ho-

landa cita a época do governo do ex-presidente José Sarney. Segundo ele, o alto índice retirava o lucro dos empreendimentos, considerando o período de elaboração do projeto, aprovação, construção e venda das unidades. “Houve um tempo em que a inflação dobrava em um mês”, recorda, ao citar também a crise econômica de 2015 como uma fase ruim.

Com o Plano Real, em 1994, a situação melhorou, o que contribuiu para a culminância da melhor fase da construção civil, entre 2009 a 2012. Ele cita que, naquela época, era comum profissionais liberais investirem na construção civil, o que não se sustentou com a crise na última década. “Acredito que estamos numa fase de retomada daquele melhor momento de 10 a 15 anos atrás”, avalia.

Futuro da empresa

Para as atividades futuras, as expectativas são as melhores. O Grupo Holanda tem o projeto de construir um resort no Polo Turístico Cabo Branco com capacidade inicial para 320 unidades e possibilidade de expansão para 600. Segundo o empresário, já há perspectivas de financiamento pelo Banco do Nordeste.

Manter-se ativo no mercado, aliás, é sua vaidade. “Já passei da fase de comprar o carro do ano. Ainda lembro quando comprei meu primeiro Opala, mas, não tenho mais essa vaidade. Sou muito feliz com o que eu tenho e com o que eu fiz. Estar no mercado durante todo este tempo, passando por altos e baixos, para mim, é uma grande vitória”, comemora Aldenor Holanda.

Com décadas de atuação na indústria da construção civil paraibana, o engenheiro Aldenor Holanda destaca os desafios e as conquistas obtidas



PARA SOLUÇÕES EM EDUCAÇÃO E TURISMO

Edital convoca startups paraibanas

Projetos selecionados receberão financiamento de até R\$ 150 mil, cada um, na chamada pública da Seect e da Fapesq-PB

Renato Félix
 Assessoria SEECT

Uma chamada pública vai convocar as startups paraibanas a propor soluções e avanços tecnológicos inovadores para a educação e para o turismo paraibanos. É a chamada "Desafios Tecnológicos e Inovação - Conectando Startups", que terá suas inscrições abertas na segunda quinzena de junho, numa parceria da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (Seect) com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), e uma mobilização do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação.

É a terceira chamada ligada ao parque. A primeira, em parceria com o programa Ouse Criar, visava as escolas de Ensino Médio. A segunda foi dirigida à requalificação do Centro Histórico de João Pessoa, buscando soluções com pesquisadores, alunos de graduação das universidades e agentes da economia criativa. "Agora, a gente chega a ambientes de startups de João Pessoa e do estado. Com desafios tecnológicos claramente indicados", conta Francilene Garcia, coordenadora do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. "E com duas demandas: tecnologias educacionais e turismo sustentável".

A consolidação do ecossistema de inovação de João Pessoa é uma iniciativa inserida na agenda de implantação do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, em processo no Centro Histórico de João Pessoa. Atualmente, o prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, que será a sede do parque, ao lado da Catedral-Basílica, está passando por uma reforma e restauração.

Serão 20 projetos selecionados no edital, que serão classificados para acesso a recursos de subvenção econômica e captação de capital empreendedor. Os projetos voltados para a educação poderão ser testados na prática nas escolas estaduais. "A gente vai escolher algumas dessas soluções para serem validadas e testadas no am-

biente da rede de educação do Estado", conta Francilene Garcia. "O que é um primeiro passo importante para, lá na frente, o Estado fazer um novo ciclo de investimento através de compras governamentais".

No âmbito do turismo sustentável, a ideia é também testar as soluções na prática. "Os empreendimentos da cadeia do turismo vão ter acesso facilitado a essas soluções", afirma a coordenadora do parque tecnológico. "E a gente vai estimular com os empreendimentos que trabalham na área do turismo que essas soluções sejam validadas e testadas nesse ambiente". E, apesar do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação estar já muito ligado à revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, essas empresas de turismo não precisam atuar necessariamente na região central da capital. "Essas empresas terão a capacidade de redefinir o seu negócio e certa facilidade de acessar crédito".

Para ela, um grande papel do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação é o de ser um articulador do ecossistema de inovação. "Essa chamada mobiliza a capacidade empreendedora e criativa das nossas startups em torno de desafios reais", diz ela. O edital está antenado com o que está acontecendo agora: uma retomada plena das atividades na educação e no turismo, que sofreram muito com a pandemia.

Inovação

Vinte projetos serão selecionados no edital e classificados para acesso a recursos de subvenção econômica e captação de capital empreendedor



O prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, que será a sede do parque, está passando por uma reforma e restauração

Foto: Evandro Pereira

■ O cronograma do edital prevê o início das inscrições para a segunda quinzena deste mês



Foto: Divulgação

Francilene Garcia é coordenadora do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação

Financiamento dos projetos é de R\$ 3 milhões

Os projetos selecionados pelo edital receberão um aporte financeiro de até R\$ 150 mil com prazo de execução de até um ano. O orçamento total para o financiamento dos projetos é de R\$ 3 milhões. Mas o aporte financeiro é apenas um dos benefícios que os aprovados no edital receberão.

Além do financiamento,

os projetos selecionados a líderes de investimento nos setores de educação e turismo durante a fase de desenvolvimento dos projetos. É a escolha de soluções inovadoras para serem testadas no âmbito das Secretarias de Estado ou entidades da Administração Pública indireta.

As empresas selecionadas para testes que alcançarem as

metas definidas no plano de trabalho a ser assinado junto à secretaria participante receberão um certificado de participação e atestação técnica demonstrando a sua capacitação tecnológica. Além disso canais do Parque Tecnológico Horizontes de Parceiros também permitirão visibilidade nacional e internacional do projeto.

O cronograma do edital prevê o início das inscrições para a segunda quinzena deste mês - a data precisa será definida nos próximos dias. As inscrições ficam abertas até agosto e a divulgação dos primeiros 20 finalistas da chamada Desafios Tecnológicos e Inovação - Conectando Startups será em 15 de setembro.

Temas sobre tecnologias educacionais e turismo sustentável

A chamada pública busca projetos inovadores, que contribuam para solucionar os temas elencados, gerando valor para a startup selecionada e para sociedade. Cada projeto inscrito deve ser enquadrado nas linhas temáticas: Tecnologias Educacionais e Turismo Sustentável.

Na linha temática Tecnologias Educacionais, há os seguintes temas: gestão de instituições de ensino; gestão da comunicação no ensino (sistemas que visam facilitar a comunicação entre as instituições, seus alunos e responsáveis); tecnologia para a sala

de aula; data analytics para a educação (sistemas que fazem uso da análise de dados para medir o desempenho, gerar dados e orientar o processo educacional em busca de melhores resultados); gamificação (soluções que oferecem formas lúdicas de educação, transformando o aprendizado em um jogo e gerando engajamento com os alunos); inclusividade e acessibilidade; realidade virtual e aumentada (tecnologia imersiva de ponta - RV e RA - aplicada à educação); pedagogia diferenciada (soluções que têm seu diferencial na metodolo-

gia de ensino, aplicando novas ideias na hora de transmitir conhecimento aos alunos); sistemas de gestão do aprendizado (LMS - ambientes virtuais que tratam de todo o acompanhamento do aprendizado do usuário final, seja no âmbito acadêmico ou corporativo).

Já na linha de Turismo Sustentável, os temas são: segurança, saúde e bem-estar; promoção do turismo interno e de nicho (soluções de marketing digital, comunicação, informação e planejamento de roteiros em destinos regionais e locais); inserção digital

de pequenos estabelecimentos, prestadores de serviços e comunidades (soluções que habilitem pequenas empresas prestadoras de serviços e comunidades locais a conquistar visibilidade em meios digitais, integração com ferramentas geradoras de demanda, e qualificação de serviços); turismo social (soluções que tornem o turismo acessível a mais brasileiros); cancelamento e trocas (soluções para a gestão de receita de estabelecimentos turísticos, programas de fidelidade, alternativas ao cancelamento); adequação de experiências

(soluções para adequar experiências turísticas pré-Covid-19 aos novos protocolos sanitários, preservando ou melhorando a experiência do turista); gestão e operação inteligente; desenvolvimento sustentável e economia circular (soluções em linha com os pilares da economia circular, que protegem recursos naturais e que visam o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável); e experiência do turista.

As startups que podem se inscrever no edital podem ser com ou sem fins lucrativos, estar em qualquer fase

de financiamento, devem oferecer valor agregado e soluções sustentáveis para os setores de educação e turismo, ter potencial de escalabilidade e plano de negócios.

■ As startups que podem se inscrever no edital podem ser com ou sem fins lucrativos

ECOSSISTEMA MARINHO

Por que é preciso preservar os corais

Além de garantir a sobrevivência de espécies marinhas, os recifes também estão diretamente ligados à vida humana

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

O Planeta Terra já deu vários indícios de que precisa ser melhor cuidado pelos seres humanos, principalmente, porque a má utilização dos recursos naturais encaminha, entre tantas consequências, para uma possível extinção de raças. Na tentativa de recuperar e preservar parte fundamental da biologia marinha, a pesquisadora e bióloga marinha Karina Massei, do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Monitoramento Ambiental (PPGE-MA), executa um projeto que visa restaurar corais na Praia do Seixas, em João Pessoa.

Segundo Massei, esse é um projeto que utiliza a biotecnologia marinha e conta com o apoio da comunidade local, além de estar amparado pelos princípios da Ciência da Sustentabilidade e do que preconiza a Organização das Nações Unidas (ONU) para a Década da Ciência Oceânica (2021 a 2030), Década da Restauração Ecológica e Organização para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) para o Milênio.

O trabalho em campo acontece com a colaboração dos moradores e todos acabam se comprometendo com a pesquisa, pois, desde a preparação de alguns equipamentos até mesmo ao transportar os equipamentos de mergulho, a pesquisadora e sua equipe falam sobre temas relacionados com o recife de corais do Seixas. “Existe uma área que foi delimitada e é onde ocorre a pesquisa neste momento, é denominada de ‘unidade amostral’. São realizadas medições dos tamanhos dos corais, análise sobre a saúde e sobre as interações ecológicas que ocorrem, seja pelos peixes ou outros organismos, como as algas marinhas”, explicou Karina.

A equipe utiliza da técnica de coleta manual dos fragmentos de corais que estão soltos no chamado assoalho marinho para realizar as análises. “Verificamos se possuem algum tecido vivo, colocando-o numa posição que evite que seja coberto por sedimentos, possibilitando uma regeneração do tecido naturalmente”, disse Massei. A pesquisadora também lembra que, como o campo de pesquisa é o mar, é preciso sempre monitorar fatores como altura da maré, condições meteorológicas e também oceanográficas.

O projeto tem a ambição de expandir para outras áreas de recifes de corais em João Pessoa, mas a preocupação e o foco atual é essa unidade amostral no Seixas. “Trabalhar com a restauração de corais é um desafio e para o sucesso é necessário que diversos fatores e indicadores respondam positivamente”, justificou Karina.

A área dos corais do Seixas é amplamente utilizada como atrativo turístico e, quando não há manejo adequado, essa exploração pode ocasionar um colapso. “Como agravante à saúde dos recifes de corais, em setembro de 2019 ocorreu o derramamento de óleo no mar continental do Nordeste brasileiro, afetando a região costeira da Paraíba, sendo o primeiro estado a receber o material. Além disso, em fevereiro de 2020, foi observado o maior evento de branqueamento em massa dos corais no Estado, resultante de uma anomalia térmica classificada pela Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA) como Alerta Nível 2”, pontuou Massei. Essas questões influenciaram na construção do projeto.



Fotos: Ivan Occhi/Divulgação

A equipe usa da técnica de coleta manual dos fragmentos de corais soltos no chamado assoalho marinho para realizar as análises

“Saberes da comunidade são imprescindíveis”

Os recifes de corais são considerados como alguns dos habitantes mais antigos do planeta e são seres complexos, com ampla diversidade e extremamente produtivos para o ecossistema marinho. Além de preservarem bancos genéticos de uma biodiversidade de plantas e animais, estes ambientes bioconstruídos representam a fonte de alimento e renda para muitas comunidades. Uma em cada quatro espécies marinhas vive nos recifes, incluindo 65% dos peixes”, enfatizou Karina.

O ambiente de corais serve como abrigo, zona de passagem, zona de reprodução e até mesmo de berçário para várias espécies marinhas. Muitas pessoas ao redor do mundo se beneficiam da atuação dos recifes, seja como proteção costeira, produção pesqueira, fonte de medicamentos, a questão turística ou benefícios recreativos. Mas, os impactos da crise climática, como o aquecimento dos mares, afetam diretamente esses sistemas naturais.

Dentre os parceiros envolvidos no projeto junto à bióloga marinha Karina Massei, está o laboratório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Lâmpião



Seres complexos, os recifes de coral são considerados como alguns dos habitantes mais antigos do planeta

Maker, a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – visto que a pesquisadora é bolsista da instituição –, entre outros.

A atuação do Lâmpião Maker está na elaboração de protótipos e equipamentos que auxiliem no manejo dos corais e na observação e restauração desses sistemas. “Nós temos recursos humanos, equipamentos, tecnologia e espaços que podem ser utilizados, então, nós somos ferramenta e, nesse sentido

de ser ferramenta, Karina nos procurou”, explicou Ramon Medeiros, doutor em Engenharia Mecânica e professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação do IFPB Campus João Pessoa.

Os protótipos e objetos são desenvolvidos a partir de uma impressora 3D e, de acordo com Ramon, eles podem ter diversas finalidades. “Karina está trazendo algumas ideias de artefatos que podem ser construídos e,

uma vez esses artefatos construídos, eles podem ser inseridos em campo para, por exemplo, favorecer a restauração dos recifes”, completou Medeiros.

Por fim, Karina Massei enfatiza que restaurar será sempre mais complicado e mais caro do que preservar, então é necessário que haja sabedoria. “A sociedade como um todo tem que compreender o que é restauração ecológica, mas tem, principalmente, que enten-

der que há uma necessidade crescente de conhecermos os recifes e conservá-los. O saber da comunidade local é imprescindível, e quando associado às pesquisas científicas, pode assegurar informações teórico-práticas que auxiliem planos de manejo para a conservação das espécies. Assim, é necessário que a ação integrada aconteça rapidamente e os diversos atores sociais colaborem com esta sinergia”, finalizou a pesquisadora.

Saiba mais

Serviços ecossistêmicos que os recifes de coral oferecem aos seres humanos e que são de extrema importância para a vida:

1. Fonte de alimento: 10% de toda proteína animal consumida no planeta vêm de recifes de coral;

2. Turismo: a beleza natural do coral atrai o setor de turismo e tudo que se relaciona com ele: as operadoras de mergulho, pousadas, restaurantes e o comércio local. Sendo que da mesma maneira que países têm o PIB inteiramente atrelado

ao turismo, há locais em que o turismo está inteiramente atrelado à presença de um recife de coral;

3. Potencial tecnológico: há uma série de espécies que habitam os recifes de corais (corais e outras que não são necessariamente corais) e que produzem substâncias que têm relevância farmacêutica, por exemplo;

4. Indústria pet: como por exemplo o setor da clorofila, que é uma parte da indústria pet e que depende dos recifes de coral para a sua sobrevivência;

5. Proteção costeira: o recife é uma estrutura geológica submersa, é uma barreira rígida e submersa que protege a costa de tempestades e erosões.

(Fonte: Projeto Coral Vivo)



Foto: Divulgação/FPFM

O Campeonato Estadual de Futebol de Mesa é disputado em oito etapas e reúne mais de 70 participantes, nas modalidades adulto e master, dos nove clubes filiados

FUTEBOL

Do gramado para a mesa

Esporte tem federação própria e reúne jogadores apaixonados que disputam competições desde 1990

Fabiano Sousa
 fabianogool@gmail.com

Quando se fala em futebol, cria-se o imaginário de um estádio lotado, com 22 jogadores aptos a proporcionar uma disputa que transcende as quatro linhas e envolve não apenas uma disputa de noventa minutos, mas sim uma mistura de sentimentos, capaz de tornar esse esporte um patrimônio cultural, tanto que o futebol está presente em quase todos os segmentos sociais.

No Brasil, o futebol é tratado como uma paixão nacional, e como dito, anteriormente, ele transcende as quatro linhas. Em se tratando da história de nossos personagens desta reportagem, esse esporte transcende da grama para uma mesa - praticado com a utilização de figuras montadas em barras rotatórias para "chutar" uma bolinha até o gol do adversário, antes conhecido como futebol de botão.

Fábio Villar, engenheiro civil, 58 anos, conheceu o futebol de mesa ainda muito jovem e há mais de quatro décadas divide a atenção da vida profissional com a prática dessa modalidade, no início, ainda na infância, por influência, curiosidade e entretenimento. A paixão pelo futebol de mesa foi tanta, que atualmente é o presidente da Federação Paraibana de Futebol de Mesa (FPFM).

"Comecei a jogar, logo aos cinco anos, por intermédio do meu pai, o saudoso Fernando Villar, um botonista bastante conhecido, por ter feito parte do pioneirismo na Paraíba, década de 1940, quando as peças eram formadas por quengas de coco. No bairro onde eu morava, Jaguaribe, considerado o berço do futebol de mesa, o meu pai quem me ensinou a jogar e me presenteou com dois times de botões que guardo com carinho até os dias atuais", comentou.

A história de Fábio Villar com o futebol de mesa teve sequência no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa. Com assiduidade, sempre estava ao lado do pai nas competições que ele disputava. Então passou a gostar, se dedicar as regras e praticar o futebol de mesa com os filhos dos participantes, que também acompanhavam os seus pais nas competições. Aos oito anos ganhou o primeiro campeonato, na categoria infantil. Ele conta que acompanhou a evolução do futebol de mesa, na Paraíba, e atualmente, trata a modalidade como um esporte alta-

mente competitivo, no estado.

"Nosso esporte começou como divertimento. Com o passar do tempo foi se tornando, de fato, um esporte competitivo. A grande contribuição para que o futebol de mesa se tornasse competitivo foi o surgimento do Grêmio Paraibano de Futebol de Mesa, em 1988, por iniciativa do atual presidente, Hélio Gomes. Em 1990, chegou a vez de criar a Federação Paraibana de Futebol de Mesa, pois foi o momento da unificação de jogadores que praticavam o esporte nos bairros. A partir disso, aconteceram as primeiras competições estaduais da categoria, tanto que o futebol de mesa deixou de ser apenas um entretenimento e passou a se tornar um esporte competitivo, que é levado a sério", revelou.

Outro personagem importante no futebol de mesa é Antônio Gutemberg Lins, professor universitário. Foi na década de 70, nas ruas do bairro da Torre, em João Pessoa, que "Toinho Maracanã" passou a conhecer o futebol de mesa, coincidentemente, assim como Fábio Villar, por intermédio de um familiar. Começou a competir, por hobby, aos 14 anos. Ao lado de amigos de infância organizava as competições, tradição de uma paixão que dura até os dias atuais, na sua residência, cujo local é carinhosamente denominado de "Linsão".

"Aprendi a gostar e a competir aos

14 anos, por intermédio de um familiar. Os nossos torneios reuniam, em média, 50 jovens da época, oriundos de vários bairros de João Pessoa, que eram adeptos ao esporte, em campeonatos que eram divididos por categorias: primeira, segunda, terceira e quarta divisão. Muitos dos que participavam ainda hoje me procuram para que, juntos, possamos organizar novos campeonatos, com o objetivo de resgatar os bons momentos de integração social", pontuou.

Professor do curso de Matemática do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, Toinho convive diariamente com números e faz jus a presença constante do conceito da matemática, a ciência dos números exatos. Explica-se pelo fato dele possuir os arquivos com datas e estatísticas de todas as competições realizadas no "Linsão", desde a primeira competição, em 1978.

"Guardo em casa, com cuidado, o registro físico das peças mais antigas e os dados com datas, placares e estatísticas de todos os nossos campeonatos de Futebol de Mesa, com início no fim da década de 70, quando o hoje, futebol de mesa, ainda era chamado de botão de ficha. No coração guardo a lembrança dos momentos onde compartilhávamos a alegria coletiva dos bons fins de semana no bairro da Torre, rodeados de amigos. Fico feliz por sempre ter organiza-

do as competições ao longo de vários anos, pois sei que de certa forma tive uma parcela de contribuição para a evidência do futebol de mesa, em João Pessoa. Reuni diferentes gerações amantes desse esporte, que continuam dando sequência a prática e a evidência para o todo o estado", declarou.

Competições e regras

Com evidência na Paraíba a partir da década de 40, o futebol de mesa passou a ser disputado de forma oficial, apenas no início dos anos 90, com a criação da Federação Paraibana de Futebol de Mesa (FPFM). Atualmente, o campeonato estadual da categoria é disputado em oito etapas e reúne mais de 70 participantes, nas modalidades adulto e master, dos nove clubes filiados na FPFM. Hoje, no município de Santa Luzia, no Sertão, acontece a segunda etapa do Campeonato Paraibano - Modalidade Doze Toques.

Há duas regras em atividades na Paraíba. O disco com goleiro móvel, jogada desde a década de 40, popularmente conhecida como regra paraibana, onde os botões são cavados por baixo e o goleiro é móvel; um toque - disco liso, conhecida como "regra baiana" possui duas vertentes ("liso", onde os botões são lisos por baixo, e "livre", onde os botões são cavados por baixo).

Com advento da internet, outras regras surgiram na Paraíba com destaque para a regra de doze toques, com predominância no Sertão, atualmente, ela é considerada a regra mais popular do país. Nela, cada partida tem a duração de vinte minutos e é disputada em duas fases de dez minutos, com intervalo máximo de cinco minutos entre a primeira e segunda fase. Estando um jogador com a posse de bola, este terá direito a um limite coletivo de doze toques.

Entre as regras, a mais predominante na Paraíba é a regra paraibana, porém, ela não é considerada regra oficial. De acordo com o presidente da FPFM, Fábio Villar, o objetivo é torná-la oficial através da prática em outros estados do Brasil.

"A nossa regra não é considerada oficial, pois para se tornar oficial é preciso que ela seja praticada, pelo menos, em cinco estados e, atualmente, ela é jogada apenas na Paraíba. Precisamos divulgá-la, para que posteriormente, ela seja praticada nos demais estados e se torne uma regra oficial", finalizou.

Foto: Arquivo pessoal



Fábio Villar é o presidente da Federação Paraibana de Futebol de Mesa e um grande apaixonado pelo esporte, como o professor universitário Antônio Gutemberg

Foto: Edson Matos



NO CATAR

Tite aposta em seleção “solidária”

Clima de união é a principal marca do grupo de jogadores na reta final de preparação para a Copa do Mundo

Felipe Rosa Mendes
Agência Estado

Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Se em 2002 a Seleção Brasileira faturou o pentacampeonato com a “família Scolari”, o time nacional comandado por Tite quer, 20 anos depois, sonhar com o título da Copa do Mundo do Catar na base da “equipe solidária”. É neste clima de união que o treinador pretende orientar o time na reta final da preparação para o Mundial marcado para novembro e dezembro deste ano.

“

É conhecer o que é o futebol. Quando tu está propenso a fazer uma cobertura, uma relação está se formando no grupo. Temos uma equipe bastante solidária.

Tite



Treinador passa orientação para o zagueiro Marquinhos durante o jogo contra a Coreia do Sul, em que o Brasil não encontrou dificuldades para golear por 5 a 1

No amistoso com a Coreia do Sul, na quinta-feira, o lado solidário foi a marca do time em campo, na avaliação do próprio Tite. “Quando o atleta entra com o aspecto solidário que teve o Gabriel Jesus... Antes de marcar o gol, ele baixou (a linha) duas ou três vezes e fez cobertura de bola do outro lado, depois chegou na frente”, comentou.

Para o treinador, o esforço e a disposição dos jogadores em campo é reflexo direto da amizade fora dos gramados. “É porque eles se gostam. E

quando tem um time que se gosta, que tem amizade, ele está muito mais perto de fazer algo a mais”, afirmou.

Esse “algo a mais” pode ser um passe mais preciso, uma corrida mais forte para alcançar a bola, a assistência decisiva. “É conhecer o que é o futebol. Quando tu está propenso a fazer uma cobertura, uma relação está se formando no grupo. Temos uma equipe bastante solidária.”

A solidariedade, na avaliação do técnico, foi vista em campo também no empenho

daqueles que estiveram na final da Liga dos Campeões, no sábado passado. O volante Casemiro, do Real Madrid, chegou a ser titular na quinta, apenas dois dias após se apresentar ao time nacional, apesar da temporada desgastante e da viagem longa até Seul. Outros entraram somente no segundo tempo e não deixaram o nível de atuação da seleção baixar.

Faltando cinco meses para a Copa do Mundo, o técnico aposta neste esforço extra dos atletas para consolidar a amizade do grupo na busca

por acertar os detalhes da seleção e fortalecer o entrosamento. A boa relação dentro do elenco pôde ser constatada no fim de semana, quando os jogadores aproveitaram horas de folga juntos em passeios pela capital sul-coreana e até uma visita a um parque de diversões.

Tite se diz satisfeito com essa amizade, mas destaca que tenta não interferir nesses vínculos, diferentemente da famosa “família Scolari”. “Eu não sou um cara invasivo, tento ser mais discreto, meu estilo é de falar, dizer,

não ficar toda hora enchendo o saco, vai pra lá, vem pra cá. Mas fomentar esse estilo de relação.”

Para tanto, ele conta com o apoio de Juninho Paulista, coordenador de seleções da CBF, e do auxiliar técnico César Sampaio, ambos com passagem pelo time nacional como jogadores. “Eu não tenho esse lugar de fala, mas tem dois jogadores de seleção brasileira, um campeão do mundo, que têm lugar de fala, sabem a importância de ter esse tipo de relação.”

Com este ambiente favo-

rável, Tite vai fechar nos próximos meses o grupo que defenderá as cores nacionais na Copa do Mundo. Ao contrário do seu primeiro Mundial, quando teve pouco mais de um ano e meio para dar a sua cara ao time, desta vez ele contou com o ciclo completo. E pode levar em consideração a amizade entre os jogadores na hora de decidir quem armará as malas para o Catar. Amanhã, às 7h20 (horário de Brasília) a Seleção fará o segundo e último amistoso da Data Fifa, contra o Japão, no Estádio Nacional de Tóquio.

SOLUÇÃO CRIATIVA

Catar desenvolve estádio desmontável para a Copa

Marcius Azevedo
Agência Estado

Sediar e organizar grandes eventos esportivos mundiais, como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Pan-Americanos e outros, é sempre motivo de disputa acirrada entre os países. Além da atração esportiva em nível mundial e a grande movimentação financeira envolvida, eventos como estes costumam deixar importantes legados às suas sedes, estimulando o desenvolvimento socioeconômico e estrutural do local.

Por outro lado, um planejamento mal feito pode desencadear problemas graves e criar heranças malditas, além de gerar danos aos países-sede. Uma das mais famosas, sem dúvida, são as megaestruturas que passam a ser subutilizadas após os eventos, os chamados ‘elefantes brancos’. O Brasil está cheio deles por causa da Copa de 2014. No fim de semana, a Arena Pantanal recebeu 4 mil torcedores

Estrutura

Ras Abu Aboud será todo desmontado após o Mundial e doado para a construção de diversas praças esportivas no país e em locais subdesenvolvidos

100% desmontáveis e reutilizáveis.

Foi assim que os catares levantaram o Ras Abu Aboud, construído com contêineres e estruturas tubulares. O estádio foi apelidado de Estádio 974, número que faz menção à quantidade de contêineres usados em sua construção. O 974 será, inclusive, palco de um jogo da seleção brasileira, diante da Suíça, no dia 28 de novembro. Após o Mundial, toda a sua estrutura será doada para a construção de diversas praças esportivas no Catar e em países subdesenvolvidos.

“Nós estivemos no Catar no ano passado visitando o Ras Abu Aboud com nosso parceiro local, a Alutec, empresa responsável pela execução deste estádio. É realmente um projeto brilhante, que ao mesmo tempo mistura materiais simples como contêineres, com um projeto arquitetônico arrojado”, afirmou Tatiana Fasolari, diretora executiva da Fast Engenharia, empresa brasileira especializada em montagem de estrutura provisória.

Com vasta experiência em montagem de eventos esportivos, Tatiana acredita que o Catar ‘lançará moda’ e que as estruturas desmontáveis serão uma tendência devido aos benefícios que elas trazem. “A infraestrutura temporária em grandes eventos é a grande tendência deste século. É extremamente sustentável, uma vez que praticamente todo material é reutilizável, significa uma redução drástica de custos na construção e principalmente na manutenção pós evento, além de garantir um cronograma de montagem muito mais curto”, avaliou.

Apesar das facilidades apresentadas, a diretoria alerta que como qualquer outra construção, a montagem de uma estrutura temporária deve ser encarada com a mesma seriedade e rigor profissional das demais estruturas. “A gestão e experiência da empresa responsável e da equipe designada a montar uma estrutura é fundamental. Tudo deve ser feito com

extremo profissionalismo e segurança. Além disso, um dos grandes desafios é ter empresas competentes para executar este tipo de projeto nos prazos estipulados pelos comitês, que normalmente são extremamente curtos. Neste tipo de negócio não existe atrasado, nem um segundo sequer. O evento tem dia e hora para começar, não é possível a modificação da data de início, então o profissionalismo tem que ser em nível extremo.”

A profissional explica que as estruturas móveis são uma ótima opção para montagem de grandes estruturas para abrigar eventos temporários, como, por exemplo, arenas de disputas esportivas, centros de imprensa e alojamentos. Desde modo, países que se preparam para receber futuros eventos já observam com olhar atento o funcionamento do Ras Abu Aboud, o Estádio 974, no Catar, afim de avaliar e confirmar os benefícios deste tipo de construção.

VEIGA, HULK E GABIGOL

Jogadores esquecidos para a Copa

Excelente desempenho dos atletas em suas equipes não consegue convencer o técnico da Seleção brasileira

Agência Estado

Na fase de grupos da Copa Libertadores, a classificação dos três principais times do Brasil do momento veio de forma tranquila. Na rodada do fim de semana do Brasileirão, o ritmo foi mantido. Palmeiras e Atlético-MG aparecem em primeiro lugar na classificação (juntamente com o Corinthians). O Flamengo, que soma 12 pontos, está a três dos líderes e subindo. Muito desse embalo se deve à performance de Raphael Veiga, Hulk e Gabigol. Esta boa fase, no entanto, parece não chamar a atenção do técnico Tite, que dá sinais de exclusão do trio para a definição do elenco que vai defender a seleção brasileira na Copa do Mundo a ser realizada no fim deste ano, no Catar. Gabigol é quem tem mais chance.

No domingo passado, o desempenho deles manteve o tom diferenciado no futebol nacional. Hulk fez um dos gols que deu a vitória de 2 a 1 ao Atlético-MG sobre o Avaí e chegou à marca de 19 bolas na rede em 21 partidas. No clássico carioca, Gabigol decretou a virada de 2 a 1 sobre o Fluminense e chegou a 16 gols. A jornada só não foi perfeita para Raphael Veiga, apesar da vitória do Palmeiras na Vila. Ele desperdiçou um pênalti contra o Santos (o primeiro perdido em 25 cobranças), mesmo assim, ajudou o Palmeiras a vencer por 1 a 0. No ano, o meia já marcou em 16 oportunidades.

Pelas convocações de

Tite, no entanto, outros nomes estão na dianteira por um posto no setor ofensivo da seleção brasileira, reunida na Coreia do Sul esta semana para amistoso. Vinicius Junior e Rodrygo (Real Madrid), Gabriel Jesus (Manchester City), Matheus Cunha (Atlético de Madri), Raphinha (Leeds), Richarlison (Everton) e Gabriel Martinelli (Arsenal) são algumas dessas opções, que conta ainda com Roberto Firmino (Liverpool) e, claro, o intocável Neymar.

Tão perto, tão longe

Ídolo do Flamengo e principal goleador do time na temporada, Gabigol já esteve mais próximo dos planos de Tite. Vice-campeão da Copa América no ano passado, o artilheiro rubro-negro foi convocado pela última vez em janeiro deste ano para os jogos contra Equador e Paraguai pelas Eliminatórias.

Desde então, o jogador parou de frequentar as listas de convocação. Questionado sobre a ausência, Tite colocou o excesso de ofertas para a posição como justificativa. “Estamos com muitos jogadores convocados e temos uma lista larga (de candidatos)”, afirmou o treinador.

Mais velho entre os três, Hulk só esteve em uma convocação deste ciclo. Mesmo assim, a chamada aconteceu por conta dos efeitos da pandemia da Covid-19. Os clubes ingleses se negaram a liberar seus atletas pelo fato de o Brasil constar na lista verme-

“**Raphael é um grande atleta, mas acontece que tem uma concorrência muito grande nesta função e escolhas fazem parte do processo. Mas ele segue sendo observado com chances de ser chamado**”

Estafe de Tite



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Na visão da comissão técnica da Seleção, a briga de Veiga (foto) por posição seria com Neymar

lha de países com alto grau de contágio do coronavírus. Hulk esteve na Copa de 2014, quando o Brasil perdeu feio para a Alemanha na semifinal. O desfalque dos jogadores brasileiros que disputavam o Campeonato Inglês obrigou o técnico da seleção a chamar o tanque atletico

para as partidas contra Chile, Argentina e Peru, em setembro do ano passado.

Sem nunca ter sido chamado, Raphael Veiga é sempre lembrado pela sua boa fase no Palmeiras. No entanto, na visão da comissão técnica, a briga do palmeirense teria um rival com status de

intocável: Neymar. Para o estafe de Tite, o craque do Paris Saint-Germain hoje é um meia-armador.

“O Raphael é um grande atleta, mas acontece que tem uma concorrência muito grande nesta função e escolhas fazem parte do processo. Mas ele segue sendo ob-

servado com chances de ser chamado”, disse em entrevista à TV Gazeta. Mas isso nunca aconteceu. É provável que nem aconteça. “Minha hora vai chegar. Sigo fazendo o meu trabalho da mesma forma”, disse Veiga recentemente sobre sua vontade de vestir a camisa da seleção.

Rei de Minas defende trio caseiro e contesta convocados

■ **Hulk, Gabigol e Veiga são versáteis, experientes e jogam mais que alguns jogadores que vêm da Europa chamado pelo técnico Tite**

Para o ex-centroavante Reinaldo, que disputou a Copa do Mundo de 1978, na Argentina, o treinador da seleção comete uma injustiça com o trio que vem conduzindo os três principais times brasileiros na atualidade. Não leva em consideração a máxima do “melhor jogador do momento”. “O Hulk, o Gabigol e o Raphael Veiga vêm bem há uns dois anos. Estão fazendo gols e ganhando títulos. São versáteis, experientes e jogam mais do que os jogadores que estão sendo chamados da Europa”, decreta “O Rei de Minas” em entrevista-

ta ao Estadão.

Maior ídolo da história atleticana, Reinaldo disse não entender os critérios que são usados pela comissão técnica da CBF. “O Tite tem de ver o que eles estão fazendo aqui. Os três têm o GPS dos gols e teriam condições, inclusive, de atuar juntos no time titular. Podem jogar mais recuados ou como referência na área, ou ainda fazer a função de atacante de lado.” Reinaldo citou ainda o desempenho dos três times brasileiros no Nacional para justificar a importância desses atletas num torneio tão competitivo. “Palmeiras e Atlético-MG estão lá em cima na tabela e o Flamengo está chegando.”

Um dos principais jogadores da seleção brasileira entre 1976 e 1986, o ex-meia Zico também acha que Hulk, Raphael Veiga e Gabigol atravessam excelente fase no futebol brasileiro. No entanto, ele disse ser normal essa polêmica em torno das convocações. “Isso é de cada treinador. Cada um tem suas escolhas. É verdade que de uns anos para cá tem sido prioridade chamar os jogadores que estão na Europa. Mas quem está no comando é o responsável”, disse Zico, por telefone, direto do Japão ao Estadão.

Com a experiência de ter atuado na Europa como treinador (foi técnico na Grécia e na Turquia), o

maior jogador da história do Flamengo afirmou que o trabalho da comissão de Tite é feito em cima de critérios. “Além da visão geral, o comandante analisa quem se encaixa melhor para a sua filosofia de jogo. Temos de respeitar isso. E em véspera de Copa essas situações são normais. Lembro que o Neymar e o Ganso também viveram essa expectativa e não foram ao Mundial (de 2010, na África do Sul).”

Sem sustos na Libertadores

Campeão e vice da última edição da Libertadores, Palmeiras e Flamengo sobram na etapa de grupos da Libertadores. Ao cumprir 100% de aproveitamento na chave, o time paulista foi além e cravou o melhor ataque da história dessa fase da competição: foram 25 gols em seis jogos (seis deles anotados por Raphael Veiga).

Dono da terceira melhor campanha (cinco vitórias e um empate), o time carioca também garantiu a vaga por antecipação. Com três bolas na

rede, Gabigol tem se mostrado versátil e nas variações testadas pelo português Paulo Sousa, agora também se destaca no meio-campo como armador. O Atlético-MG cumpriu um roteiro parecido e com Hulk como protagonista do time (três gols). A derrapada aconteceu só na última rodada com a derrota em Belo Horizonte para o Tolima por 2 a 1. Mesmo com o revés, porém, a equipe mineira encerrou a fase de grupos em primeiro lugar na Chave D.

Hulk vive uma grande fase no Atlético Mineiro desde o ano passado e, no entender do ex-jogador Reinaldo, merece estar na Seleção

Gabigol tem evoluído com o técnico Paulo Sousa e há tempo vem balançando as redes em competições nacionais e internacionais

Foto: Paulo Reis/Flamengo



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG



BRASILEIRO DA SÉRIE D

Sousa encara o Globo no Marizão

Clubes voltam a se enfrentar, agora pela oitava rodada, vivendo situações distintas na tabela de classificação

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Sousa representa o futebol paraibano na sequência da 8ª rodada, pelo grupo 3, no Campeonato Brasileiro da Série D, neste domingo. O Dinossauro recebe o Globo-RN para defender a sua permanência na zona de classificação para a próxima fase da competição.

Na partida contra a Águia potiguar, às 16h, no Estádio Marizão, em Sousa, o alviverde tenta dar sequência ao bom momento vivido na competição. O clube ocupa a 3ª posição com 11 pontos, está invicto há cinco partidas, vem de um empate sem gols, contra o próprio Globo-RN, na última rodada. Em caso de vitória na partida de hoje, a equipe comandada por Tardelly Abrantes chegará aos 14 pontos e pode terminar a rodada na vice-liderança.

Mesmo enfrentando o lanterna do grupo, o comandante alviverde acredita que não terá uma partida fácil. Para o confronto, ele terá o desfalque do volante Doda, que cumpre suspensão pelo terceiro cartão amarelo, mas vai contar com o retorno de outro volante,



Jogadores do Sousa comemoram a boa fase da equipe, que não perde há cinco jogos e tem a chance de alcançar mais uma vitória

Daniel Costa, que volta após ter cumprido suspensão na última partida.

“A competição mostra que a cada jogo temos um novo desafio, são partidas difíceis e imprevisíveis. É

preciso estarmos atentos, pois enfrentaremos um adversário, que mesmo ocupando a lanterna, pode atrapalhar os nossos planos. Vamos buscar um bom resultado para que possamos

nos manter no G4”, pontuou Tardelly Abrantes.

Para comandar a partida, no Marizão, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) escalou o capixaba Eloane Gonçalves Santos. Três

paraibanos completam o quarteto de arbitragem: Luis Filipe Gonçalves Correa e Gleydson Francisco, nas assistências, além de Diego Roberto Sousa de Melo, que será o quarto árbitro.

“
A competição mostra que a cada jogo temos um novo desafio, são partidas difíceis e imprevisíveis. É preciso estarmos atentos, pois enfrentaremos um adversário, que, mesmo ocupando a lanterna, pode atrapalhar os nossos planos. Vamos buscar um bom resultado para que possamos nos manter no G4

Tardelly Abrantes

SÉRIE C

Sem vencer há seis partidas, Campinense joga em Belém

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Passadas oito rodadas do Campeonato Brasileiro da Série C, o Campinense ainda não conseguiu engrenar na competição. Atual campeão paraibano, a Raposa não faz uma boa campanha e joga amanhã, às 20h, como visitante, contra Remo-PA, precisando de uma vitória para se afastar da parte de baixo da tabela de classificação.

No seu retorno à Série C após 11 anos, o rubro-negro iniciou a campanha com duas vitórias empolgantes, mas de lá para cá não conseguiu repetir os mesmos resultados. O clube acumulou três derrotas e três empates, estacionou nos nove pontos, ocupa a 16ª posição e já beira a zona do rebaixamento.

A partir das 20h de amanhã, o Campinense vai encarar o Remo-PA, no Estádio Baenão, em Belém-PA, pelo complemento da 9ª rodada, e nessa partida vai precisar buscar uma vitória se quiser se afastar da “zona da degola”. O treinador, Ranielle Ribeiro sabe que não terá tarefa fácil, mas espera voltar à Campina Grande com um resultado positivo.

“Sabemos da capacidade que o adversário tem, jogando dentro de casa. Mas, se quisermos buscar nossos objetivos, temos que passar por todas as dificuldades, precisamos pontuar e recuperar os pontos que perdemos quando jogamos como mandante, para sairmos dessa situação incômoda que nos encontramos”, pontuou.

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

11h

Juventude x Fluminense

16h

Flamengo x Fortaleza

Palmeiras x Atlético-MG

19h

Bragantino x Internacional

■ SÉRIE C

16h

Vitória x Volta Redonda

16h30

Manaus x Altos

18h

Aparecidense x São José-RS

19h

Ferroviário x Paysandu

■ SÉRIE D

15h

Nova Venécia x Pouso Alegre

Pérolas Negras x Oeste

Azuriz x FC Cascavel

15h30

São Luiz x Marcílio Dias

16h

Sousa x Globo FC

Santa Cruz x Sergipe

Atlético-BA x CSE

ASA x Juazeirense

Ação-MT x Iporá

Cianortex Portuguesa-RJ

16h30

Costa Rica-MS x Brasiense

17h

Moto Club x Tuna Luso

18h

São Raimundo-RR x Amazonas

BRASILEIRÃO

Palmeiras e Atlético brigam, hoje, pela liderança, em jogo no Allianz Parque

O Brasileirão programa para este domingo o clássico entre Palmeiras e Atlético-MG, atualmente as duas melhores equipes e brigam pela liderança, no Allianz Parque, a partir das 16 horas. O Galo perdeu a chance de ganhar a Libertadores do ano passado ao ser eliminado pelo Palmeiras. O atual campeão brasileiro chega na nona rodada com evolução na campanha em relação aos números obtidos nesta altura do campeonato em 2021, quando levou o troféu. Com Antonio Mohamed, o Atlético soma 15 pontos em oito jogos (24 pontos disputados), tendo aproveitamento de 62,5%, na vice-liderança. Na temporada passada, o Galo tinha 13 pontos, com aproveitamento de 54,1%. Era o quinto colocado e vinha de duas derrotas. O time vem de duas vitórias sobre o Avaí e Atlético-GO, chegando aos mesmos 15 pontos

do adversário que, no último final de semana derrotou o Santos por 1 a 0, na Vila Belmiro. O jogo também cresce de importância pelo fato de estarem em campo dois dos principais jogadores do Brasil na atualidade: Hulk, pelo Atlético Mineiro; e Raphael Veiga, pelo Palmeiras, renegados pelo técnico Tite, apesar da imprensa ter chamado a atenção sobre o excelente futebol praticado neste início de temporada e sequer serem lembrados para a Seleção Brasileira.

Outro jogo importante deste domingo e no mesmo horário vai acontecer no Maracanã, onde Flamengo e Fortaleza se enfrentam vivendo situações bem distintas. O rubro-negro tem 12 pontos, enquanto o adversário está na lanterna com dois pontos em oito jogos, ou seja, ainda não venceu e registra o pior início de um time da Série A nos úl-

timos dez anos. O Fla, de Paulo Sousa, vem de vitórias pela Libertadores e Brasileiro, mas ainda sem convencer o torcedor e segue pressionado. O time cearense terá muitos desfalques. Tinga, Felipe e Lucas Lima, titulares, não estão disponíveis para o jogo e os reservas Ceballos e Renato Kayzer, carrasco do Flamengo no ano passado, também estão fora, deixando a situação bem mais complicada para o técnico Juan Pablo Vojvoda. O aproveitamento tricolor é de apenas 8,3%. Além disso, a equipe do técnico Juan Pablo Vojvoda tem ainda o pior ataque (4 gols) e a terceira pior defesa da competição (11 gols).

A rodada de hoje começa mais cedo com Juventude x Fluminense, às 11 horas, no Alfredo Jaconi. Mais tarde ainda tem Bragantino x Internacional, às 19 horas, no Nabi Abi Chedid.

Foto: Pedro Souza/Atlético-MG



Hulk (E) é a principal atração do Atlético Mineiro para o jogo deste domingo contra o Palmeiras



Ilustração: Tônio

Abraão Benjamin Calil Botto, que se tornou um dos cinegrafistas mais conhecidos do Brasil da década de 1930, também foi secretário da paróquia de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará

Abraão, o “cineasta” de Lampião

Libanês, que convenceu cangaceiros a atuarem como atores informais em um filme que seria negociado com Hollywood, morreu de forma misteriosa

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

O último 7 de maio marcou os 84 anos da misteriosa morte de Abraão Benjamin Calil Botto, o árabe que conseguiu filmar Lampião e seu bando em plena atividade nas caatingas nordestinas. Ele também foi secretário da paróquia do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará, e se tornou um dos cinegrafistas mais conhecidos do Brasil, na década de 1930, quando convenceu Virgulino Ferreira, Maria Bonita e seus cangaceiros a atuarem como atores informais de um filme quase negociado com Hollywood.

O cinegrafista estava hospedado em Pau Ferrado, no interior alagoano, onde fracassara na organização de uma vaquejada, segundo explica Frederico Eduardo Pernambucano de Mello em seu livro ‘Benjamin Abraão – Entre Anjos e Cangaceiros’. Frederico conta que Abraão estaria apaixonado – sem ser correspondido – por Alaíde Rodrigues de Siqueira, mulher de Zé de Rita, um artesão deficiente físico.

Ele saíra do hotel de Antônio Paranhos, à tardinha, para um passeio. Momentos depois, a energia elétrica da vila sofreu pane. Foi quando alguém atacou o árabe e desferiu-lhe 42 punhaladas. Paranhos ouviu os gritos de Calil na escuridão e tentou ajudá-lo, mas foi advertido por alguém: “Cai fora que a confusão aí é grossa”. Paranhos recuou. Essa morte foi

“**Cai fora que a confusão aí é grossa [foi o que o dono do hotel ouviu depois de escutar os pedidos de socorro de Abraão]**”

Testemunha do assassinato

testemunhada por muitos, mas ninguém denunciou nada. E até hoje o mistério permanece sobre a identidade do autor ou do mandante do crime.

No dia em que morreu, Calil amargava a falência de seus armazéns, provocada pelos gastos nos cabarés de Fortaleza e viu fluir, por entre os dedos, a fortuna deixada por seus pais, um rico casal libanês, parente dos Elihimas, prósperos comerciantes de Recife.

Dois anos antes, Abraão havia batido no endereço de Ademar Bezerra de Albuquerque, representante da Zeiss, em Fortaleza, e dono de uma loja de material fotográfico e de produção de imagens.

Com Ademar, acertou seu ambicioso projeto de localizar Lampião, filmá-lo e negociar a película com produtores brasileiros e norte-americanos. Apoiado pela Zeiss, a Aba Filme de Fortaleza e a Bayer, Calil

partiu bem equipado para cumprir o seu propósito. Dois homens de Lampião, Marreca e Juriti, em março de 1936, o localizaram perto das fazendas Lajeiro Alto e Poço do Boi, em Alagoas. Estranharam o equipamento que ele conduzia e resolveram levá-lo à presença de Lampião.

Vaidoso, Lampião foi obsequioso com o árabe e permitiu que ele passasse cinco dias com o bando, fazendo fotos e filmando. Tudo saiu bem e o árabe voltou outras vezes a encontrar-se com o cangaceiro. Mas Getúlio Vargas, cioso de cumprir a promessa de campanha de que iria acabar com o cangaço, deu carta branca para as volantes perseguirem Lampião sem tréguas e de “baixar a peia” nos coiteiros. O filme foi apreendido pelo Exército e Benjamin acabou curtindo uma cadeia de oito dias. Milhares de fotos de Lampião que ele iria comercializar também foram apreendidas.

Em 1938, foi o começo do fim. Benjamin ficou com dívida de três contos de réis, como resultado da má organização da vaquejada em Pau Ferrado. O credor não lhe dava tréguas e encurtou o prazo de pagamento. O árabe começou a propalar que, se os coronéis locais não lhe estendessem a mão, iria contar às autoridades quem eram os coiteiros de Lampião. Como resposta à sua ameaça, foi assassinado. E Lampião morreria em 28 de julho de 1938, dois meses e 21 dias depois do fotógrafo e cinegrafista Abraão Benjamin.



Foto: Biblioteca Nacional

O fotógrafo e cinegrafista libanês Abraão Benjamin ao lado do casal de cangaceiros famosos: Maria Bonita e Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião



Foto: Biblioteca Nacional

Lampião morreu em 28 de julho de 1938, dois meses e 21 dias depois de Abraão Benjamin ser assassinado em Alagoas, com 42 punhaladas

Padre Lindolfo

Nas disputas jornalísticas, não poupava acusações, nem adjetivos ofensivos

Hilton Gouvêa
hiltongouvvaraujo@gmail.com

O jornalista e advogado Lindolfo José Correia das Neves nasceu na capital da Paraíba em 5 de agosto de 1819 e morreu a 19 de maio de 1884, na mesma cidade. Filho do major de infantaria José Maria Correia e Maria Rita de Lima, aos 5 anos de idade foi morar em Portugal, fazendo, aí, os estudos fundamentais. Voltou ao Brasil e matriculou-se no Seminário de Olinda, por influência da avó materna. Foi ordenado padre em 10 de outubro de 1843.

Sem muita vocação para o clero, decidiu-se pela carreira jurídica, bacharelando-se em Direito pela Faculdade de Olinda. Retornou à cidade natal, passando a exercer a advocacia e o jornalismo. Em 1862, fundou O Publicador, primeiro jornal que circulou diariamente na Paraíba; caracterizou-se pelas polémicas travadas entre os outros órgãos de imprensa e que eram rebatidas e ridicularizadas pelo Bossuet da Jacoca, de Cardoso Vieira.

Dirigiu O Polimático e foi redator de O Liberal, semanário editado em 1877. Padre Lindolfo foi deputado provincial e deputado-geral em várias legislaturas, tornando-se conhecido pela eloquência dos seus discursos, feitos de improviso, com senso jurídico e independente. Exerceu as funções de secretário de governo, procurador-geral da Tesouraria da Fazenda, professor de Filosofia e Álgebra do Lyceu Paraibano. Também foi sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Olinda (IHGO).

Membro da Sociedade Auxiliadora do Instituto Nacional; foi agraciado com a Comenda da Ordem Imperial da Rosa, em 21 de março de 1860. Escreveu: 'Jesus Cristo e os filósofos'; 'A vida humana'; e 'O plágio e ensaios filosóficos'. Seus escritos eram sempre recebidos elogiosamente pelos detentores do poder, que formavam uma casta à qual padre Lindolfo sempre marcava presença.



Sem muita vocação para o clero, padre Lindolfo decidiu-se pela carreira jurídica e atuação no jornalismo

Ilustração: Hilton

angelicallucio@gmail.com



Foto: Reprodução

Quando Dom Pedro II esteve na Paraíba, em 1859, padre Lindolfo foi indicado para administrar a verba destinada à estadia da comitiva imperial e para dirigir as homenagens ao monarca do Brasil

Rivalidade com um jornalista sem papas na língua

Padre Lindolfo era um homem de muitas posses financeiras e em imóveis. Em sua vida profissional de jornalista, encontrou muitos desafetos, mas nenhum da tempera igual a de Pedro Cardoso Vieira, o senhor do Engenho da Jacoca, um negro também formado em Direito pela Faculdade de Olinda, republicano sem papas na língua e abolicionista, além de ser dotado de grande coragem cívica e pessoal. Os adversários de ambos costumavam dizer que Vieira e Lindolfo utilizavam o trabuco e o crucifixo, cada qual oferecendo o maior empenho para desmascarar um ao outro perante a opinião pública.

Quando Lindolfo elegeu-se deputado federal, simultaneamente já havia mudado

de partido e sempre permanecia naqueles favoráveis à linha política do Partido Conservador. Também conseguiu cargo estratégico na Corte. Isso aconteceu quando o relacionamento dele com Vieira estava mais azedo do que nunca.

Ao passar uma pilhéria jornalística para Vieira, através do seu jornal, O Publicador, o jornalista e advogado negro deu-lhe a seguinte resposta: "(...) Meu padre. Saiba que Deus consente, mas nunca para sempre. Ora, felizmente um rião (linguagem chula e abaixo do vulgar) já não mentiu tanto quanto vosso reverendíssimo injuriou o senhor doutor Rodrigues, dois, três, quantos anos?".

E Cardoso Vieira continuou: "O públi-

co desta cidade pode dizer e a coleção de O Publicador aí está para comprovar tudo. Vossa reverendíssima já esqueceu este detalhe? Injuriou o doutor Rodrigues sob todos os pretextos e debaixo de todas as formas criou anedotas, ilusões mais ou menos transparentes, porque sua imaginação, meu padre, quando se põe a serviço da maldicência é de uma fertilidade satânica".

Cardoso Vieira era dono de uma eloquência elegante, que beirava o orgulho. Ele discutiu com o brilhante professor Aurenco Coelho, professor examinador da faculdade, e isso lhe rendeu a suspensão temporária de sua banca examinadora por dois anos.

Cardoso Vieira e outros que não gosta-

vam de padre Lindolfo davam exemplos de que ele, o padre, gostava de viver junto ao poder e do dinheiro. Quando Dom Pedro II esteve na Paraíba, em 1859, ele foi indicado para administrar a verba destinada à estadia da comitiva imperial e para dirigir as homenagens ao monarca do Brasil. Como nasceu em 5 de agosto de 1585, acrescentou o sobrenome das Neves ao seu nome.

Em contraste com seu ponto de vista político, Lindolfo imprimia artigos na tipografia de José Rodrigues das Neves, ao lado de Diogo Velho, Manoel Caetano e Antônio da Cruz Cordeiro, ferrenhos e destemidos republicanos e abolicionistas. Todos estranhavam essa coexistência pacífica nesses momentos de escritos conflitantes.

Angélica Lúcio

O que aprendi com Nina Berman sobre imagens de vítimas de violência sexual

O cuidado na exposição de pessoas em situação de vulnerabilidade devido à violência sexual envolve questões éticas, mas vai além. Quando veiculamos imagens de uma sobrevivente, precisamos levar em consideração como ela se sente em relação ao tema e como irá reagir ao ver sua foto (ou imagens de parte de seu corpo) publicada. Imaginamos que mostrar apenas parte do corpo da vítima pode mantê-la no anonimato, mas há casos de pessoas que já foram identificadas pelos olhos ou pela roupa.

Ao pesquisar sobre o tema, encontrei um artigo da fotógrafa Nina Berman que me parece muito instrutivo. Nina é fotógrafa documental, cobriu conflitos na Bósnia e no Afeganistão e atua como professora de jornalismo na Universidade Columbia. O texto que li se refere ao contexto de Violência Sexual Relacionada a Conflitos (VSR), porém, também se aplica a várias situações de produção de imagens de pessoas em condição de vulnerabilidade (mulheres, homens, meninos e meninas).

Berman defende que imagens de estupro em conflitos e de sobreviventes de estupro precisam ser feitas e vistas amplamente. Mas desde que produzidas da forma correta. "Elas só precisam ser feitas de formas diferentes de modo a proteger as pessoas, respeitar o contexto e não perpetuar estereótipos".



Foto: Reprodução

Na era digital – Nina nos lembra –, as imagens têm uma vida útil que vai além da pauta. Por isso, "é crucial que as sobreviventes entendam como vão ser apresentadas visualmente e quais são as implicações disso", ressalta.

Além dessa dica, ela aponta mais algumas que todos nós devemos levar em consideração, buscando fazer escolhas visuais mais eficientes e éticas: 1. Há uma justificativa forte para identificar sobreviventes ou é mais seguro começar com o anonimato? 2. As sobreviventes deram seu consentimento

consciente para serem fotografadas ou filmadas? Elas entendem o alcance das redes sociais? 3. Há algo na imagem que poderia inadvertidamente revelar suas identidades? 4. Como eu posso colocá-las em uma imagem de modo que elas se sintam confortáveis com o resultado final? 5 E a verificação de ética básica: eu ficaria satisfeita se eu ou uma pessoa da família fossem fotografadas ou filmadas desse modo?

Além disso, Nina também nos leva a refletir sobre consentimento, inclusive na hora de produção das imagens. Pode ser que a

vítima queira ter alguém ao lado dela nesse momento, ou não. Após as imagens terem sido feitas, a orientação é que sejam mostradas às sobreviventes para permitir que elas digam se estão satisfeitas com a forma como foram registradas. "Assegure-se de que as sobreviventes entendam que as imagens podem circular por muito tempo e que podem ser compartilhadas em diferentes plataformas, inclusive nas comunidades das quais elas fazem parte", destaca.

Em relação ao tipo de imagem que muitas vezes é publicada, Nina Berman levanta ainda outra questão essencial: a responsabilidade de quem escolhe a foto que será veiculada. "Fotógrafos interagem com sobreviventes e tomam decisões sobre escolhas visuais. Mas cabe aos editores a decisão final sobre quais imagens devem ser feitas e escolhidas a partir de um conjunto de fotos antes delas chegarem ao público. O que pode ser apropriado para uma página interna – onde há significado e contexto – pode ter um significado completamente diferente se for usada sozinha em uma capt ou em um post no Instagram", pontua.

Para quem tiver interesse em saber mais sobre o tema, recomendo a leitura do artigo completo de Nina Berman ('Como usar imagens em matérias sobre violência sexual'), que está disponível no site da Rede de Jornalistas Internacionais.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Bossa-Nova – Parte 6

João Gilberto (conclusão) – É verdade que, em nível internacional, o 'First Bossa Nova at Carnegie Hall', realizado em 1962, proporcionou uma dimensão mais abrangente ao incipiente estilo/movimento denominado de Bossa-Nova.

Mas é evidente também, por outro lado, que a presença de João Gilberto no cenário musical norte-americano, além de impulsionar/alavancar os novos caminhos de nossa MPB, deu a ela uma espécie de novo status, sobretudo quando compositores e intérpretes, enfim, músicos vinculados ao moderno jazz incorporaram-se aos eventos musicais posteriores.

Foram sentimentos artísticos e musicais recíprocos que, neste sentido, aproximaram Stan Getz e João Gilberto.

Naquele ano mesmo, o saxofonista norte-americano, acompanhado pelo guitarrista Charlie Byrd, gravou um álbum denominado de 'Jazz Samba', cujo single 'Desafinado' (Tom Jobim e Newton Mendonça), que já havia sido incorporado ao repertório do artista baiano, superando as mais otimistas expectativas do mercado audiológico, atingiu vendas em torno de um milhão de cópias.

Estava aí o passaporte da Bossa-Nova para o ingresso no mercado norte-americano e, por tabela, mundial.

Esse evento levou outros músicos ligados ao jazz a adentrarem/aderirem em massa à gravação de vinculadas ao "novo" gênero musical que, por essa época, já fazia relativo sucesso entre nós.

Tom e João Gilberto foram então sendo convidados a realizar temporadas e gravações nos Estados Unidos, o que os levou a



permanecerem/residirem por lá durante bastante tempo.

É dessa época, 1963, a gravação do primeiro LP de Tom Jobim por lá, o 'The Composer of Desafinado Plays', com arranjos do conceituado maestro alemão Claus Ogerman.

Foi então que João Gilberto uniu-se a Stan Getz e gravaram um álbum antológico, em que universalizaram o 'The Girl of Ipanema'. Já casado (de 1959 a 1964) com Astrud (Evangalina Weinert) Gilberto (Salvador -BA, 1940), João Gilberto sempre a incentivou à profissionalização como cantora, desde um show quando do lançamento do segundo álbum dele, 'O Amor, O Sorriso e A Flor' (1960), quando ela "mostrou sua competência vocal".

A sua incursão definitiva de Astrud no universo bossa-novista ocorreu quando das sessões de Stan Getz e João Gilberto para a



Fotos: Reprodução

gravação do 'The Girl of Ipanema', em inglês, óbvio. Já havia sido feito um take que seria uma das mais importantes faixas do 'The Definitive Collection' ('Hits from the Sixties'). No single, para os mais exigentes, em sequência surge João Gilberto, cantando em nosso vernáculo; segue-se Astrud com a versão inglesa feita por Norman Gimbel; vem então um solo magistral de Stan Getz, ao qual se emenda a participação de Tom, ao piano; como num grand finale, em uníssono, os quatro encerram a gravação. Ocorre que a duração do take foi de 5'12", o que, para a época tornaria o single não comercial. Embora seja essa a versão primitiva da música, em inglês, foi a versão de Astrud que foi lançada na época, tornando-se assim a mais requisitada e tocada pelos disc jockeys (programadores radiofônicos) da época. Astrud tornou-se crooner do saxofonista.

O álbum 'Getz/Gilberto' passou a figurar em hits-paredes de quase todo o mundo, arre-

batando quase todos os prêmios e Grammys a que concorreu.

Após o sucesso e o reconhecimento universal, João Gilberto passou a residir nos Estados Unidos e no México, somente regressando em definitivo ao Rio de Janeiro na década de 1980.

A música estava impregnada no sangue e no coração do violonista baiano. Tanto é que, separado de Astrud, casou-se (de 1965 a 1971) com Maria Buarque de Holanda, a Miúcha (Rio, 1937-2018), filha de Sérgio Buarque de Holanda, portanto irmão de Chico Buarque. Do casal, nasceu (Nova Iorque, 1966) Isabel Gilberto de Oliveira, a Bebel. Ambas, mãe e filha, sempre passaram com desenvoltura no universo da música, aqui e alhures.

João Gilberto deixou-nos uma enorme herança musical, apesar de suas já citadas excentricidades e exigências perfeccionistas, motivos pelos quais sua discografia, na Odeon brasileira, jamais foi lançada.

Sua enorme discografia nos deixou algumas preciosidades: 'Chega de Saudade' (1959), 'O Amor, O Sorriso e A Flor' (1960), 'João Gilberto' (1961), 'Boss of the Bossa' (1962), 'Getz/Gilberto - 1º' (1964), 'Ela é carocca' (1970), 'João Gilberto em México' (1974, com uma versão emocionante de 'Farolito', de Augustin Lara), 'Amoroso' (1977), 'João Prado Pereira de Oliveira' (1980), 'Brasil' (1981), 'Live in Montreux' (1987), 'Stan Getz meets João e Astrud Gilberto' (1990), 'João' (1991), 'Getz/Gilberto - 2º' (1993), 'Eu sei que vou te amar' (1994), 'João Gilberto & Caetano Veloso em Buenos Aires' (1999), 'João, Voz e Violão' (2000), 'Brazil' (2000), 'Live at Umbria Jazz' (2002), 'In Tokio' (2004), 'Um Encontro ou Bom Gourmet' (2015) e 'Getz/Gilberto' (2016).



Foto: Divulgação



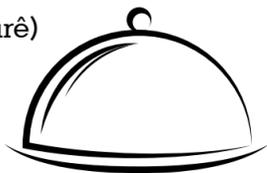
PRATO DO DIA

Cordeiro à Paraíba

Picanha de cordeiro grelhada com molho especial, queijo de coalho, acompanhado de arroz da terra, de alho e purê de macaxeira com hortelã.

Ingredientes

- 1 picanha de cordeiro temperada com sal e pimenta
- 2 rodela de abacaxi em cubos pequenos
- Folhas de hortelã
- 100 ml de cachaça
- 1 cebola roxa picada
- 2 colheres de sopa de manteiga de garrafa
- 2 colheres de geleia de abacaxi
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 1 xícara de arroz da terra
- 1 macaxeira pequena (para o purê)
- Alho torrado industrializado
- Açafraão da terra
- 2 colheres de queijo de coalho ralado
- 300 ml de leite



Modo de preparo

■ Coloque o arroz refogado no alho e na manteiga com toque de açafraão da terra. Ao lado, o purê de macaxeira, que já foi cozido e temperado com sal e pimenta do reino e folhas de hortelã. Coloque as duas fatias de picanha enfileiradas e ao lado o molho chutney de abacaxi por baixo. Por fim, coloque uma fatia de queijo de coalho por cima da picanha de cordeiro e sirva.



Preparo da carne e molho (chutney de abacaxi):

■ Grelhe a picanha já temperada com manteiga e reserve. Para preparar o molho, acrescente a manteiga e a cebola, dê uma leve refogada e acrescente o abacaxi. Em seguida coloque a cachaça e o restante dos ingredientes, deixe reduzir um pouco e sirva.

Walter
UlyssesChef de cozinha
| Colaborador

Influência africana na culinária brasileira

Os africanos quando foram trazidos para o Brasil já eram dotados de uma vasta sabedoria na culinária. Um dos produtos que podemos destacar como marcantes na influência da culinária brasileira é o azeite de dendê. Sem dúvida uma das maiores contribuições para a comida brasileira. É indispensável em inúmeros pratos típicos do Brasil, tanto diretamente como ingrediente, quanto indiretamente na confecção deles.

Pratos tipicamente brasileiros, como a feijoada, fruto da adaptação do negro às condições adversas da escravidão que, com sobras de carnes, somavam com a sabedoria da culinária africana. Vários foram os povos africanos trazidos ao Brasil. Daí vários conhecimentos culinários. Adaptaram-se àquela situação, resultando num dos pratos típicos mais apreciados em todo o país. Na culinária africana não podemos deixar de mencionar a utilização dos frutos do mar como parte da alimentação.

A culinária do Brasil é resultado de uma mistura de ingredientes europeus, indígenas e africanos. Muitas das técnicas de preparo e ingredientes são de origem indígena, tendo sofrido adaptações por parte dos escravos e dos portugueses. Esses faziam adaptações dos seus pratos típicos substituindo os ingredientes que faltassem por correspondentes locais. A feijoada, prato típico do país, é um exemplo disso. Os escravos trazidos ao Brasil desde fins do século XVI, somaram à culinária nacional elementos como o azeite de dendê e o cuscuz. As levas de imigrantes recebidas pelo país entre os séculos XIX e XX, vindos em grande número da Europa, trouxeram algumas novidades ao cardápio nacional e concomitantemente fortaleceu o consumo de diversos ingredientes.

A alimentação diária, feita em três refeições, envolve o consumo de café com leite, pão, frutas, bolos e doces, no café da manhã; feijão com arroz no almoço, refeição básica do brasileiro, aos quais são somados, por vezes, o macarrão, a carne, a salada e a batata; e, no jantar, sopas e também as várias comidas regionais. As bebidas destiladas foram trazidas pelos portugueses ou, como a cachaça, fabricada na terra. O vinho é também muito consumido, por vezes somado à água e ao açúcar, na conhecida sangria. A cerveja por sua vez começou a ser consumida em fins do século XVIII e é hoje uma das bebidas alcoólicas mais comuns.

Viva o povo africano! Eles são um dos maiores influenciadores na nossa gastronomia brasileira e nordestina, como também de mitos criados na culinária regional (que vamos detalhar em um outro momento).

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

QUENTINHAS

Em João Pessoa, a Kopenhagen, líder e precursora no segmento de chocolates finos no Brasil, conta com uma cafeteria exclusiva no Manaira Shopping, que encanta e conquista os clientes. Para este ano, a marca preparou bebidas inéditas para surpreender ainda mais o consumidor. Os lançamentos são servidos quentes em taças de 240 ml. Vale a pena conferir.

Tem novidade em João Pessoa. Acaba de chegar ao Manaira Shopping a primeira unidade da franquizada San Paolo Gelato, com novos sabores deliciosos. Você tem que conferir.

A distribuidora de sorvete e açaí Glaçai, empresa 100% paraibana, não para de investir em novos produtos. Desta vez a novidade veio em forma de bombom de sorvete, o Glacial Bom. É uma casquinha de chocolate recheada com gelato italiano. O bom é que eles vendem no atacado e no varejo. Mais detalhes no Instagram @glacial_e_glacai. E uma grande novidade é a sua mais nova loja no bairro de Manaira.